

Falta de Censo torna políticas públicas do país menos eficazes

Cancelado pelo governo Bolsonaro, o Censo Demográfico é a ferramenta que traça perfil populacional do país e indica caminhos para a formulação de políticas públicas. [Página 3](#)

Foto: Cácio Murilo/Divulgação



Produtos paraibanos para estrangeiro usar

Exportações alcançaram a marca de US\$ 33,4 milhões no primeiro trimestre do ano; calçados, álcool e açúcar são os produtos mais comercializados para outros países. [Páginas 17 e 18](#)

Economia

Foto: Evandro Pereira



Vida melhor Com auxílio do Semeiar e da Empaer, famílias do Semiárido voltam a acreditar em dias mais prósperos no campo. [Páginas 14 e 15](#)

Foto: Eduardo Tavares/Divulgação



'O Claustrom' Renomado artista visual, Flávio Tavares produz série de quadros que retratam a pandemia e fazem críticas ao governo Bolsonaro. [Página 9](#)

Cultura

Entrevista

Foto: Arquivo pessoal



Tatiana Medeiros Especialista fala sobre o papel de pais e professores no ensino remoto. [Página 4](#)

Paraíba

Mulheres adiam o sonho da gravidez por causa da covid

Entre tantos projetos adiados pela pandemia, a gestação também tem sido repensada por muitas mulheres. [Página 5](#)

Foto: Divulgação



Salvar vidas Homens e mulheres passam por um intenso curso de formação para integrar o Corpo de Bombeiros. [Página 7](#)

Esportes

Clássico sertanejo fecha hoje terceira rodada do Paraibano

Nacional de Patos e Atlético de Cajazeiras se enfrentam no estádio José Cavalcanti em busca da primeira vitória. [Página 24](#)

Correio das Artes

conta a incrível história do poeta russo Valério Perelêchin, que traduziu o paraibano Augusto dos Anjos para a língua de Dostoiévski. Edição também traz especiais sobre o editor Gumercindo Rocha Dorea, Wellington Pereira e o músico Alcides Neves



Almanaque

Fotos: Marcus Antonius/Arquivo



Modernização Construção da Avenida Eptácio Pessoa, cujo nome homenageia o ex-presidente da República, marca processo de expansão da capital paraibana. [Página 25](#)

Colunas

// Eu sempre gostei da canção 'Brasil Pandeiro' (...), uma canção que ainda hoje mostra que está na hora dessa gente bronzada mostrar seu valor. Valor nós temos, o que não temos é como matar a fome do Brasil, para ser mais exato. // [Página 10](#)

Kubitschek Pinheiro

// O fado tradicional busca sua temática na saudade de tempos idos, no telurismo das cidades, no sofrimento e na dor, no destino, no amor não alcançado ou mesmo perdido, mas não esquece a alegria das interioranas danças típicas. // [Página 27](#)

Professor Francelino Soares

Editorial

Modo de ser

Ética é assunto antigo – os gregos que o digam -, mas não perdeu sua importância. Pelo contrário, é tema que demanda constante reflexão, principalmente na atualidade, quando os índices de violência, de variada natureza, aconselham as pessoas, de todos os espaços, a meditar sobre o modo de ser; a finalidade do que pensam, dizem e fazem.

O livre arbítrio é entendido por muitas pessoas como o direito de fazer o que se deve, o que se pode e o que se quer. Fosse simples assim, não se teria civilização, mas barbárie. Se o objetivo final da ética é enxertar a pérola da harmonia na joia da convivência social, direitos e deveres individuais e coletivos devem ser criteriosamente disciplinados.

O princípio ético, por excelência, seria a consciência que cada cidadão e cidadã deveriam ter, no sentido de não prejudicar seus semelhantes por vontade própria, ou seja, agir para atender a interesses particulares, sejam eles escusos ou não. A estrita obediência às leis de um país seria uma maneira de se comportar fundamentado na ética.

Ocorre que as leis que regem as sociedades não caem do céu - mesmo nas comunidades teológicas são os homens e mulheres, em última análise, que decidem as regras de convivência social, sendo, portanto, necessário que todos tenham o direito de participar da elaboração, aprovação, rejeição ou de eventuais mudanças na legislação.

Entender a ética não é tão complicado. Ser uma pessoa ética, por exemplo, é não dar rasteiras nos colegas de trabalho, não jogar lixo nas ruas, não furar filas, não avançar o sinal vermelho, não roubar o patrimônio alheio, não ligar o som do carro nas alturas nos espaços públicos, usar máscaras de proteção e evitar aglomerações em tempo de pandemia.

No dia consagrado à ética, talvez seja um exercício de resultados positivos dedicar alguns minutos à análise da própria conduta, antes de derivar para o raciocínio acerca do modo de ser dos outros. Quem sabe não se chegue à conclusão que o que deu, ou está dando, errado é fruto das próprias escolhas, e já passa da hora de mudar de atitude.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Terrorismo praticado pelo Estado

A ditadura completava o seu décimo quinto aniversário quando se verificava uma forte divisão nos seus quadros das forças militares. Havia um grupo conhecido como “linha dura”, que não concordava com os encaminhamentos, embora de forma lenta, com que o governo Figueiredo promovia a redemocratização do país. E conspiravam nos quartéis a resistência ao processo de reabertura política que se efetivava.

Os trabalhadores organizaram, no dia 30 de abril de 1981, um evento que marcaria as comemorações do Dia do Trabalho. Programaram a realização de um show com artistas da música popular brasileira engajados nos movimentos de contestação ao regime. O local definido foi o Pátio de Convenções do Rio Centro, no Rio de Janeiro. Calculava-se em mais de vinte mil pessoas presentes ao ato festivo.

Não havia, portanto, cenário mais apropriado do que aquele para os militares que se opunham à abertura democrática promoverem uma ação que pudesse criar um clima de agitação política, na tentativa de que, assim, fossem justificadas medidas de endurecimento do sistema. A ideia era caracterizar como um ato terrorista da esquerda.

Não deu certo, o “tiro saiu pela culatra”, como se diz na linguagem popular. As bombas planejadas para serem explodidas nos geradores de energia do evento, e que esperavam causar pânico na multidão que assistia ao show, foram detonadas antes do tempo, em locais diferentes do que

havam projetado. A primeira delas num veículo Puma, que transportava os artefatos, onde estavam o sargento Rosário e o capitão Machado, fazendo com que o primeiro viesse a óbito e o segundo ficasse gravemente ferido. A segunda bomba explodiu próximo aos geradores, mas não provocou a sua danificação.

Tanto que o público só veio a tomar conhecimento dos fatos através de Gonzaguinha, quando de sua apresentação. Teria dito ao microfone: “Pessoas contra a democracia jogaram bombas lá fora para nos amedrontar”.

O atentado produziu ampla repercussão. O I Exército quis classificar o ato terrorista como algo feito por lideranças que eles rotulavam como subversivas. A farsa foi um fiasco, o governo pressionado por todos os partidos políticos e pela opinião pública, decidiu abrir um Inquérito Policial Militar para apurar as responsabilidades pelo acontecimento.

O presidente Figueiredo, cedendo às pressões da linha dura dos militares, substituiu o oficial que estava conduzindo as investigações por alguém que viria a fazer o jogo da ditadura. Essa atitude fez com que o General Golbery do Couto e Silva pedisse demissão do cargo que ocupava no governo.

Anos mais tarde, estava elucidada a trama. O atentado do Rio Centro foi arquitetado por altas patentes militares com um ano de antecedência. Na verdade, o terrorismo daquela noite fora praticado pelo Estado.

/// O I Exército quis classificar o ato terrorista como algo feito por lideranças que eles rotulavam como subversivas ///

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Beco do tempo

A Rua Fernando Delgado foi o primeiro conjunto residencial construído na Paraíba, na década de 1920, pelo Montepio do Estado. O primeiro habitante do conjunto foi o popular Antônio Menino, natural de Taperoá, neto de escravos, conhecido como o Porteiro da União, função que exerceu durante décadas. Nela também morou o escritor Virgínius da Gama e Melo, na sua juventude.

A Rua Fernando Delgado é pouco mais que um beco, constituída por 20 casas de alvenaria, conjugadas, de seis metros de largura cada uma, e, no máximo, 20 metros de profundidade, todas térreas. Na sua última casa, de nº 82, na esquina da Rua Fernando Delgado com a Av. dos Bandeirantes, o térreo já se encontra com cerca 100% de sua área ocupada por construção civil; agora, sobre esse térreo, estão fazendo um sobrado também com aproximadamente 100% de ocupação, o que contraria o código de postura municipal.

O sobrado destoa da harmonia do conjunto residencial, que é todo térreo, assim como agride a Mata da Bica, da qual está separado apenas por quinze metros, correspondentes à largura das calçadas e da Av. Bandeirantes (onde, a poucos passos, morou o escritor Luiz Augusto Crispim).

A Rua de Virgínius e Antônio Menino faz esquina com Av. dos Bandeirantes (Rua da Mata da Bica, ou seja, do Parque Arruda Câmara, re-

manescente da Mata Atlântica) e a Rua Desembargador Boto – que tem início em Tambiá, na esquina do Clube Astréa (onde foi o vice-consulado de Portugal) e da TV Cabo Branco. Este entroncamento de cinco bocas fica no fim da Rua Dep. Odon Bezerra e no começo da Mons. Walfredo Leal, que são a mesma rua: a Tambiá do escritor Coriolano de Medeiros. Assim, a Rua Fernando Delgado dá continuidade à Rua Princesa Isabel, descendo pequena ladeira em direção à Bica.

Este nome foi de uma liderança histórica que conseguiu emancipar a Paraíba da Capitania de Pernambuco, depois que, esgotada a exploração do pau-brasil, a Capitania Real da Paraíba fora rebaixada à condição de anexo da Capitania Hereditária de Pernambuco – status vil que a Paraíba nunca teve, pois foi fundada como Capitania Real, subordinada diretamente à Coroa Portuguesa.

Seria de bom alvitre que o zeloso e vigilante Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-PB), fizesse, junto à Prefeitura da capital, uma pesquisa no local, e, caso encontrasse prejuízos ao patrimônio urbano e natural, embargue e faça parar a construção do citado sobrado, destoante do conjunto arquitetônico, paisagístico e histórico, fazendo voltar a construção ao seu estado anterior – como o encontrou Antônio Menino, e ainda se encontram duas casas naquela artéria que atravessa o tempo.

/// A Capitania Real da Paraíba fora rebaixada à condição de anexo da Capitania Hereditária de Pernambuco. ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA: 99143-6762

A falta que o Censo faz para o Brasil e como afeta a Paraíba

Políticas públicas poderão ser prejudicadas com a quebra na sequência de dados; setor privado também é atingido

André Resende
andreolimpio89@gmail.com

Realizado de 10 em 10 anos, o Censo Demográfico do Brasil, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é o instrumento mais importante para o diagnóstico socioeconômico nacional. Agora, o Censo, que começou na ditadura civil-militar do país, primeiro sofreu com a redução das perguntas, depois foi adiado quebrando uma série histórica de décadas e, até o momento, segue incerto para ser realizado em 2021, entre negativas do Executivo e decisões do Judiciário.

Sem os dados apurados e consolidados pelo Censo, todos os níveis do Poder Executivo perdem a capacidade de desenvolver políticas públicas com devida eficiência. O setor privado também não fica de fora, pois, os dados desagregados, municipalizados, são valiosos no planejamento de investimentos. O próprio IBGE, órgão responsável pelo manejo das informações obtidas em cada uma das 5.570 cidades do Brasil, é abalado, tendo em vista que outras pesquisas dependem dos dados censitários para existirem.

Para Auseni Augusto de Araújo, funcionária aposentada do IBGE, responsável por participar de, pelo menos, quatro pesquisas do Censo no Brasil desde a década de 1980, é taxativa em afirmar que o descaso com o trabalho censitário é um projeto político do presidente Jair Bolsonaro (sem partido). Ela explica que a tendência é de que os dados que a grande pesquisa nacional mostraria poderiam refletir negativamente na avaliação pública da gestão Bolsonaro, situação que o presidente aparenta querer evitar.

“Não há ferramenta mais precisa para termos um retrato do país que o Censo. É por

meio dele que conseguimos dimensionar a renda da população e a quantidade de pessoas que dependem das políticas de Estado //

A funcionária aposentada do IBGE lembra que a primeira investida do governo Bolsonaro foi na redução do número de perguntas, caindo de 112 para 76, uma redução de 32% da capacidade da pesquisa. Posteriormente, veio o anúncio da quebra histórica do Censo por décadas, com o adiamento

“É por meio dele que conseguimos dimensionar a renda da população e a quantidade de pessoas que dependem das políticas de Estado //

to da sua realização de 2020 para este ano sob a justificativa conveniente da pandemia do novo coronavírus. E em 2021, por fim, mais um ataque com uma nova postergação, desta vez sob o argumento de falta de recursos.

Auseni Augusto, representante na Paraíba do Sindicato dos Trabalhadores do IBGE, lembra que para realização do Censo em 2021, assim como nos demais, são necessárias reuniões e treinamentos prévios para capacitação de todos os envolvidos, desde os funcionários do órgão, até os próprios gestores municipais, que atuam no suporte aos censitários e coordenadores.

Para o Censo que segue

indefinido, Auseni Augusto revela que a parte inicial dos treinamentos foi realizada, restando apenas poucas etapas finais, que só não foram concluídas justamente pela suspensão das atividades relacionadas por falta de orçamento. Antes mesmo do impasse, um concurso público foi realizado para contratação de pessoas para atuarem no Censo. De toda forma, houve um investimento público prévio que ficou comprometido, no mínimo sem serventia, com a sequência de adiamentos.

“A base cartográfica, o contato com as prefeituras, a formação de comissões, chegou a haver até uma primeira reunião, mas foi suspenso por falta de verba. Porém, a primeira fase do Censo já estava praticamente concluída, faltando só a didática do Censo 2021. Muito dinheiro público já tinha sido investido”, explica.

Se o problema era a falta de recursos para dar prosseguimento à campanha censitária, a professora do Departamento de Geociências da UFPB, doutora em Geografia pela Unesp e integrante da Rede Observatório das Metrópoles Núcleo PB, Andréa Porto, acredita que outras alternativas poderiam ser adotadas pelo Governo Federal para não deixar de fazer o Censo.

“Poderíamos fazer com que os entes federativos trabalhassem compartilhando os dados a partir de uma mesma metodologia de extração. A outra maneira mais barata, adotada em alguns países, é a da autodeclaração. O cidadão preenche as informações que constam no formulário e remete pela internet. Estamos falando aqui de alternativas para mostrar que falta de orçamento não é justificativa para não realização. O ideal segue sendo a metodologia que é adotada pelo IBGE há várias décadas”, destaca a professora.



Foto: Licia Rubinstein/Agência IBGE Notícias

Especialistas comentam as consequências da não realização do Censo 2021 e quais poderiam ser as alternativas

Investimentos privados impactados

O Censo é o instrumento mais importante que um país tem para construir políticas públicas mais efetivas. Considerando o tamanho continental do Brasil, é a única pesquisa que chega a todos os municípios da Federação, fornecendo dados topográficos físicos (relativos à ocupação do solo), e sociais. É por meio dele que é possível uma homogeneização para pesar todas as pesquisas e foi através dele, por mais de 50 anos, que as políticas de desenvolvimento foram elaboradas.

A professora do Departamento de Geociências da UFPB, Andréa Porto, rememora que os principais programas sociais das últimas décadas só foram possíveis porque haviam dados sólidos obtidos pelo Censo. “Muitas das políticas públicas empregadas no Brasil, como o Prouni, Minha Casa, Minha Vida, a própria reestruturação do SUS, todos tiveram como base os dados do Censo. Ele é importante não só para novas políticas, mas também para avaliar a eficácia das que já foram adotadas”, avalia.

A pesquisa científica também sofre com a ausência de dados atualizados que mostram um retrato do país. Mui-

tos dos trabalhos desenvolvidos nas universidades também dependem das informações coletadas no Censo. “Os dados consolidados mais recentes que temos são de 2010. Além da quebra histórica de décadas, que é importante na análise comparativa, a gente tem um dano às pesquisas científicas”, acrescenta Andréa Porto.

No setor privado, o planejamento para investimentos que podem gerar renda e emprego, além de movimentar a economia também ficam comprometidos. O professor do Departamento de Economia da UFPB, Paulo Monte, explica que, assim como o público, o privado necessita de informações socioeconômicas em nível mais desagregado possível para fazer sua política de planejamento de investimentos.

“O Censo dá esse nível de desagregação em nível municipal. O setor privado ao elaborar uma política de investimento precisa conhecer alguns nichos de mercado. Sem essa informação mais atualizada do mercado consumidor, do potencial de consumo de uma determinada região, fica com seu planejamento altamente prejudicado”, conclui o professor.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

FREI ANASTÁCIO SOBRE LIBERAÇÃO DE AGROTÓXICOS NO PAÍS: “ESSE GOVERNO ESTÁ ENVENENANDO O BRASIL”



Foto: Cleia Viana/Câmara dos Deputados

A fala do engenheiro agrônomo Leonardo Melgarejo, em entrevista ao programa Giro Nordeste, reproduzida em A União, sobre o uso indiscriminado de agrotóxicos no Brasil, deu mote para que a coluna provocasse o deputado federal Frei Anastácio (foto), do PT, a opinar sobre o tema – ele é um dos parlamentares que mais atuam contra o que ele chama de permissividade do Governo Federal na liberação de tais produtos. “Bolsonaro, em pouco mais de dois anos de governo, já bateu todos os recordes de liberação de agrotóxicos no Brasil. Ele já atingiu, até março, o número de 1.034 novos agrotóxicos liberados, mais 40 aprovados esta semana pela Anvisa para comercialização no Brasil. Esse governo está envenenando o Brasil. Agora, vemos a Anvisa reprovar vacina da Rússia, mas aprova 40 novas marcas de venenos, muitos deles banidos em diversos países pelo mal que causam ao meio ambiente e à saúde humana. É triste dizer, mas nesse governo, as porteiças estão abertas para o veneno. Ele faz o que os poderosos do agronegócio querem. Não há outra saída para acabar com isso a não ser o impeachment de Bolsonaro”.

“SÃO MAIS PERIGOSOS”

É oportuno registrar a declaração do agrônomo Leonardo Melgarejo, que contextualiza o tema da liberação indiscriminada de agrotóxicos no país: “O governo não tira os anteriores de circulação, o que nos permite identificar que, na verdade, esses novos produtos são mais baratos e, consequentemente, mais perigosos”.

NO DIA DE SÃO JOSÉ

A propósito do engajamento de Frei Anastácio no combate ao uso indiscriminado de agrotóxicos, ele é autor do projeto que cria o Dia Nacional de Combate ao Uso de Agrotóxicos, aprovado na Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara. Propõe que a data seja 19 de março de cada ano, Dia de São José.

“NÃO TEREI DIFICULDADES”

“Sou do grupo de Cícero Lucena, Aguinaldo Ribeiro, que tem essa harmonia [para discutir posições]. Então, não terei dificuldades se o prefeito Cícero apoiar João Azevêdo, em ajudá-lo”. Do presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, Dinho Dowsley (Avante), em entrevista a uma emissora de TV da capital.

“PACOTE DE MALDADES”

Do deputado Jeová Campos (PSB), em crítica ao projeto do governo que autoriza a exploração de serviços postais pela iniciativa privada: “É mais um capítulo triste de um pacote de maldades, que está entregando de bandeja o patrimônio nacional ao capital especulativo, colocando em situação complicada os servidores [dos Correios] e a soberania nacional”

SERVIÇO DÁ LUCRO

À coluna, Jeová Campos ressaltou “que os Correios deram lucro de R\$ 930 milhões, em 2019, e de R\$ 1,5 bilhão, no ano passado”, fato este que “não justifica a privatização”. Para ele, “a privatização irá prejudicar, sobretudo, a população de municípios menores, onde a logística dos serviços postais não alcança a população”.

JULIAN DIZ QUE NÃO VÊ ROMERO “COMO LÍDER”

Para o deputado Julian Lemos (PSL), o ex-prefeito de Campina Grande, Romero Rodrigues (PSD), tenta passar a ideia de que é amigo de Bolsonaro para se promover, politicamente, insinuando que ele força ter influência com o presidente. Disse que não vê Romero “como líder” e que não apoiaria uma eventual candidatura dele ao governo.

Tatiana Medeiros,
Pedagoga

“A leitura é uma conexão entre pais, filhos e escola”

Sobre o ensino remoto, especialista em gestão escolar ressalta papel do professor na busca por novas aprendizagens

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Professores e estudantes precisaram se adaptar aos novos formatos de ensino diante da pandemia do novo coronavírus. Além dos desafios comuns do período de alfabetização e letramento, as dificuldades relativas ao ensino remoto acrescentaram um desafio a mais a esta fase das crianças, ressaltando a importância da colaboração e acordo entre o ambiente escolar e o familiar. Com o novo formato de aulas, pais e professores

precisam estar alinhados para o melhor desempenho possível das crianças.

Tatiana Medeiros dos Santos é doutora em Educação e especialista em Educação Infantil e Gestão Escolar. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Maurício de Nassau, ela também dá aulas na rede pública de ensino de João Pessoa. Com anos de experiência como pedagoga, Tatiana explica como percebe o período e os desafios da Educação com o ensino remoto em uma entrevista para o Jornal A União.



Fotos: Arquivo pessoal

A entrevista

As aulas remotas dificultam, de alguma maneira, o processo de alfabetização das crianças? Se sim, como? Se não, por que?

Eu acredito que lecionar no mesmo espaço em que o aluno esteja presente tem um efeito muito bom, mas não reprovoo o uso das tecnologias como possibilidades de aprendizagem. Apenas alunos e professores estão separados pelo espaço, pois a aula remota significa alunos e professor on-line. O que vai mudar são as tecnologias usadas por meio do uso da internet e recursos que os professores irão utilizar para se aproximar desse aluno virtualmente e fazer com que a aprendizagem aconteça de fato.

Como adequar as atividades de leitura para crianças nesse formato remoto?

Não estou aqui para passar receitas prontas, esse não é o meu perfil. Acredito que por meio das tecnologias móveis há diversos recursos pedagógicos para promover a alfabetização e o letramento da criança. Neste caso, houve uma corrida por parte dos professores e escola, no sentido de se atualizar e dar conta da diversidade de possibilidades de trabalhar com tecnologias e uso da internet para lecionar junto aos alunos e, por que não, para alfabetizá-los.

Como é possível avaliar essas crianças durante a pandemia?

Mais uma vez, lembro que não estou aqui para dar respostas prontas, acredito muito no diálogo entre escola e família no sentido de buscar caminhos para promover novas aprendizagens junto às crianças, respeitando a realidade de cada escola. Por exemplo, podemos lecionar por tecnologias variadas, cabendo a escola escolher qual será a sua ferramenta de trabalho e avaliar essas crianças por meio das atividades realizadas de forma impressa ou enviadas por um link, no qual a criança marca a resposta correta de forma fechada ou aberta defendendo o seu argumento sobre determinada resposta. Assim, vamos descobrindo por meio das tecnologias possibilidades de avaliações e feedback de como se encontram esses alunos para melhorar sua aprendizagem. Também pode acontecer por meio do envio de gravação de vídeos e áudios com a criança respondendo às atividades de forma oral ou escrita e com ajuda sempre de um adulto para fazer o manuseio da ferramenta de aprendizagem e o envio para a professora. E por que não realizar a leitura dessas crianças à distância, que também faz parte do processo de alfabetização. Tudo isso vai depender das tecnologias disponibilizadas pela escola e a sensibilidade de entender a realidade de qual tecnologia de fato está chegando aos nossos alunos e como estão sendo usadas em casa.

A leitura é uma forma de conexão entre pais e filhos nesse período? Como a família pode estimular esse vínculo?

Considero a família primordial nesse processo. A leitura é sim uma conexão entre pais e filhos, e acrescento escola, pois o professor orienta como deve acontecer e o que esperamos é que esse aluno tenha um adulto que o acompanhe auxiliando-o nessa leitura e nas atividades

propostas pelo professor. Por isso, é muito importante que essa criança entre nas aulas on-line tenha uma rotina de estudos e que auxilie essa criança a compreender que apesar de alunos e professores se encontrarem em espaços diferentes, a aula pode acontecer.

Que ações podem ser possíveis para diminuir o analfabetismo funcional neste período de pandemia e distanciamento social?

Eu defendo que as escolas devem realizar o planejamento, junto aos seus professores, para que suas aulas aconteçam no sentido de lecionar e propor atividades em que esteja presente o letramento. Dessa forma, propor aulas mais ativas, interativas, participativas e motivadoras respeitando sempre a realidade do aluno.

Você acredita que a pandemia pode acentuar os índices de eficiência na alfabetização em razão da desigualdade social?

Eu acredito que nossos professores são competentes para realizar suas aulas de forma ativa, independentemente da plataforma escolhida para ensinar. Conheço professores dando aulas por meio de plataforma cheia de possibilidades de se trabalhar com diversos recursos pedagógicos e conheço professores em que, a forma que têm para chegar nos seus alunos, são por meio do WhatsApp e também está dando conta do trabalho com criatividade e suas metodologias de ensino. O que me preocupa é a falta do recurso tecnológico e uso de internet limitado dessas crianças. Temos crianças que podem receber o material na sua tecnologia disponível em casa, mas não podem abrir o arquivo por não ter internet suficiente para estudar o mês inteiro. Mas, vamos lá, ainda tem os envios de materiais impressos, o im-

portante é não desistir dessa criança e tentar fazer o seu melhor.

Qual o impacto do ensino remoto na formação dos estudantes?

Penso que o assunto é muito delicado e complexo. Ao mesmo tempo, posso dizer que os impactos são muitos e considero cedo para falar sobre todos eles, é preocupante, pois dependemos de como essa criança está em casa estudando ou não, por diversos motivos que não se resumem à metodologia adequada de ensino, são questões sociais, econômicas, psicológicas, emocional... A grande pergunta que ainda não tem resposta é: como vamos fazer para superar todo esse momento difícil que estamos enfrentando?

O que muda no papel do professor e qual a importância dos pais nesse novo contexto?

O professor está mais dedicado ao seu aluno e na busca sempre por promover novas aprendizagens. Recomendo à família estar mais próxima de seus filhos e auxiliá-los na rotina de estudos, pois uma criança seja no ensino presencial ou no remoto, precisa e muito desse auxílio em casa. Não é à toa que nossas legislações defendem a união entre família e escola.

Que impactos você acredita que a pandemia pode trazer para a educação, no geral?

Eu acredito que a educação remota é possível, mas precisa ainda de muito apoio e estrutura para acontecer, de fato, junto aos nossos alunos. Acredito que a educação escolar nunca mais será a mesma, vamos ter a inclusão do ensino híbrido e as tecnologias finalmente serão abraçadas dentro dos muros da escola. Estamos numa verdadeira revolução tecnológica fora e dentro dos muros da escola.

“Eu acredito que nossos professores são competentes para realizar suas aulas de forma ativa, independentemente da plataforma escolhida para ensinar”



“Recomendo à família estar mais próxima de seus filhos e auxiliá-los na rotina de estudos, pois uma criança, seja no ensino presencial ou no remoto, precisa desse auxílio em casa”



Covid faz mulheres adiarem os planos para engravidar

Médicos dizem que orientação é aguardar até a pandemia diminuir, mas que decisão cabe a cada mulher

Lucilene Meireles
lucileneireles@epc.pb.gov.br

A pandemia da covid-19 mudou a vida da humanidade e influenciou até mesmo nas decisões pessoais das famílias. Muitas mulheres que tinham planos de engravidar chegaram à conclusão de que seria mais seguro adiar a gestação por conta da doença. Seja por medo e, claro, pelo senso de proteção a si e ao filho, elas decidiram que esta não seria uma boa hora para engravidar. Algumas tomaram a decisão por conta própria e essa passa a ser também a recomendação do Governo Federal, que está orientando as mulheres para, se puderem, adiarem a gravidez até o fim da pandemia.

A explicação para postergar uma gestação neste momento é simples. As gestantes fazem parte do grupo de risco para o coronavírus pela maior probabilidade de sofrerem complicações e necessitarem de cuidados intensivos, constatação do Centro de Controle de Doenças (CDC), dos Estados Unidos.

“A pandemia trouxe medo a todos nós, ou pelo menos à grande maioria. Notei que, no início de tudo, o medo das gestantes era em relação a não sabermos se o novo coronavírus causaria problemas físicos, assim como a zika causou microcefalia nos bebês. Ao longo desse último ano, a visão foi mudando. Agora o receio está na saúde mater-

no-fetal, e as mulheres que não têm pressa em engravidar, estão deixando para fazer isso em um momento posterior”, analisou o obstetra Danilo Torres Matos.

No momento atual, segundo ele, a nova variante P1, que tem origem em Manaus (AM), mostrou-se mais agressiva em gestantes e puérperas. “Isso nos leva a orientar as tentantes a adiarem a gravidez, se possível, já que estamos com média de 30% a mais de gestantes contaminadas e sintomáticas no momento”, ressaltou.

Porém, conforme o especialista, a decisão é pessoal. “Nós, como obstetras, devemos esclarecer os pontos onde as gestantes ficam mais vulneráveis diante da infecção, mas cabe a elas decidirem o momento em que desejam gestar. Tomada a decisão, ela será amparada pela rede de apoio com o objetivo de ter uma gravidez o mais saudável possível”, acrescentou o médico.

Até quando adiar?

Mas até quando adiar os planos? “Essa é uma grande incógnita. Não sabemos. O ideal seria que fosse no momento em que pelo menos 70% da população estivesse vacinada. Mas, no ritmo que estamos, vai demorar um bocadinho para isso acontecer”, constatou o obstetra Danilo Torres Matos.

Ele relatou que tem recebido no consultório algumas gestantes e



Leninha Vieira, o marido e a filha: “Resolvi adiar meus planos de engravidar para quando a crise sanitária estiver sob controle”

lactantes manifestando o desejo de tomar a vacina. Para o especialista, o desejo de tomar a vacina é muito importante, inclusive porque as vacinas são produzidas com tecnologias muito seguras.

“As tecnologias empregadas especialmente nos dois tipos de vacinas que estão disponíveis no

Brasil já são utilizadas em outros imunizantes aplicados em gestantes há muito tempo, o que nos tranquiliza. Então, quando as gestantes forem convocadas, dentro do seu grupo, devem ser vacinadas, após orientações do seu médico obstetra”, observou.

O médico ressaltou que as ges-

tantes precisam tomar os mesmos cuidados estabelecidos para a população em geral, entre eles, a lavagem frequente das mãos com água e sabão, a higienização regular das mãos com álcool gel, evitar ir ao pronto atendimento, usar máscara e, principalmente, ficar o máximo de tempo possível em casa.



Casais enfrentam medo e expectativa antes de tomarem decisão

Mãe de Nicole, de nove anos, a corretora de imóveis Leninha Vieira está entre as mulheres que deixaram para encomendar um filho mais adiante. “Eu estava na expectativa de engravidar em 2020, mas o tempo foi passando e eu percebi que a pandemia não ia embora tão cedo. Por conta dessa situação, resolvi adiar meus planos de engravidar para quando a crise sanitária estiver sob controle”, declarou.

Ela confessou que sentiu muito

medo quando acompanhou alguns casos de mães que morreram ao terem seus quadros de saúde agravados em consequência da covid-19, deixando filhos pequenos, sozinhos. “Por isso, eu resolvi dar um tempo”, destacou. Na verdade, a decisão foi tomada em comum acordo com o marido, o bombeiro militar Edvan Costa da Silva. “Eu não estava sabendo dessa orientação do Governo Federal, mas me resguardei um pouco pensando na vacina que, infelizmente, ainda não colocou todas as gestantes na prioridade. Minha maior preocupação era engravidar, ser contaminada pelo vírus e colocar a minha vida e a do meu filho em risco”, afirmou.

Embora o lado emocional fique abalado em razão do cenário com tantos casos graves e mortes, ela garante que está procurando manter a tranquilidade, pelo menos em relação a uma possível gravidez mais adiante. “Sei que Deus está no controle de tudo e tem o melhor para minha vida e da minha família. cremos que tudo isso vai passar e

que o Senhor vai fazer a vontade d’Ele nas nossas vidas”, acrescentou.

Gravidez inesperada e tensão

Trabalhar numa UTI covid por horas a fio acompanhando de perto a situação de pacientes acometidos pela doença foi um motivo forte para que a fisioterapeuta Jéssica Rammayanne Ferreira da Fonseca e seu marido, o técnico em refrigeração Emerson Cruz, decidissem adiar os planos de ter um filho.

A ideia do casal era encomendar o herdeiro quando ela completasse 27 anos, mas diante da pandemia, concluíram que seria melhor deixar para um momento mais seguro. Outro fator que pesou na decisão foi que ela estava num momento de ascensão profissional e haveria tempo para aumentar a família mais adiante.

A decisão, porém, foi por água abaixo. Quando menos esperava, a fisioterapeuta descobriu que seu bebê estava a caminho. “Eu tinha ficado de plantão na UTI covid à noite e, pela manhã, descobri que estava grávida. Eu pretendia sim engravidar, mas não nesse momento tão conturbado. Se pudesse, com certeza não teria sido agora”, contou ela que, há uma semana, deu à luz Mariah.

Jéssica contou que o medo a acompanhou durante a gestação. “Eu tive covid antes de engravidar e fiquei muito preocupada em contrair novamente a doença e passar para o bebê. Além disso, como ainda há muito o que se descobrir em relação à covid, tive medo por conta das complicações que estão acontecendo. Graças a

Deus, está tudo bem”, comemorou.

Mariah nasceu saudável, com 52 centímetros e 4.715 quilos. “Realmente, ter um filho agora não era o planejado. A gente não esperava. Logo no começo, tivemos muito medo. Depois fomos nos acostumando com a ideia, tomando todos os cuidados e, no final, deu tudo certo”, acrescentou Emerson Cruz.

Recomendação do MS

O Ministério da Saúde recomendou, no dia 16, que as mulheres adiem os planos de engravidar diante enquanto durar a pandemia da covid-19. A orientação se baseia no fato de que as novas variantes do coronavírus têm se apresentado de forma mais agressiva em gestantes. A orientação deixa livres as mulheres mais velhas que queiram engravidar.

Em nota técnica, o MS orienta que todas as grávidas e puérperas (período pós-parto) sejam colocadas no grupo prioritário para receber a vacina contra a covid-19. Em 15 de março, o governo já tinha incluído as gestantes com comorbidades. A ressalva é que as grávidas com doenças pré-existentes são vacinadas primeiro. A etapa atual da vacinação tem como foco pessoas com comorbidades e com deficiência permanente.

Entre as orientações, as gestantes devem respeitar o intervalo de no mínimo 14 dias entre a administração da vacina contra a influenza ou outra vacina do calendário de vacinação da gestante/puérpera e a administração do imunizante contra a covid-19.

Jéssica Ferreira com o marido e Mariah:

“Eu pretendia, sim, engravidar, mas não nesse momento tão conturbado. Se pudesse, com certeza não teria sido agora”





A antiga e a atual sede da Associação Médica de Campina Grande, entidade criada por Elpídio de Almeida, com o objetivo de mobilizar a classe médica e contribuir para desenvolver a prática da medicina na cidade

80 anos de história e evolução da Associação Médica de CG

Criada no dia 4 de maio de 1941, a entidade realizará uma programação on-line na terça-feira para marcar a data

Ana Flávia Nóbrega

anafavia@epc.pb.gov.br

Enquanto o mundo vivia o terror da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1941, Elpídio Josué de Almeida fundava, no dia 4 do mês de maio, a Sociedade Médica de Campina Grande. O intuito do médico, historiador e político paraibano era o de buscar a evolução da prática da medicina na cidade. Para isso, a sociedade que hoje é a Associação Médica de Campina Grande (AMCG), segundo Evaldo Dantas da Nóbrega, atual presidente da entidade, a associação tinha por objetivo reunir médicos para pensar e buscar soluções de evolução na prática e pesquisa da medicina na Rainha da Borborema.

“Em 1941, o Dr. Elpídio de Almeida sentiu a necessidade dessa instituição para que pudesse existir o debate científico para pensar a medicina, a sociedade recebia muitos médicos e pesquisadores. Ele queria mobilizar a classe médica do ponto de vista de posicionar a cidade a nível nacional e até internacional nos avanços da área médica. Ele conseguiu inaugurar uma sede física e iniciar os debates. Já em 1964, no centenário de Campina Grande, houve um congresso trazendo pesquisadores do Brasil inteiro, colocando a cidade nesse mapa”, afirmou Evaldo Dantas da Nóbrega.

Como um dos frutos da criação da associação, Elpídio de Almeida, que será um dos homenageados na ocasião de comemoração octogenária, foi peça fundamental, através da Associação Médica, na criação da primeira faculdade de medicina em Campina Grande. Marco importante para o crescimento da prática na cidade.

“A faculdade em Campina Gran-

de foi um marco muito importante porque as pessoas que antes precisavam se deslocar para outras cidades e estados passaram a não mais sair de Campina. Foi muito importante também para que essa luta consolidasse a medicina aqui na cidade. Quem mantinha era uma sociedade mantenedora, começou sendo uma instituição privada e agora é federalizada”, lembrou o presidente da associação.

O Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (Ipase), foi fundado em 10 de dezembro de 1950 e viria a se tornar o palco para a integração da Faculdade de Medicina de Campina Grande, em pleno funcionamento até os dias atuais. Com a extinção em 1974, o Ipase deu lugar ao nome de Hospital Universitário Alcides Carneiro, veiculada a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), um dos maiores hospitais em funcionamento no estado e com maior número de especialidades atendidas.

“Desde que o HU foi fundado, em 1950, os médicos que ajudaram a fundar, eram os que faziam parte da Associação Médica de Campina Grande. Quem trouxe o hospital para Campina Grande foi o jurista Alcides Carneiro, que hoje nomeia a unidade, pensando em suprir a demanda que a cidade já recebia. Quando foi fundado, ele se chamava Ipase, Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado. Foi o maior hospital que tivemos, vinha gente de outros estados para serem atendidos aqui, na década de 50”, relembra o médico Evaldo Dantas da Nóbrega.

Uma história marcada por luta em busca de superar grandes obstáculos para os médicos que significam, na prática, benefícios para a sociedade. Desde sua criação, a enti-

dade busca o avanço da medicina em Campina Grande para que a população seja a maior favorecida. Gestos humanitários e de contribuição social são os alicerces que norteiam a AMCG até os dias atuais.

“Para mim, além de ser um prazer e satisfação muito grande, como integrante da associação, é incrível poder ser o presidente e celebrar uma data tão histórica. São oito décadas de desenvolvimento da medicina em Campina Grande, de ajuda e auxílio para que a medicina chegasse no nível que chegou hoje”, ressaltou Evaldo Dantas da Nóbrega.

Com um propósito tão claro e fundamental, a Associação Médica de Campina Grande foi reconhecida como de utilidade pública, em 1952 pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, e em 1963 pelo Governo do Estado, ambos através de leis sancionadas.

De acordo com seu estatuto interno, a AMCG “É uma entidade sem fins lucrativos, apolítica, associativa, tem caráter científico e sociocultural. É disseminadora de estudos na área de saúde e, no estatuto, temos também o papel de orientar os poderes públicos sobre a saúde da cidade para a tomada de decisões, a partir desta colaboração”, lembrou o atual presidente da entidade.

Além disso, são finalidades da associação: Promover o aprimoramento dos conhecimentos científicos dos seus membros através de apresentação de trabalhos, simpósios, cursos, congressos, etc. Manter intercâmbio com as congêneres; Colher Informações Técnicas de interesse dos Associados; e Defender as principais Deontologia Médica.

Programação

Devido a pandemia da covid-19,



Foto: Divulgação

Evaldo Dantas da Nóbrega, atual presidente da Associação Médica de Campina Grande

a comemoração dos 80 anos de Associação será através de uma live operacionalizada pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na próxima terça-feira, dia 4, às 20h. A cerimônia contará a participação de cinco pessoas compondo a mesa, sendo eles o atual presidente, Evaldo Dantas da Nóbrega, Dra. Alana Abrantes, tesoureira da AMCG, o médico André Brasileiro, que fará homenagens a memória de Elpídio Josué de Almeida e Raul Torres Dantas; Vanderley de Brito, presidente do Instituto Histórico de Campina Grande - Casa Elpídio de Almeida; e ainda o Superintendente do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), Mário Oliveira Filho.

Além disso, terá a colocação da placa das Bodas de Carvalho na sede da Associação Médica de Campina Grande.

Mesmo com papel fundamental

no exercício médico na cidade serra-na, a associação tem uma defasagem significativa de novas adesões de jovens estudantes de medicina e médicos que estão iniciando o exercício profissional na cidade. O que resulta na lamentação de seus membros que, durante oito décadas, lutaram diariamente pelo avanço da medicina na cidade. Para tentar mudar a realidade atual e renovar a entidade, o presidente Evaldo Dantas da Nóbrega convoca os jovens para ingressar na associação. “Lamentavelmente não está tendo a felicidade de cada vez mais trazer mais associados jovens, que estão se distanciando da parte científica dentro da sociedade médica, e temos uma luta grande para tentar mudar essa realidade. Precisamos que os jovens entrem e deem continuidade do trabalho da Associação Médica”, finalizou o mandatário.

Memória

André Brasileiro
Especial para A União

Dr. Elpídio de Almeida

“A Medicina é a mais alta expressão do bem”. Com esse preceito norteando seus atos, viveu o Dr. Elpídio Josué de Almeida.

A memoriosa cidade de Areia-PB foi berço, em 1/9/1893, da personalidade mais importante da história médica de Campina Grande, que fincou raízes nos três desafiantes campos nos quais atuou, como médico, político e historiador.

Formando-se em 1918 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, descrito pelos colegas de turma como “uma inteligência fora do comum, um coração bem formado, uma força de vontade sem limites...” volta às nossas terras para abraçar Campina Grande de vez em 1924.

Inicia a primeira parte de sua tríplice carreira como médico, carregando em seu currículo uma obra magistral, a sua tese de doutoramento,

“Esquistossomose Mansônica”, até hoje referência obrigatória dos estudiosos desse mal tropical.

Em 1941, dá mais um valioso passo para a nossa história médica como fundador e primeiro presidente da Sociedade Médica de Campina Grande, o futuro berço de numerosas conquistas, entre elas a da nossa Faculdade de Medicina.

A política toma para si o Dr. Elpídio de Almeida também logo cedo, 5 anos após seu retorno, quando eleito Conselheiro Municipal em 1929. Deste momento em diante, nasce o político Elpídio, prefeito por duas vezes de Campina Grande (1947-1951 e 1955-1959), intercalado por um mandato de deputado federal. Como gestor, Dr. Elpídio escreveu as mais profícuas páginas de um político voltado para a saúde, construindo a Maternidade da cidade, hoje Instituto de Saúde Elpídio de Almeida, criando

a Liga Campinense contra a Tuberculose, fundando o primeiro Posto de Puericultura do Estado e ainda a Associação de Assistência e Proteção à Infância.

Mas, por indifereção desilusão, deixa essa etapa da vida para trás e, como disse Virgílio Brasileiro, “retorna à arte onde não fez inimigos”

E a essas duas trajetórias une a de escritor e historiador, fundando o nosso Instituto Histórico em 1948 e escrevendo o magistoso “História de Campina Grande”, em 1962

O Instituto Histórico de Campina Grande guarda o acervo completo deste homem como poucos, exemplo para muitos, que deixou-nos em 26/3/1971.

(André Brasileiro é médico, mora e atua em Campina Grande)

Bombeiros: a preparação e o esforço dos heróis da vida real

Homens e mulheres passam por intenso curso de formação antes de integrarem o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Salvar vidas é a principal meta de todos os bombeiros, mas não basta apenas vontade para estar apto a assumir e participar das operações com esse perfil. É preciso se submeter a um intenso e longo processo de preparação. Para o bombeiro militar (BM) se tornar especializado como socorrista de resgate, deve passar pelo Curso de Formação de Soldados,

com carga horária de 1.906 horas/aula, ou Curso de Formação de Oficiais, com carga horária superior a 3.800 horas/aula. Somente após a conclusão do curso de formação, estará apto a se especializar em alguma área da atividade.

Na Paraíba, o Curso de Especialização em Socorrista de Resgate (CSR), por exemplo, conta com carga horária de 250 horas/aula, 50 horas/aula além do exigido pelo Ministério da Saúde. O candidato deve atender a algumas exigências

para ser especialista em resgate, entre elas, ter concluído qualquer curso de Formação do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, submeter-se ao curso de Especialização de Socorrista de Resgate e concluí-lo com bom aproveitamento.

De acordo com informações da assessoria de imprensa do CBMPB, geralmente, os treinamentos são realizados dentro da corporação, ministrados por instrutores especialistas e experientes, mas parte dessa preparação é feita em

centros universitários da capital, através de parceria, entre elas, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O treinamento envolve dois momentos. O primeiro é a parte teórica, em que o bombeiro é submetido a testes de conhecimento. Em seguida, vem a prática, na qual ele pratica suas habilidades em ambientes diversos, inclusive testando seu nível de concentração e autocontrole.

Para quem ingressa no Curso

de Formação de Soldados e, em seguida no Curso de Salvamento e Resgate, o processo é finalizado em torno de um ano e sete meses. Concluída a preparação, os profissionais estão prontos para entrar em campo. Na Região Metropolitana de João Pessoa, as viaturas ficam em pontos estratégicos e, ao serem acionadas através do número 193, uma delas é deslocada para realizar o atendimento imediato da vítima e, em seguida, conduzir até o hospital de referência.

“É profissão gratificante e sacrificante”, resume cabo que atua no resgate

Dentro de cinco meses, o cabo Juliana Alcântara Bronzeado, que atua no resgate, completa uma década na carreira de bombeira militar, mas alcançar o posto que ocupa hoje não foi fácil. Segundo ela, o processo de preparação é muito intenso. Por isso, é preciso, de fato, querer concluir a formação.

“As atividades para preparar o BM ocorrem todos os dias pela manhã, tarde e, às vezes, entra pela noite, inclusive nos finais

de semana”, destacou. Após a parte teórica, eles vão para a rua, atuam na prática, fazem estágio.

O preparo do cabo Juliana durou um ano e três meses e, depois da formação, o BM é direcionado para um setor com o qual se identifique. Quem tem mais afinidade com água vai para o Batalhão de Busca e Salvamento (BBS), Combate a Incêndio, no 1º Batalhão de Polícia Militar, e assim por diante.

“É uma profissão gratifican-

te e sacrificante. Poder ajudar alguém é muito bom. Dá uma satisfação enorme fazer algo pelas pessoas. Mas, quando não conseguimos salvar uma vida, nos sentimos meio que frustrados. Por isso, aprendemos que é preciso saber se desligar, não se apegar, não se envolver demais. Por outro lado, quando dá certo é muito emocionante”, contou.

Para o cabo Juliana, o momento mais marcante da sua carreira foi quando atuou no

atendimento a uma situação de afogamento no bairro do Cristo, em João Pessoa. “A criança que atendemos era parente de um bombeiro que trabalha conosco. Ela estava brincando próximo à piscina, caiu e, quando os pais viram, estavam em parada cardiorrespiratória. O colega que mora perto começou os primeiros atendimentos e, quando chegamos, continuamos o processo de reanimação. Com a ajuda da equipe do Samu, ela

foi intubada e já saiu reanimada para o hospital”, recordou.

Depois de um dia de serviço, com trabalho ininterrupto durante 24 horas, não é fácil se desligar de tanta adrenalina, mas com o tempo, o corpo e a mente se acostumam. Juliana relatou que aproveita as 72 horas livres para manter as atividades físicas em dia, viajar e ir à praia quando é possível, e, principalmente, ficar com a família.

Fotos: Divulgação



Candidatos a bombeiro militar passam por intenso treinamento, que envolve teoria e prática, base que é utilizada durante toda a vida profissional

Experiência não significa falta de sensibilidade

A carreira do sargento Rogério Gomes Batista, que atua na área de atendimento pré-hospitalar, começou há 29 anos e, naquela época, a preparação durava cinco meses. Mesmo apto a permanecer atuando, ele não sossegou e partiu para a realização de outros cursos como o de atendimento pré-hospitalar, em Pernambuco; cursos de combate a incêndio em aeronaves; inglês para serviços de emergência.

No decorrer da carreira, foi se especializando, mas a preparação inicial foi a mais intensa. Na época, o curso tinha 72 componentes que foram divididos em duas turmas, aprendendo sobre combate a incêndio, atendimento pré-hospitalar, busca e salvamento, salvamento marítimo, fiscalização técnica.

“Eu atuo nas ambulâncias de resgate e é muito importante para mim atuar salvando vidas. Mas, já atuei em combate

a incêndio, busca e salvamento e salvamento marítimo”, disse.

Ao longo de quase 30 anos de atuação, um dos momentos que o sargento não consegue esquecer foi quando conseguiu evitar um suicídio. “Em 2009, um jovem tentava se jogar do sétimo ou nono andar do prédio do Fórum Criminal. Consegui salvar a vida dele e recebi até a Medalha Cidade de João Pessoa, na Câmara Municipal. Foi um momento tenso. Quase três horas negociando. Como não conseguia convencer, aproveitei o momento certo e agarrei ele. Foi muito emocionante. A medalha é importante, mas muito mais é ter uma vida salva”, lembrou o sargento.

Outro momento de muita emoção foi o atendimento a um caso de incêndio numa comunidade em Tambiá. “Duas crianças morreram carbonizadas. Cheguei a chorar no momento porque lembrei de meus dois filhos. As crianças

morreram abraçadas e eu fiquei muito comovido, apesar de saber que não devemos nos envolver. Temos que manter o equilíbrio, mas há situações muito tristes”, relatou.

Assim como o cabo Juliana, o sargento G. Batista também aproveita os momentos de folga para curtir a família, manter as atividades físicas em dia, ir à missa. “São as formas que eu encontro para me desligar um pouco do estresse do dia a dia”.

“Tem situações em que lembramos da nossa família e nos emocionamos muito, mas o mais gratificante para o bombeiro é isso: salvar vidas.”

■ O QUE UM SOCORRISTA DEVE SABER

- Avaliar o cenário da ocorrência;
- Avaliar as vítimas;
- Operar os materiais da viatura de resgate;
- Executar manobras básicas de contenção de hemorragia;
- Imobilizações;
- Reanimação Cárdio-Pulmonar e Suporte Básico de Vida.

Fonte: Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB)

■ SERVIÇO

Corpo de Bombeiros – 193; Samu – 192.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Histórias de seu Arnaud e sua amada Itabaiana do Norte

Meu pai viveu seus últimos anos nas sombras do glaucoma e na solidão dos que têm seus movimentos tolhidos por acidente vascular cerebral, mas sem perder o humor e a memória fantástica. Assim, o veterano locutor, cronista e cultor do Direito aproveitava os domingos com os filhos para relembrar antigas histórias de sua Itabaiana.

Em um desses bate-papos veio um episódio de nossa família, que eu não sabia. Meu avô costumava aconselhar à sua filha única, tia Cícera:

- Case com quem quiser, menos com soldado de polícia.

Acontece que, por arte dos pecados contra a castidade e contra os conselhos paternos, ocorreu um crime de morte na cidade Itabaiana do Norte que abalou a sociedade de cima e espalhou brasa na de baixo. Explico: vivia na cidade um rapaz por alcunha Pedro Cabeção, sujeito meio problemático, inimigo de todos os códigos, desde o penal ao de trânsito, de boa família, como se costumava dizer. Era tio

de Hugo Saraiva, que depois veio a ser prefeito do lugar, e irmão de Luiz Saraiva, pessoa bastante conceituada na elite local, dono de uma farmácia. Pedro Cabeção vivia amasiado com uma mulher do chamado baixo meretrício. Dessa vida amorosa conturbada adveio um caso de assassinato. Cabeção matou a mulher com um golpe de pino de ferro, daqueles usados para engatar vagões de trem.

Minha tia Cícera andou espalhando boatos de que sabia detalhes do relacionamento da vítima com o acusado, motivo pelo qual foi prontamente intimada a comparecer perante o Delegado, comunicação essa lavrada pelo escrivão Pedro Vieira, o qual ainda exercia o ofício de alfaiate e tocador de tuba na Banda 1º de Maio. O soldado Adalberto Ferreira da Cunha foi levar a intimação, ocasião em que se enamorou da testemunha, levando-a ao altar poucos dias depois, para desgosto do meu avô. A família tentou de tudo: clínico geral, psicólogo, psiquiatra, pai de santo, benzedeira, sessão de descarrego etc. E tudo deu em

nada. O soldado foi sentar praça no terreiro dos Costa.

Graças ao seu modo truculento de ser, o soldado Adalberto foi promovido a cabo, depois sargento, sem saber ler nem escrever corretamente. Naquele tempo, militar era promovido por bravura. O Adalberto era um sujeito bravo desde pequenininho, quando acendia foguetão em rabo de gato e passava pimenta na dentadura da avó.

Conforme testemunho do seu cunhado Arnaud Costa, esse sargento Adalberto foi trabalhar como delegado em Serrinha, atual Juripiranga. Em sua casa funcionava a delegacia e o xadrez. Passava as noites surrando presos e, de dia, baixava a lenha na mulher, para não perder o ritmo. Minha tia Cícera não suportou as surras homéricas e largou o sargento, que, com desgosto, foi ser volante nas tropas que andavam caçando remanescentes de cangaceiros no alto sertão da Paraíba. Morreu baleado em Itaporanga, depois de desarmar um sujeito na rua.



Pilar: as histórias da terra do escritor José Lins do Rêgo

Rico patrimônio cultural, município começou a ser povoado por criadores de gado e tem a economia baseada na agricultura

Sara Gomes
saragomes@epc.pb.gov.br
Carol Cassoli
Especial para A União

Considerada a terceira cidade de mais antiga da Paraíba, o município de Pilar completará 263 anos de emancipação política no dia 14 de setembro. A cidade foi batizada com esse nome em homenagem à padroeira Nossa Senhora Del Pilar e a São Fideles, trazidos por um missionário que veio da Espanha, no entanto, ficou conhecida internacionalmente por ser o berço do escritor José Lins do Rêgo. Do ponto de vista econômico e turístico, seu ponto forte é a agricultura familiar, sendo responsável por 70% da economia do município, os outros 30% são gerados pelo funcionalismo público.

Além do escritor, outros cidadãos ilustres fazem parte da história de Pilar: o poeta e cronista José Augusto de Brito; a atriz Zezita Matos, onde passou a infância; a cantadora de ciranda e coco de roda, Odete de Pilar; e o secretário de Cultura da Paraíba, Damiano Ramos.

São identificados no município 21 patrimônios culturais. Os que mais se destacam na história da cidade são: Alto de Nossa Senhora da Conceição, Igreja Nossa Senhora Del Pilar, Casa da Tia Naninha, Engenho Corredor, Engenho Recreio, Estação Ferroviária, Escola Estadual de Educação Infantil Doutor José Maria, Coreto, Fundação Menino de Engenho (Antiga Casa de

Câmara e Cadeia) e Praça José Lins do Rêgo e Trilha das Samambaias.

A maioria desses patrimônios tem relação com o escritor José Lins do Rêgo. Apesar da importância desse filho ilustre para a cidade, na opinião da historiadora Graça da Silva, 59 anos, o município não deve ser resumido a sua história. Pilar parou no tempo do ponto de vista econômico, cultural e turístico devido à monopolização de uma família influente que governou a cidade por décadas.

“Enquanto historiadora e cidadã pilarense, eu lamento que minha cidade tenha de sobreviver do passado, sustentada pela memória de José Lins. O nosso acervo histórico é bem limitado comparado a outras cidades do estado pois as gestões anteriores não tiveram a compreensão de identificar os méritos atribuído a grandiosidade histórica e cultural dessa cidade, como o próprio José Lins descreve. Essa seria uma grande oportunidade para desenvolver o turismo, que automaticamente desenvolveria a economia, a política e o social”, analisou.

Tombamento histórico

Por sua relevância histórica e representatividade no desenvolvimento do estado, Pilar teve alguns de seus ambientes tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Paraibano. O centro do município integra este legado (desde agosto de 1980), junto com o

Engenho Corredor (berço de José Lins do Rêgo; tombado em decreto de dezembro de 1998) e a Estação Ferroviária.

Visita de D. Pedro II

Registros históricos dão conta de que, em 1859, a cidade também abrigou Dom Pedro II quando o imperador, movido pelo interesse em conhecer o destaque açucareiro, visitou Pilar. No episódio, D. Pedro foi hospedado pelo presidente da província da Paraíba José Teixeira de Vasconcelos, o Barão de Marauá, em seu solar. Em demonstração de agradecimento pela visita, o monarca recebeu inúmeros tributos do Barão de Marauá, sendo homenageado pelo presidente paraibano e pela população pilarense.

Características

Localizada na mesorregião da Zona da Mata, o município de Pilar-PB encontra-se há 55km de João Pessoa. Estima-se uma população de 11.191 habitantes e uma densidade demográfica de 109,3 habitantes por km², segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A economia de Pilar é baseada na agricultura familiar. A Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente promove apoio aos agricultores e assentados através de programas sociais, entre eles: o Garantia Safra; Corte da Terra; o Programa Mandiocultura; e os Programas de Aquisição de Alimentos (PAA), vinculados aos Governos Federal e Estadual.

SAIBA MAIS

• O **Alto de Nossa Senhora da Conceição** é considerado um marco da passagem do século 19 para o 20. Deste monumento é possível ter uma vista panorâmica de toda a cidade e parte do Vale do Paraíba, sendo bastante visitado por seus devotos e turistas para contemplação de paisagem. No dia 8 de dezembro, dia da padroeira, são realizados missas e procissão em homenagem à santa.

• A **Casa da Tia Naninha** ficou conhecida por ser o local onde José Lins do Rêgo passou boa parte de sua infância. O escritor considerava Naninha como sua segunda mãe. A casa de Tia Naninha é lembrada no livro “Meus Verdes Anos”, quando José Lins do Rêgo relata sua infância e as visitas aos presos na cadeia, situados ao lado desta casa.

• Localizado a 2km da cidade, o **Engenho Corredor** é o mais completo dos engenhos de várzea e o mais importante sítio histórico da várzea colonial do Rio Paraíba. Foi nessa construção onde nasceu o escritor José Lins do Rêgo, em 3 de junho de 1901. O engenho foi fonte de inspiração dos livros do ciclo da cana-de-açúcar: Menino de Engenho em 1932, Doidinho em 1933, Banguê em 1934, Moleque Ricardo em 1935, e o de memórias (Meus Verdes Anos), apresentando a cidade de Pilar ao conhecimento internacional. O Engenho Corredor se encontra sob a proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. Antes da pandemia estava aberto à visitação por agendamento pois a propriedade é privada.

• A **Igreja Nossa Senhora Del Pilar** foi construída em estilo barroco simples na segunda metade do século XIX, a alguns metros das ruínas da velha igreja, edificada em 1746 pelos missionários, sob a liderança de Frei Francisco Antônio Maria de Modena. Em 16 de Janeiro de 1955, a igreja foi reconstruída pelos irmãos Virgínio e Agnaldo Veloso Borges.

• Construída durante o Brasil Império, a antiga **Casa de Câmara e Cadeia** é um dos 38 monumentos dessa ordem e o único da Paraíba. Este prédio recebeu a visita do imperador Dom Pedro II em 1859, concedendo o beija-mão à sociedade paraibana. A Casa de Câmara e Cadeia, atualmente pertence à Fundação Menino de Engenho, sendo Heitor Maroja, o seu fundador. Além disso, funcionam nessa edificação a sede da Secretaria de Cultura e Turismo; a Biblioteca 3 de Junho, em homenagem ao aniversário do romancista; e uma sala de reunião no primeiro andar.

• Pilar possui importantes eventos culturais, a exemplo da Festa da Padroeira Nossa Senhora Del Pilar, comemorada no dia 12 de outubro; e a Festa de Emancipação Política, em 14 de setembro. Na festa da padroeira acontece a programação religiosa com novenas, missas e a tradicional procissão pelas principais ruas da cidade acompanhadas de muitos fiéis, trazendo consigo a imagem da padroeira em andor ornamentado. O encerramento é feito com uma festa popular. Já no dia da emancipação política é celebrada uma missa em ação de graças e, logo em seguida, acontece a Maratona Aguinaldo Veloso Borges, desde 1985. Há também desfiles cívicos que geralmente descrevem a cultura do município e a vida de José Lins do Rêgo, além de festas com bandas marciais.

• **Todas as informações dos monumentos históricos foram extraídas do Livro “Pilar da Aldeia Cariri aos Nossos Dias” de Lucimário Augusto da Silva.**



Engenho Corredor, onde nasceu José Lins do Rêgo, referência nas obras do autor, é uma atração da cidade



Casa da Tia Naninha, que se encontra preservada, foi citada no livro “Meus Verdes Anos”, de José Lins do Rêgo



Igreja Matriz de Nossa Senhora Del Pilar, em homenagem à santa que dá nome ao lugar

Povoado começou no século 16

As informações sobre a história do município foram extraídas da monografia “Patrimônio Cultural do município de Pilar: Revivendo o passado histórico e despertando recordações”, de autoria da geógrafa Francielle Bezerra Arruda.

O povoamento de Pilar começou no final do século 16, quando fazendas de gado foram encontradas pelos holan-

deses. Logo depois, os jesuítas vindos de Pernambuco criaram as missões de Fagundes com o intuito de catequizar os índios.

Em 1670, os jesuítas fundaram a aldeia missão dos índios cariris e construíram um colégio para ensinar e doutrinar a população. Este colégio foi considerado o primeiro marco de desenvolvimento do município. Em 1746, os missionários,

liderados pelo Frei Francisco Antônio Maria de Modena, construíram uma igreja em estilo barroco simples, a nomeando de Convento Nossa Senhora Del Pilar, batizando o nome da cidade.

D. Maria I, através de Carta Régia, elevou o povoado à categoria de vila, no dia 14 de setembro de 1758, considerada a data da sua emancipação política. Pilar foi elevada a município em 1985.

Reconhecimento pelo filho ilustre

O escritor José Lins do Rêgo Cavalcanti também é pilarense. Autor de “Menino de Engenho” (1932), “Banguê” (1934), “Fogo Morto” (1943) e tantas outras histórias, o paraibano teve amplo reconhecimento nacional.

As histórias do escritor se destacaram por serem impregnadas de referências das doces raízes de José: o nordeste rural e açucareiro. O autor, que conheceu uma Pilar diferente (ênfaticada pelo desenvolvi-

mento que a cana-de-açúcar proporcionou), buscava destacar as características de seu povo; respeitando a tradicionalidade da cidade que, outrora, foi uma das maiores da Paraíba.

Em homenagem ao filho, ilustre, considerado um dos pais do romance moderno no Brasil, Pilar deu a uma de suas praças o nome do autor. Hoje, na Praça José Lins do Rêgo, persiste o busto do pilarense que, em 1951, voltou à cidade acompanhado de colegas es-

critores. Na ocasião, estiveram presentes Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre e Apolônio Sales de Miranda; que à época comandava a capital.

Acompanhando seus preceitos e valores, os livros de José Lins do Rêgo seguiram o “Ciclo da Cana-de-Açúcar” e, em 1955, o elevaram à cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras, para onde o romancista levou o nome da cidade natal até o dia de sua morte, no Rio de Janeiro de 1957.

Memórias afetivas na cidade

Filha de seu Manoel de Souza e Maria José Pereira, a atriz Zezita Matos nasceu no município de Juripiranga, mas passou a infância em Pilar. Sua casa era de primeiro andar e embaixo funcionava a “vendinha” de seu pai, conhecido como seu Nequinho, em frente ao mercado central de Pilar-PB. “Eu adorava ajudá-lo na vendinha. Papai mal sabia escrever o nome, mas administrava seu negócio com maestria. Além disso, era muito querido na cidade”, contou emocionada.

Outra memória afetiva marcante era as festividades de rua e o cinema no mercado

central. “Eu tenho muitas lembranças interessantes da minha infância. Eu e meus irmãos ficávamos espiando da varanda, pois papai dificilmente deixava a gente ver o movimento na rua, apenas em dia de festa”, lembrou sorridente.

Zezita utilizava a estação de trem de Pilar com frequência para ir a cidades vizinhas. Em uma dessas andanças, aconteceu um episódio que marcou a sua infância. “Descobri que meu nome era Severina quando fui fazer o teste de admissão no Colégio das Damas, em Campina Grande. A funcionária me chamou de Se-

verina e eu fiquei sem entender o porquê. Quando cheguei em casa, minha mãe explicou que fui batizada de Severina porque minha avó materna fez uma promessa para que o casamento dos meus pais vingasse. Isso foi um choque pra mim”, lembrou.

Aos 15 anos, Zezita e sua família vieram morar em João Pessoa. Foi a cultura que fez Zezita Matos voltar a Pilar; através do projeto Molduras Poéticas. “Eu voltei a Pilar há seis anos para apresentá-la aos meus netos... Sempre que tem algum evento cultural tenho o maior prazer em participar”, concluiu.



Foto: Arquivo Nacional

Enclausurado, Flávio Tavares produz obra apocalíptica

'O Claustrom', série de quadros do renomado artista paraibano, faz crítica ao Governo Federal e alusão à pandemia

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

"Uma obra autobiográfica, com dosagem grande de ficção, mas também um protesto político contra esse Governo Federal fascista e contra as mortes e a miséria, que está voltando ao Brasil". É assim que o artista plástico paraibano Flávio Tavares definiu a pintura *O Claustrom*, que vem produzindo desde o mês de março, no atelier em sua residência, localizada na cidade de João Pessoa.

São quatro quadros, com subtítulos *Retrato de Família: cama e mesa*, *Infância*, *Juízo Final* e *Folia: a loucura do Carnaval*, que estão ligados entre si, todos medindo 3m de largura por 1,7m de altura. Ele espera concluir todo o trabalho até o dia 15 de maio, já recebendo propostas para vendê-la, a exemplo de uma instituição acadêmica de São Paulo, mas ainda não se decidiu. "Meu objetivo é que possa ficar num lugar onde seja visto, para que as pessoas entrem no quadro, porque ele tem muita ilusão de ótica, que deu trabalho de construir, para mexer com as pessoas", explicou o pintor.

Flávio Tavares confessou que tem sido uma rotina pesada e extenuante produzir *O Claustrom*. O artista – que considera concluído, até agora, o quadro *Juízo Final* – tem trabalhado na obra diariamente, iniciando as atividades às 8h e encerrando às 20h, com pausa para o almoço. Ele fica, propositalmente, trabalhando no interior, entre as telas. "Estou enclausurado para que tenha, verdadeiramente, todos os sentimentos claustrofóbicos deste mundo apocalíptico que estamos vivenciando. Uma das quatro partes fica aberta para que eu respire e evitar a toxicidade da tinta. Me comparo, às vezes, a um mecânico cheirando a óleo", disse ele.

Referindo-se à tela *Retrato de Família: cama e mesa*, Flávio Tavares comentou que a obra contém o estigma do sagrado e do profano. "A família é regida através da cama,



Foto: Eduardo Tavares/Divulgação

Uma obra autobiográfica, com dosagem grande de ficção, mas também um protesto político contra esse Governo Federal fascista e contra as mortes e a miséria, que está voltando ao Brasil

São quatro quadros ligados entre si com muita ilusão de ótica – 'Retrato de Família: cama e mesa' (ao lado), 'Infância', 'Juízo Final' e 'Folia: a loucura do Carnaval'

que representa a procriação, e da mesa, onde se passam as conversas e, até, as discussões. Todo esse quadro é uma teatralização. Aparece a casa, os pais com os filhos e o pai, olhando do espelho, vê a família de costas, o que equivale ao pai que está fora, trabalhando, o que não é uma crítica, porque era um costume das famílias, antigamente".

Além de retratar a casa onde morou com a família, o artista ainda retrata alguns outros recantos da cidade de João Pessoa. "Tem o Varadouro, onde se comprava todo tipo de material de construção civil, entre outros produtos, e bairro para a farra dos mais velhos e de poetas, como os do Grupo Sanhauá, que são importantes – eu mesmo lia esses grandes poetas –, a Lagoa do Parque Solon de Lucena, que

era o ponto de atração para quem queira se encontrar e olhar quem por lá andava, e a Praia do Cabo Branco, um ponto que marcou a vida de todos", relatou Flávio Tavares.

No segundo quadro, *Infância*, o pintor descreveu que existe um barco flutuante que domina a paisagem. "É uma alusão a um bote que ficava guardado na garagem da minha casa e pertencia ao meu tio, João Minervino. Eu brincava muito de pirata, mas não sabia por qual razão esse bote estava ali. O bote é como um sonho e, abaixo dele, há um circo, com seus artistas e animais, e uma criança observando a magia do circo. Aparece também uma imagem de N. S. de Fátima que meu tio Minervino trouxe dos Estados Unidos, em 1957. E, no primeiro plano, acima, está

a imagem de uma criança, que representa o filho de João Minervino, Ronaldo, e, atrás dele, a mãe, Bernadete Franca, se olhando no espelho e, atrás, o leque da cauda aberta de um pavão, onde os olhos estão abertos para ela".

Para Tavares, o terceiro quadro, *Juízo Final*, não deixa de ser uma alegoria fantasiosa. "Eu sempre gostei de Gil Vicente, português de 1517, autor da *Barca do Inferno*, cuja estética crítica a realza da época, numa situação que é igual ao Brasil de hoje", compara.

Já a quarta tela, *Folia: a loucura do Carnaval*, representa a alegria de viver, mesmo diante da pandemia. "Presto homenagens a Corrinha Mendes, do Bloco Cafuçú, e ao ator Nanego Lira, além de ter incluído maracatus, garçons, travestis e o palhaço Dadá Ven-

ceslau, que conheço e admiro profundamente. E tem um galo, em alusão ao Galo da Madrugada, de Recife, e, em cima, arcos, que lembram os arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, mas também a parte colonial da cidade de João Pessoa, de onde sai o Cafuçú", disse.

Flávio Tavares comentou que ainda falta muito trabalho a ser feito para concluir as telas, no sentido de luz, cor e movimento. "Essa obra é uma referência à pandemia da covid-19, que é o momento que estamos vivendo, mas não tem a pretensão de fazer o sofrimento das pessoas, nem dos que sofrem com a doença. É uma analogia onde as pessoas podem ver que, através da clausura, é possível o artista das mais variadas vertentes continuar produzindo", frisou o artista.

Fotos: Eduardo Tavares/Divulgação



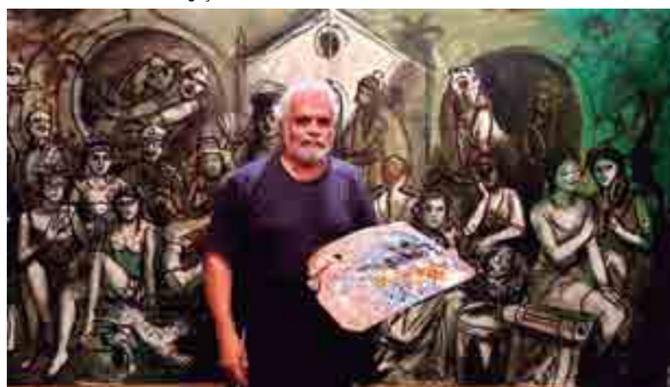
Propositalmente, o pintor paraibano fica trabalhando no interior, entre as quatro telas, para evocar todos os sentimentos claustrofóbicos do mundo atual



Através do QR Code acima, acompanhe o processo de criação do artista no Facebook

"O atelier de um pintor é também um pouco de clausura"

Foto: Eduardo Tavares/Divulgação



No isolamento social, Tavares produziu diversas obras que denominou de 'Diário da Pandemia'

"Eu não sei se estou trancado ou fui preso. Fui convocado a me trancar. Senti que houve ordem de prisão mundial, mas aqui no Brasil

foi pior. Mas, sem dúvida, agradeço à pandemia por ter conseguido produzir tanto. Sem ela, talvez não tivesse tantas imagens para sinteti-

zar", confessou Flávio Tavares, que se considera no grupo de risco, pois tem 71 anos de idade. Mesmo recebendo as duas doses da vacina contra a covid-19, admitiu ainda não se sentir seguro com a imunização. "O medo continua, porque é um mal tão abstrato, mas tão palpável, que precisa incluir o respeito de um pelo outro", justificou.

O paraibano comentou não ter percebido tanto a transição, ao ter que se isolar para evitar a contaminação pelo vírus. "O atelier de um pintor é também um pouco de clausura. O que sinto falta é da liberdade de ir e vir. O meu último neto fará um ano de idade e ele ainda não viu o meu rosto", lamentou o

pintor, que desde março do ano passado, quando a pandemia levou o Brasil a adotar restrições, a exemplo do isolamento social, não viajou e sai apenas quando se faz necessário a ida a um médico.

Até antes da pandemia, o artista lembrou que sua rotina aliava saídas frequentes para os mais diversos compromissos e a produção em seu atelier. A partir de março de 2020, ele se enclausurou em casa, onde se dedicou à produção de suas obras. Surgiu, então, o que o pintor denomina *Diário da Pandemia*, iniciado com *Os Saltimbancos*, que reúne 30 quadros retratando figuras de circo flutuantes, numa homenagem aos circos

mambembes, itinerantes. Em seguida, criou outra série, *O Mundo de Zé Lins*, num tributo ao escritor paraibano José Lins do Rêgo (1901-1957) com, pelo menos, 60 quadros, entre pinturas e desenhos.

Agora, Flávio Tavares está prestes a concluir mais uma obra do seu *Diário da Pandemia*, que é *O Claustrom*. "Eu o considero mais complexo do que *No Reinado do Sol* – que adoro e está na Estação Ciência Cabo Branco, em João Pessoa – porque tem uma história que não é a da cidade e também porque é uma história íntima, minha, para a qual tenho me dedicado de corpo e alma. É uma coisa visceral", definiu.

TV, política e a 'Escrava Isaura'

Millôr Fernandes, com seu apurado senso de humor, disse um dia que a televisão foi inventada por um homem medíocre com a finalidade de ser utilizada pela mediocridade e para a mediocridade. A sua conclusão é que ela deveria se chamar *mediovisão*.

Não estou de acordo com Millôr, pelo menos em parte. A televisão é uma das grandes invenções humanas. A possibilidade de transmitir imagens e som para milhões de pessoas em diferentes lugares do mundo, ao mesmo tempo, é algo pra lá de extraordinário. O problema, creio, é menos culpa da televisão, do rádio, dos jornais, da internet ou de qualquer meio de comunicação de massa do que do uso que fazemos deles.

É preciso considerar que os meios de comunicação de massa estão entre os instrumentos de poder mais importantes da sociedade contemporânea devido à sua capacidade de influenciar a maneira como pensamos, de vender sonhos, mercadorias, criar tendências de moda, interferir no rumo de eleições e manipular a opinião pública. Seria ingenuidade acreditar que esses meios de comunicação são neutros. Eles refletem os interesses políticos e econômicos de seus donos e da classe social à qual eles pertencem, por mais que tentem passar a imagem de que são imparciais.

Poderia dar aqui vários exemplos de sua capacidade de influência. Vejamos o espetáculo midiático que foi a operação Lava Jato. Ela não teria existido (pelo menos com a mesma força) sem a participação da mídia corporativa, em especial da Rede Globo. As ações de Sérgio Moro e dos procuradores da Lava Jato ganharam destaque exaustivo nos noticiários. O que foi decisivo para o *impeachment* de Dilma Rousseff e a eleição de Bolsonaro.

Ficou evidente como a imprensa corporativa e o Judiciário trabalharam juntos para produzir consequências políticas. Jornalistas foram avisados em primeira mão sobre a prisão de investigados, e informações processuais foram vazadas ilegalmente para a imprensa, como a conversa telefônica grampeada entre a presidenta Dilma e Lula.

Sérgio Moro escreveu um artigo no qual afirmava a importância dos meios de comunicação de massa para esse tipo de operação. Sua referência era a operação anticorrupção italiana Mãos Limpas da década de 1990, que trouxe como herança a desestruturação do sistema político da Itália.

A Lava Jato fez uso de uma estratégia já conhecida de combinar julgamento midiático com maniqueísmo moral; um terreno fértil para subverter garantias constitucionais e estabelecer o arbítrio no lugar da justiça. O resultado foi o

surgimento de uma crise institucional que colocaria em risco a democracia brasileira. Assistimos atônitos ao desmonte do setor de engenharia e da cadeia produtiva de petróleo e gás. Reformas de austeridade. Desemprego. Fome. Recessão. Criminalização da política e das ideias de igualdade e justiça social. O crescimento do discurso de ódio.

Em tempos de *Big Brother Brasil*, podemos perceber ainda mais a força da televisão no país. Milhões de brasileiros assistem ao programa que está entre os assuntos mais comentados da Internet. O *BBB* é tema de conversa em filas de supermercado, no trabalho, nas academias, nas salas dos consultórios médicos. É uma tarefa difícil para qualquer pessoa ficar completamente alheio a ele. Por mais que a Internet e as plataformas de conteúdo digital venham se tornando muito populares e tenham um alcance mais individualizado através dos telefones inteligentes, a televisão ainda é bastante influente e poderosa.

Para finalizar, lembro de um episódio que aconteceu na antiga URSS e que tem relação com a televisão brasileira. A telenovela *Escrava Isaura* foi exibida na Rússia em 1988, no finalzinho do regime soviético. Os programas da televisão estatal deixavam um pouco a desejar quando o assunto era entretenimento. Na grade de programação podia-se ver programas de notícia política, concertos de música clássica e balé.

Foi nesse cenário que a telenovela brasileira viraria então no assunto mais falado do país. A febre provocada pela *Escrava Isaura* fez com que casais batizassem suas filhas com o nome da protagonista e que a palavra fazenda fosse incorporada ao vocabulário russo. No último capítulo da telenovela, as ruas de algumas cidades ficaram desertas.

Talvez o efeito mais importante desencadeado pela *Escrava Isaura* tenha sido a possibilidade dos russos entrarem em contato com outras formas de relação social e de demonstração pública de afeto. A telenovela permitiu que as pessoas vissem pela primeira vez, na TV, trocas de carinho entre um casal. E o mais importante: possibilitou que os russos acompanhassem juntos uma história, se emocionassem, torcessem por um desenlace na trama e se identificassem com as personagens.

Penso que o ponto forte da televisão é a sua capacidade de produzir essa forma de experiência coletiva de massa. Unir milhões de pessoas para assistir a uma telenovela, um filme, um jogo de futebol, um telejornal ou um programa de auditório. Num país continental como o Brasil, a televisão é responsável por massificar valores, concepções de mundo, representações sobre a identidade nacional e criar um senso de coletividade.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A Fome do Afeto

O sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês Émile Durkheim (1858-1917), ao estudar a sociedade industrial do século 19, percebeu a importância de conhecer os fatores que explicariam a organização social. Isso foi um estudo a fim de compreender o que manteria a vida em sociedade e a união entre os cidadãos. Durkheim concluiu que os laços que unem os cidadãos nas mais diferentes sociedades é a solidariedade social, sem a qual não haveria a vida social, e afirmou que essa solidariedade pode ser mecânica ou orgânica. Também, deve-se considerar as ideias de consciência coletiva e individual, a fim de compreender a solidariedade social. Ao ler Durkheim, conclui-se que todo cidadão tem singularidades e uma consciência própria, e por meio da própria consciência as decisões são escolhidas no cotidiano. É através da consciência individual que as escolhas estão relacionadas à própria personalidade. Nesse contexto, a sociedade é composta da soma das consciências individuais, de forma a construir a consciência coletiva ou a unicidade.

Durkheim observou que a consciência individual sofreria a influência de uma consciência coletiva, a qual seria o resultado da combinação das consciências individuais de todos cidadãos. A consciência coletiva seria responsável pela formação de nossos valores morais, de nossos sentimentos comuns e do que consideramos como certo ou errado, e, dessa forma, a consciência coletiva exerceria uma pressão externa aos cidadãos no momento de suas escolhas. Diante disso, Durkheim afirmou que a consciência coletiva diria respeito aos valores daquele grupo em que se estaria inserido enquanto cidadão, e seria transmitida pela vida social de geração em geração por meio da educação, sendo decisiva para nossa vida social. Dessa forma, a soma da consciência individual com a consciência coletiva formaria o ser social, o qual teria uma vida social entre os membros do grupo. E a solidariedade social se construiria pela consciência coletiva e uniria as pessoas, e a unidade entre os cidadãos dependeria do mo-



Foto: Divulgação

Psicólogo social Durkheim estudou a harmonia social

delo de organização social, porque a consciência coletiva se daria de forma diferente em cada situação, seja simples ou complexa. Vejamos esse exemplo ao comparar as sociedades indígenas com as industrializadas. Nessas duas sociedades antagonicas, a ideia de unidade é maior entre os indígenas do que entre os cidadãos na cidade. Nesse exemplo, percebe-se os conceitos de solidariedade mecânica e orgânica em Durkheim.

Na sociedade de solidariedade mecânica de Durkheim, prevaleceria no cidadão – em seu comportamento – a decisão mais aceitável à consciência coletiva, e não o seu desejo enquanto cidadão. Nessa solidariedade, a existência do cidadão é orientada pelas proibições sociais que vêm da consciência coletiva e das conquistas da coletividade, e quanto mais forte é a consciência coletiva, maior a intensidade da solidariedade mecânica. A vontade e o desejo do cidadão seriam o desejo e a vontade da coletividade, isso proporcionaria a harmonia social. Esse sentimento estaria no pertencimento a uma nação, a uma religião, à tradição e família. Nesse caso, considera-se que a sociedade seja complexa, na qual os cidadãos não teriam características que destacassem suas personalidades.

Na sociedade de solidariedade orgânica de Durkheim, seria necessário compreendermos a ideia de divisão do traba-

lho social. Nesse contexto, o capitalismo se desenvolveu e a produção em larga escala iniciou, e os meios de produção foram ampliados e exigiram funções especializadas. E as relações interpessoais necessárias à vida... conforme aumentavam, ampliava-se a divisão do trabalho social. Isso é consequência do desenvolvimento do capitalismo, o que daria condições para o surgimento da solidariedade orgânica. Nessa solidariedade, ocorreria um enfraquecimento das proibições sociais impostos através da consciência coletiva. Na solidariedade orgânica ocorreria o processo de individualização dos cidadãos, os quais assumiriam funções específicas dentro da divisão do trabalho, em que cada cidadão teria sua função, que marcaria o próprio pertencimento. A consciência coletiva teria seu poder de influência reduzido na sociedade orgânica. Diante disso, criaria condições de sociabilidade e o desenvolvimento de personalidades. Durkheim defendeu a tese de que os cidadãos – na solidariedade orgânica – se uniriam não porque se sentiriam semelhantes ou porque haveria consenso, mas sim porque seriam interdependentes dentro da esfera social, porque não haveria valorização do coletivo, mas sim do que seria individual. Isso seria essencial para o desenvolvimento do capitalismo. Apesar de enfraquecido na sociedade orgânica, deveria preservar o mínimo de “imperativo social da consciência coletiva”, a fim de garantir a unidade entre os cidadãos individualistas e os afetos de solidariedade.

■ Sinta-se convidado a audição do 316° Domingo Sinfônico, deste dia 2, das 22h às 0h. Em João Pessoa/PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o pianista polonês Arthur Rubinstein (1887-1982). Ele esteve ativo às ações de caridade. Através dos seus recitais, arrecadou doações financeiras e os distribuiu aos necessitados e aos Fundos de Emergência para Músicos e Associação Nacional de Saúde Mental. Rubinstein vai interpretar peças do segundo romantismo alemão, do romantismo francês e nacionalismo norueguês.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

'Brasil Pandeiro'

Eu sempre gostei da canção 'Brasil Pandeiro', que Assis Valente compôs na década de 1930 para Carmen Miranda gravar, uma canção que ainda hoje mostra que está na hora dessa gente bronzada mostrar seu valor. Valor nós temos, o que não temos é como matar a fome do Brasil, para ser mais exato.

Pandeiros nós temos, o que não temos mais são tocadores, porque a pandemia fuzilou o mercado dos artistas, principalmente os popularescos.

O samba de Valente é bem atual, pois o autor baiano exalta o ritmo e o povo brasileiro, mas Carmen Miranda esnobou, dizendo: "Isso não presta. Você ficou borocoxô." Você que ela é o Assis.

Valente, magoado, deu um pito em Carmen, principalmente porque a canção adquiriu grande reputação, embora tardia, sob a regravação dos Anjos do Inferno, que é primorosa.

Anos mais tarde, foi popularizada e regravada pelos Novos Baianos, em 1972, no álbum *Acabou Chorar*, sob a sugestão do mentor do grupo, João Gilberto, mas aí Valente já havia falecido. Quem me contou essa passagem do tempo foi o jornalista Silvio Osias. Grande João Gilberto, que sacada!

Há quem diga que 'Brasil Pandeiro' lembra um hino compatível à 'Aquarela do Brasil', de Ary Barroso, que, inclusive, possui um motivo rítmico do acompanhamento repetido na canção de Valente, com intenção de imitar o tamborim, e mostra que a escolha do pandeiro como instrumento, enquanto adjetivo da canção eleva a batucada ao valor cultural pertencente dos personagens da sociedade do morro carioca e do samba. Naquele tempo, é claro.

Eu conversava com Silvio Osias, e falei que tinha recebido num alerta no meu *imêio*, a canção 'Brasil Pandeiro', na gravação do Anjos do Inferno e que aquilo tinha mexido comigo, como uma coisa nova, uma descoberta, pois não tinha conhecimento dos Anjos do Inferno.

Procuo sempre querer saber mais e não me envergonho de dizer que sei menos, porque aprendo mais.

"Maravilhoso", disse Silvio, do outro lado da cidade, que conhece bem a história do grupo. Fui atrás.

'Brasil Pandeiro' é uma canção bela do Assis Valente. Os Anjos do Inferno, pelo que entendi, eram bem modernos, pelo menos foi o que senti ao ouvir outras canções, como o cordão dos puxa saco cada vez aumenta mais, que eu ouvia no rádio, quando era pequeno e meu pai assobiava.

Eu não sabia quem estava cantando, mas achava o máximo e é até hoje, porque não tenho paciência para ver tanta gente pendurada nos cabides e camisolas do poder.

Bom, Anjos do Inferno lançaram seu primeiro disco em 1937, quando ainda não havia uma tradição de grupos vocais na música brasileira. Com seus arranjos inovadores, um batuque irresistível e muito humor, eles foram os primeiros a gravar grandes clássicos do movimento da bossa nova, como 'Doralice' (de Antonio Almeida e Dorival Caymmi) e 'Bolinha de Sabão' (de Adilson Azevedo e Orlan Divo).

Li que o próprio João Gilberto chegou a fazer parte do grupo, no início da década de 1950.

Brasil Pandeiro, Brasil se ultimando, pátria atolada na pandemia que enfrentamos, com mais 400 mil mortos. Brasil dos horrores da ditadura militar. Ditadura nunca mais.

Militares não entendem de política e já basta os políticos que não sabem fazer política. Vivem centralizados na força da grana, o nosso dinheiro, muito dinheiro, do Brasil Pandeiro.

O Brasil de Assis Valente é uma ventania, na voz dos Anjos do Inferno.

O segredo do sucesso de 'Brasil Pandeiro'? É segredo, só Carmen Miranda sabe...

Kapetadas

1 - Eu tenho uma teoria de que a gente deveria dançar mais.

2 - Eu tenho um grupo no WhatsApp do qual só eu participo. É uma paz.

3 - Som na caixa: "Brasil, esquentai vossos pandeiros / Iluminai os terreiros / Que nós queremos sambar", Assis Valente.

Imagem: Divulgação



Capa do disco do grupo Anjos do Inferno com o clássico do Assis Valente

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

'Coda': o pianista e a filosofia de Nietzsche

Não dá para se assistir ao filme *A Última Nota* (Coda), realização de 2019 com direção do estreante Claude Lalonde, sem que se dê, antes, uma passadinha pelos mistérios da alma humana tão bem delineados pelo filósofo prussiano Friedrich Nietzsche. Não que a temática do filme seja basicamente sobre o notório pensador do século 19. Esse não seria o caso. Contudo, estabelece um parâmetro sobre o estado de ansiedade em que vive o então pianista Henry Cole (Patrick Stewart), personagem central, e sua aflição performance musical após o falecimento da esposa. Situação que vai se amenizando com a presença de uma jornalista do *New York Times*, Helen Morrison (Katie Holmes), influenciada por Henry 15 anos antes, querendo agora escrever sua história como célebre pianista que é, tendo o apoio de seu amigo e agente Paul (Giancarlo Esposito).

Em verdade (no *looting*), se podemos citar Nietzsche como referência no filme e no emocional do velho pianista, isso se justificaria por dois motivos: o filosófico e o meramente visório. Primeiro, nas reflexões sobre a fragilidade humana, no caso de um músico de sucesso, mas que é sempre acometido de uma espécie de síndrome de insegurança, sentindo-se receoso toda vez que vai se apresentar em público.

Segundo, está na acuidade do próprio espectador em captar explícita e visualmente um dado importante numa das cenas finais, quando o pianista se isola nos Alpes suíços e passa a residir numa vila, justamente numa bela casa de campo onde vivera o filósofo prussiano. – Lá, bem no alto, na soleira da porta principal da mansão, uma placa com a seguinte inscrição: "Friedrich Nietzsche morou nesta casa, durante o



Foto: Divulgação

Pianista (Patrick Stewart) e a jornalista (Katie Holmes), em 'A Última Nota', filme do estreante Claude Lalonde

rumoroso período de 1881 a 1888". O que nos diz, possivelmente, ser o filósofo mais um imigrado como muitos prussianos, em razão dos conflitos imperiais entre países ocorridos no final do século 19.

Mas o filme tem outras simbologias filosófico-visuais que merecem uma atenção especial como linguagem narrativa. Por exemplo, seus revérberos sobre as naturezas – a natureza humana e a natureza ambiental; reais agentes motivadores da Arte, também do devaneio dos tantos que as buscam nas suas reflexões criativas, inclusive musicais. No caso específico da natureza visória, o filme é um misto de plasticidade e beleza cênica incomum, justamente ao nos descobrirmos vivendo também o refúgio "alpiniano" do pianista.

Some-se às metáforas até aqui citadas, mais uma sobre a campestre rocha encontrada pela jornalista, ao caminhar

alguns anos antes as mesmas trilhas de seu isolamento, também nos Alpes. Anteriormente, ela narrara ao pianista o sentido daquele inusitado achado. A mesma rocha que o pianista agora encontra e serve de ponto de reflexão e sentido sobre sua vida. A "presença" Nietzsche é perene no filme de Lalonde, até nas entrelinhas narrativas do roteiro de Louis Goldout. Porquanto, não só as reflexões do pianista são o que de melhor traduz o pensamento e estudo de alma do filósofo prussiano no filme...

Assim, *ipso facto*, e não nesse grau de comprometimento humano, lembro de uma figura muito querida de nosso final de adolescência, meu primo músico Reginaldo Oliveira, ex-juiz e já falecido, saudosamente, que, indiretamente nos memoráveis anos 1960, me influenciou a ler Nietzsche e Schopenhauer. – Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC se congratula com sua acadêmica

A Academia Paraibana de Cinema (APC), por meio de sua presidente, a atriz Zezita Matos, em nome da instituição, publicou uma nota de cumprimentos através da fanpage APC-Group, à acadêmica e atriz Marcélia Cartaxo, pela sua brilhante atuação no filme *Pacarrete*, mais uma vez premiado, agora no 47º Festival Sesc Melhores Filmes.

Marcélia é ocupante da Cadeira 33 da APC, que tem como patronesse a veterana e também atriz Nautília Mendonça. No cinema, Nautília atuou em *Menino de Engenho* (em que o fez o papel de Zefa Cajá) e *Fogo Morto*, ambos inspirados nos romances de José Lins do Rego, honorário também da Academia Paraibana de Cinema.

Série traz o maior 'serial killer' dos EUA

Mariane Morisawa
Agência Estado

Quando a jornalista Jillian Lauren ouviu falar de Samuel Little, que estava preso pelo assassinato de três mulheres em Los Angeles, identificou-se com as vítimas. No passado, Lauren também sofreu violência doméstica e tentativa de assassinato por estrangulamento, o método usado por Little. Ela resolveu falar com o assassino e recuperar a história daquelas mulheres esquecidas. Acabou fazendo com que Little, que não admitia nem os crimes pelos quais tinha sido condenado, confessasse o ataque a outras 90 mulheres, um número que o torna o maior *serial killer* americano.

Lauren, que mora em Los Angeles com o marido Scott Shriner, baixista da banda Weezer, e os dois filhos adotados, publicou uma matéria na revista *New York* e atraiu a atenção de Joe Berlinger, que ficou famoso com o documentário *O Paraíso Perdido: Assassinatos de Crianças em Robin Hood Hill* (1996) e, mais recentemente, esteve envolvido com *Conversando com um Serial Killer - Ted*



Foto: Divulgação

'Confronting a Serial Killer' recupera histórias de mulheres esquecidas: Samuel Little confessou ataque a mais de 90 vítimas

Bundy (2019), *Jeffrey Epstein: Podre de Rico* (2020) e *Cena do Crime - Mistério e Morte no Hotel Cecil* (2021). Assim nasceu *Confronting a Serial Killer*, série em cinco partes que está disponível na plataforma Starzplay.

"Eu fiquei fascinado que alguém com o passado de Jillian tivesse conseguido fazer esse cara confessar, um sujeito que atuou durante 40 anos e escapou inúmeras vezes da Justiça", disse o diretor Joe Berlinger em entrevista ao *Estadão*. "Nin-

guém parecia muito preocupado em pegá-lo. E isso para mim joga luz sobre o preconceito sistêmico contra pessoas não brancas, mulheres, trabalhadoras do sexo. É inacreditável que ele tenha vivido tanto tempo solto. E, no fim, foram mulheres que reconquistaram a narrativa", completou o diretor, referindo-se à detetive Mitz Roberts, do Departamento de Polícia de Los Angeles, e à promotora Beth Silverman, que finalmente prenderam e conseguiram a

condenação de Samuel Little, além de Jillian Lauren.

Durante décadas, Little acumulou uma extensa folha corrida, com roubos, estupros, tentativas de assassinato e assassinatos, sem nunca desmentir a desconfiança de se tratar de um *serial killer* e sem que ele passasse muito tempo na prisão. A explicação é uma só: suas vítimas eram mulheres pobres, boa parte delas negras, viciadas em drogas e/ou trabalhadoras do sexo.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

O que fazer

Catástrofes naturais, flagelos, tragédias, peste e pandemia, tudo, me parece, integra a energia entrópica dos sistemas planetários e também dos sistemas menores, como a vida humana, a percepção subjetiva, o metabolismo emocional. Dito de outra forma: a desintegração participa da organização, o caos está dentro do cosmos, a dissolução se movimenta na estrutura, a morte faz parte da vida.

A dor e o sofrimento, portanto, não constituem nenhuma novidade. Viver, além de não ser nada linear, é muito perigoso, como dizia Riobaldo, qual um leitmotiv do extenso e intenso balanço que faz de sua existência no *Grande Sertão: Veredas*.

Zorba, o grego, diz ao professor, face ao dilema de amar ou não a bela da aldeia: "Medo de problemas, mestre? A vida é problema!". Manuel Bandeira assegura que é "uma agitação feroz e sem finalidade / é traição". Mas, em outro de seus poemas inesquecíveis, diz que "a vida é milagre".

Cá comigo, no sortilégio mínimo de minha vidinha anônima e desassossegada, sinto que a vida é tudo isso e mais. Um mais que não consigo divisar no horizonte de minhas interrogações sem respostas ou de minhas respostas sempre precárias na sua insuficiência e na sua inaptidão diante da complexidade do mundo.

Gosto do título de Marques Rebelo: *A guerra está em nós*. Gosto quando Tarrou, no célebre romance de Camus, deduz que a peste está em nós. Que somos a peste. Verdade: somos também um elemento inominável dessa pandemia que assola a terra, ferida e desgastada. "A terra desolada", como diria o meu admirável T. S. Eliot.

Por isso sinto que as pessoas deveriam se ligar mais nessas coisas reais e misteriosas, nessas coisas insubstituíveis e únicas, nessas coisas incontornáveis e verdadeiras. Por exemplo: pai, mãe, filho, irmão, amigo, e pensar mais no chão onde nasceram, na casa onde se criaram, nos avós que se foram, no mestre querido, no animal de estimação, nas canções que amam. Enfim, reter tudo aquilo de que somos feitos.

É hora de apreciar o vento, com seus uivos alucinados varando as janelas da alma; de cuidar dos pássaros, que nos seus cantos, voam livres pela melodia das manhãs; de arrumar os livros pela ordem do prazer e do encanto; de orar pelos que têm fome e sede, e ainda assim sonham com o mundo melhor.

É, sim, chegada a hora de acariciar aquela criatura especial, fazer a última viagem, experimentar a comunhão com a alegria secreta de todas as coisas numa cerimônia íntima, muda, tocada de beleza.

Se vivemos numa época triste, num período negro, num tempo estranhamente pós-humano, não devemos esquecer que somos humanos e que devemos, enquanto é tempo, recuperar a nossa humanidade. Plantar a autoestima e fustigar os males do egoísmo, a ansiedade do consumismo, os falsos e dourados artefatos da hipocrisia, a doença ancestral do poder pelo poder.

É preciso fazer a viagem de volta e tentar semear a lavoura de uma vida simples. Amar o que temos e ser feliz com o que somos ou amar o que somos e ser feliz com o que temos. Viver e envelhecer com dignidade, na tolerância, no respeito e no amor para com o outro, sem distinção de classe, sexo, cor e crença.

A ética e a estética nos ensinam isso. Uma, de maneira filosófica e prática; a outra, de modo poético, aberto e livre. Ambas pressupõem um pacto permanente com a beleza, porque, como afirma um dos personagens de Dostoiévski, "a beleza salvará o mundo".

Para tanto devemos nos refazer e refazer esse mundo. Extrair da escuridão de seus escombros uma aurora de luz, pondo em prática o preceituário de Nietzsche, quando considera que "é preciso ter um caos dentro de si para dar vida a uma estrela cintilante".

Não seria este, talvez, um capítulo dessa narrativa trágica? Digo, deste texto cruel que esta pandemia nos impõe?

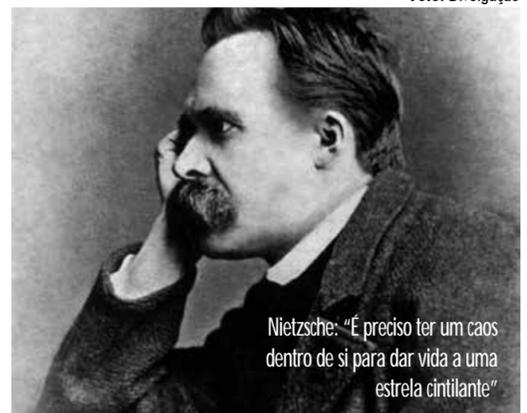


Foto: Divulgação

Nietzsche: "É preciso ter um caos dentro de si para dar vida a uma estrela cintilante"

Tarsila do Amaral vai virar filme com uma produção 'oscarizada'

Figura central do modernismo brasileiro, pintora terá sua vida na telona com o mesmo produtor executivo de 'O Discurso do Rei'

Antonio Gonçalves Filho
Agência Estado

Figura central do modernismo brasileiro, a pintora paulista Tarsila do Amaral (1886-1973), autora de *Abaporu* (1928), a icônica tela que resume as propostas do movimento, terá sua vida filmada pela cineasta Daniela Thomas numa coprodução assinada pelo produtor brasileiro Cláudio Kahns, da Tatu Filmes, e o produtor executivo inglês Simon Egan, da Bedlam Productions, ganhador de um Oscar entre os quatro conquistados pelo filme *O Discurso do Rei* (*The King's Speech*), dirigido por Tom Hooper e produzido por ele em 2011. Ambos participaram de uma videoconferência com o *Estadão* em que falaram sobre o filme, ainda sem elenco definido.

Apesar de Kahns e Egan terem produzido vários documentários, *Tarsila* (o filme ainda não tem título definitivo) será uma obra ficcional e deverá estar pronta em 2022, a tempo para comemorar o centenário da Semana de Arte Moderna. Alguns nomes circulam entre os prováveis intérpretes dos protagonistas da história da pintora, hoje a mais cara do Brasil (há dois anos o Museu de Arte Moderna de Nova York pagou US\$ 20 milhões por sua tela *A Lua*, de 1928).

Tarsila pode até ser interpretada pela francesa Marion Cotillard, também vencedora de um Oscar por *Piaf - Um Hino ao Amor*, de Olivier Dahan, em que fez o papel da cantora Édith Piaf (1915-1963). Cotillard tem muito em comum com Tarsila: une a elegância das grandes grifes (usa Dior e Chanel) com militância política (ela apoiou o cacique Raoni em sua luta contra a construção da usina de Belo Monte e ajuda o Greenpeace).

Tanto Egan como Kahns não confirmaram o contrato, mas o inglês acha que ela seria uma escolha acertada. Como se sabe, a ligação de Tarsila com a cultura francesa foi intensa desde a infância, quando o pai fazendeiro contratou uma preceptora belga para lhe dar aulas – isso muito antes de a família ir à bancarrota.



Imagem: Divulgação
Autorretrato da artista: ainda sem título, produtor não pretende que filme seja uma obra hermética e vanguardista



Cinebiografia será dirigido por Daniela Thomas (acima), e deverá estar pronta em 2022, para comemorar o centenário da Semana de Arte Moderna

Paris foi, além de tudo, o berço da modernidade de Tarsila, aluna de Léger que se vestia com o melhor estilista francês dos

anos 1920, Paul Poiret (1879-1944), um patrono das artes. Poiret costumava expor obras de seus protegidos em seu ateliê de costura – era amigo de Brancusi, Matisse e Delaunay.

O segundo marido da pintora, Oswald de Andrade, mentor da Semana de 22 ao lado do escritor Mário de Andrade, poderá ser vivido por Wagner Moura, se depender da vontade do produtor Cláudio Kahns. “O elenco ainda não está fechado”, diz Kahns que, concordando com o colega inglês Simon Egan, pensa em atores com apelo popular.

Kahns não pretende que o filme sobre Tarsila seja uma obra hermética e vanguardista como *O Homem do Pau-Brasil* (1982), de Joaquim Pedro de Andrade, abordagem intelectual e não linear da vida de Oswald de Andrade, em que Tarsila é reduzida ao papel de artista milionária em busca de aventura, partindo com o dramaturgo para Paris.

O produtor Simon Egan, que é casado com uma brasileira e tem duas filhas – uma das quais, Lara, quebrou a estatueta do Oscar do pai –, quer evitar esses estereótipos, até mesmo porque Tarsila, depois da falência dos pais e do casamento com Oswald, conheceu um médico comunista e se converteu ao realismo socialista. “Tarsila foi uma mulher sofisticada, elegante, muito além de seu tempo, genuinamente empenhada em encontrar na pintura elementos para traduzir suas condições e retratar o Brasil”.

De fato, quando estava em Paris pintando sua tela *A Caipirinha* (1923), arrematada num leilão em dezembro por R\$ 57,5 milhões, ela escreveu aos pais comunicando a criação de uma pintura com reminiscências de sua infância na fazenda. Em resumo: ela queria ser de novo a “caipirinha” da província, não mais a socialite que desfilava Poiret – vale lembrar que, em novembro de 1923, Mário de Andrade pediu a Tarsila que voltasse ao Brasil. “Abandona o Gris (o pintor cubista espanhol Juan Gris) e o Lhote (André Lhote, seu professor), empresários de criticismo decrépito e estetas decadentistas, vem para a mata virgem, onde não há arte negra”.

“É certo que, por essa época, a arte negra não era mais mistério para Tarsila, pois cubistas como Picasso haviam redescoberto a arte africana primitiva”, lembra Simon Egan. “Isso não quer dizer que Tarsila tenha sido influenciada por eles para criar sua pintura antropofágica, inspirada por Oswald”, conclui, classificando a pintora brasileira como um exemplo de originalidade na arte latina. “Ela não pode ser comparada a nenhum outro artista latino, nem mesmo a Frida Kahlo, que também era politicamente engajada”.

Parte do filme será rodado na França, segundo Kahns. Mas, como o roteiro vai privilegiar a relação de Tarsila com o núcleo modernista – Oswald, Mário de Andrade, Anita Malfatti e o poeta Menotti del Picchia –, a maior parte das filmagens será no Brasil.

“Queremos acentuar essa sua ligação com o País, mostrá-la como uma pioneira da revolução feminista no Brasil, uma mulher privilegiada que nasceu rica e decidiu se voltar contra as convenções de uma sociedade tradicionalista e conservadora”, acentua o produtor Simon. A Inglaterra, reconhece, foi berço de muitas mulheres emancipadas, de Millicent Fawcett a Virginia Woolf, mas nenhuma comparável ao revolucionário apetite antropofágico de Tarsila. “Ela criou o próprio movimento, não foi atrás de ninguém”, resume.

Sem esconder sua intenção de agregar mais um Oscar à coleção, o produtor inglês diz que o filme sobre Tarsila é dirigido especialmente ao público estrangeiro. “Queremos contar uma história que pouca gente fora do Brasil conhece de uma pintora já presente em grandes acervos (como o MoMA e o Hermitage)”. Ele e Cláudio Kahns vão investir US\$ 5 milhões no filme. Kahns diz que a parte brasileira do filme vai custar US\$ 3 milhões. O filme será rodado no Brasil, na França e Bélgica (ou Hungria, dependendo das negociações em Cannes).

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Eu, Os Quatro Loucos e o tropicalismo

Foi Raul Córdula o primeiro a me dizer: “Você precisa conhecer Os Quatro Loucos” (*foto*). Estávamos no furacão tropicalista, preparando o “Inventário do feudalismo cultural nordestino”, unindo Recife-Campina Grande-João Pessoa-Natal.

Tinha composto as três primeiras músicas minhas, naquele começo de 1968, enquanto me recuperava de uma colecistite: “Tempo de paz”, em parceria com José Nêumane, e ‘Programa’ e ‘Giramulher’, parcerias com meu irmão Fernando. Estas duas foram inscritas no 2º Festival Paraibano de MPB, no Teatro Santa Roza. Apresentei ‘Programa’ com uma estrutura convencional. Mas com ‘Giramulher’ queria ousar em se tratando de Paraíba, visivelmente influenciado pelas experiências de Caetano, Gil, Mutantes, Beat Boys. Quando Raul falou que eu precisava conhecer Os Quatro Loucos, fui lá.

Os Miranda – a família do grupo –



Foto: Divulgação

moravam em Jaguaribe, perto do Hospital Napoleão Laureano. Todos os ensaios d’Os Quatro Loucos eram lá. Foi onde conheci Floriano, baixista, Zé Ramalho, guitarra-base, e os saudosos Golinha, baterista, e Dedé, guitarra-solo. Gostei do grupo.

Eles gostaram de ‘Giramulher’. Éramos – eu, Raul, Nêumane (vindo de Campina Grande todas as semanas) e outros – uma turma bem unida. Daí, um de nós, Marcus Vinícius, o mais competente em música e que melhor tocava violão, ter dado sugestões para o arranjo final de ‘Giramulher’, inclusive com a citação do tema principal da série *007*.

A música levantou o público do festival. Mas, a maioria do júri ainda não aceitava “essa história” de “botar guitarra em música popular brasileira”. Os conservadores, então,

escolheram como “bandeira” contrária a ‘Giramulher’ uma música de Luiz Ramalho: ‘Tropeiro’.

Os ânimos esquentaram durante as eliminatórias e na final tudo estava em pé de guerra: ‘Tropeiro’ vs. ‘Giramulher’. Era a defesa da “autenticidade” dos nordestinos contra a “traição” dos novos urbanos, “adeptos do iê-iê-iê”. Engraçado: não nos chamavam de roqueiros. Diziam que éramos “o pessoal do iê-iê-iê”: cabeludos, alienados.

A coisa chegou a tal ponto que, apesar de Luiz Ramalho frequentar a casa de minha família, meu irmão tocar piano no conjunto dele, terminamos cabreiros um com o outro, por bastante tempo. Luiz, na época, já era calvo e, quando recebeu o troféu de 1º lugar, um carinho da galera torcedora de ‘Giramulher’ (que ficou em 2º) gritou: “sai daí, Ronnie Von!”. Luiz botou cara feia e, logo depois, nos bastidores, disse que ia pegar o revólver no carro. Claro que Luiz (normalmente, um doce de pessoa, de grande caráter) não faria isso.

Livardo Alves – que depois tornou-se grande amigo meu – era outro que esbravejava contra nós, “esses tropicalistas de merda”.

Pra tornar o quadro mais acirrado ainda, Vital Farias tinha ficado em terceiro lugar, numa parceria com Jomar Souto, justamente ‘Eu sabia, sabia’, canção que à primeira vista poderia “estar contra” nós, os aparentes alienados. Detalhe é que Vital havia sido guitarrista dos Quatro Loucos, no ano anterior.



Foi com Os Quatro Loucos que fiz um show na Faculdade de Filosofia da UFPB, durante o lançamento de manifestos tropicalista, com parte do pessoal esquerdista sem entender “o que é que esses caras querem”, já que também éramos de esquerda. Foi a primeira zorra ideológica da neomodernidade nordestina.

Com Os Quatro Loucos, também fiz shows em bailes de João Pessoa, em Guarabira, Patos, outras cidades, e gravei participações no programa *Convocação geral*, na TV Jornal do Commercio, no Recife.

Convocação geral era um programa de emepebê dirigido por José Pimentel (aquele que iniciou a *Paixão de Cristo*, de Nova Jerusalém), onde também estavam Geraldo Azevedo, Ana Lúcia Leão e Edy Lima (que posteriormente usaria o nome Eddy Star, no Rio de Janeiro, ao lado de Miriam Batucada e Raul Seixas).

Foi tudo hiperbacana.

Muitos brasileiros estão tendo que adiar suas viagens dos sonhos por causa da pandemia do novo coronavírus; consulados dos Estados Unidos no Brasil, por exemplo, continuam de portas fechadas e com fila para renovação de vistos. [Página 16](#)



Foto: Reprodução

Órgãos públicos contabilizam suas perdas na pandemia na PB

Servidores públicos dos chamados serviços essenciais, como segurança e saúde, são os mais atingidos pela covid-19

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Em pouco mais de um ano de pandemia, a Paraíba já perdeu quase sete mil pessoas para a covid-19. Entre elas, estão muitos servidores públicos. Apesar dos diversos protocolos de segurança para proteger seus funcionários, a Secretaria da Administração do Estado (Sead), o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), o Ministério Público da Paraíba (MPPB), a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) e a Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB), por exemplo, já publicaram diversas notas de pesar ao longo desse tempo.

De acordo com a Secretaria Estadual da Administração, cerca de 160 servidores na ativa morreram de covid-19 desde o início da pandemia até o último dia 12 de abril. As Secretarias da Segurança, da Saúde e da Educação foram as mais atingidas. A grande maioria, 53 óbitos, foi de integrantes das Polícias Militar e Civil.

Cerca de 29 foi de servidores da Saúde e 20 da Educação.

Segundo a secretária da Administração, Jacqueline Gusmão, as secretarias que tiveram o maior número de servidores vítimas da covid-19 são as que mais tiveram de se arriscar durante o período de pandemia, por se tratar de serviços essenciais. "Os servidores da Secretaria da Saúde estão trabalhando diretamente com pacientes da covid. A Secretaria da Segurança, além da exposição, é até pela quantidade de servidores, tem o maior número. Eles estão nas ruas fazendo o seu trabalho. Era um dado que infelizmente a gente já esperava".

Além disso, Jacqueline Gusmão comentou que esse não é um cenário apenas da Paraíba. As estatísticas de todo o país apontam que os trabalhadores da Segurança e Saúde estão sendo os mais afetados pela covid. No entanto, ela ressaltou que o Governo do Estado vem trabalhando para que os servidores não sejam tratados como números. "A gente

está sempre pensando em como melhorar a segurança dos servidores. É uma coisa que o governador tem como prioridade. Ele é extremamente preocupado com os servidores, porque são pessoas que são nossos colegas, que ele inclusive já conviveu enquanto servidor público e agora como governador".

Na tentativa de minimizar o contágio da covid-19, a Administração emitiu um protocolo que possibilitou o trabalho remoto para todas as secretarias. Segundo Gusmão, essa tem sido uma das formas de garantir a segurança dos servidores, além da higienização dos ambientes e a escala de trabalho para evitar aglomerações. "Desde o início da pandemia nós elaboramos inicialmente um protocolo para enfrentamento da covid dentro das repartições públicas. Para os que não estão em trabalho remoto, o documento traz medidas como o distanciamento, o uso de máscara, higiene, sanitização... São vários para garantir a segurança ao servidor".

Secretária da Administração, Jacqueline Gusmão: "A gente está sempre pensando em como melhorar a segurança dos servidores. É uma coisa que o governador tem como prioridade. Ele é extremamente preocupado com os servidores"



Foto: Secom-PB



Os órgãos públicos dos três poderes no estado da Paraíba têm se preocupado com a segurança dos seus servidores

Mortes registradas no MPPB

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) perdeu dois servidores vítimas de covid-19 desde o início da pandemia. A servidora Ângela de Fátima Cruz Faustino, de 61 anos, que morreu no último dia 3 de abril, e o servidor do Grupo de Atuação Especial Contra o Crime Organizado (Gaeco), Evandro Félix, de 48 anos, que morreu no último dia 6 de abril.

De acordo com a Assessoria de Comunicação do MPPB, desde o início da pandemia foram emitidos protocolos para garantir a segurança dos trabalhadores, primeiro com o trabalho remoto e depois com o retorno gradual.

A primeira etapa do retorno presencial ocorreu ainda em julho do ano passado.

Na primeira fase foram feitos apenas os atendimentos presenciais urgentes. A retomada foi feita com a implementação do sistema de rodízio em todos os setores para evitar aglomeração. No último dia oito de abril o atendimento presencial ao público foi retomado nos órgãos do MPPB.

No entanto, as chefias imediatas dos setores estão realizando, obrigatoriamente, o rodízio entre os servidores lotados nas unidades, com permanência da quantidade mínima de pessoal para a realização das atividades. "Desde o início da pandemia, o MPPB ampliou o teletrabalho para membros e servidores e reforçou seus canais eletrônicos para o atendimento à população. As atividades presenciais na instituição seguem protocolos sanitários, que incluiu a adequação física das unidades", diz o comunicado da assessoria de comunicação.

Dois servidores do Ministério Público da Paraíba morreram no mês de abril

Defensoria e Justiça com óbitos

Ao longo de mais de um ano de pandemia, a Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB) perdeu três de seus defensores em decorrência da covid-19. O defensor público Antônio Rodrigues Melo, que morreu no último dia 3 de março; o defensor Messias Delfino Leite, que aos 69 anos morreu no último dia 29 de março; e o também defensor público José Belarmino de Souza, de 66 anos, que foi a óbito no dia 5 de maio do ano passado.

De acordo com a Assessoria de Comunicação da Defensoria, desde o início da pandemia o atendimento ao público está ocorrendo de forma remota, com a exceção de algumas tentativas de retomar o trabalho presencial. No entanto, o aumento no número de casos fez com que os atendimentos fossem suspensos. Até o momento, o atendimento permanece apenas por

meio de chat ou telefone.

Já na administração, o trabalho ocorre através de rodízio seguindo um protocolo interno de segurança, com acrílico separando as mesas, uso obrigatório de máscaras e álcool em gel.

Morte de servidores

O Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) perdeu cinco de seus servidores pela covid-19 durante o período de pandemia. Entre eles está Jefferson Araújo, técnico da Diretoria de Tecnologia da Informação, e Ozildo dos Santos Paulino, cinegrafista da Gerência de Comunicação. Eles morreram vítimas do novo coronavírus nos últimos dias 30 de março e 3 de abril, respectivamente.

Em março deste ano, os servidores Nilma Rêgo, lotada na 5ª Vara Cível da Comarca de João Pessoa, e José dos Santos, oficial de Justiça,

também morreram em decorrência da covid-19. Tony Pegado, gerente Administrativo e Financeiro da Escola Superior da Magistratura (Esma) também veio a óbito no mês de março, em decorrência de complicações da covid-19.

A Justiça paraibana retomou as suas atividades presenciais em janeiro deste ano. O retorno gradual das atividades presenciais foi efetivado com a adoção de medidas de segurança, como o fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPI), máscaras e álcool em gel a todos os magistrados, servidores e estagiários, medição de temperatura, uso obrigatório de máscaras e utilização de álcool 70%. Os magistrados, servidores, estagiários e colaboradores incluídos nos grupos de risco permaneceram no trabalho remoto.



Fotos: Assim-MPPB

No Ministério Público da Paraíba, os cuidados com a saúde dos servidores e membros da instituição são rígidos

Investimento e conhecimento mudam vidas no Semiárido

Com recursos do Programa Semeiar Internacional e acompanhamento técnico da Empaer, famílias voltaram a acreditar que é possível viver e prosperar no campo

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Aprender a conviver com o solo seco e a falta de água potável na caatinga é o histórico desafio de muitas gerações no Semiárido. No entanto, a compreensão das limitações e das potencialidades naturais de uma terra normalmente fértil é a única alternativa para transformar a relação, que sempre foi de disputa, em parceria. Mesmo com a mudança conceitual, a partir dos anos 1980, quando a ideia de combate foi substituída pela ideia de convivência com a seca – com as mudanças nas políticas públicas a partir da redemocratização –, muita coisa mudou, mas, para permitir uma mudança efetiva, dois fatores são fundamentais: investimento e

conhecimento. Os dois interagindo diretamente com a terra, a água, a semente e o ser humano.

Quando essa equação, que une recursos humanos, financeiros e tecnológicos, passa a ser resolvida, a vida das famílias rurais e da natureza em seu entorno eclode com toda força e vitalidade. É o que pudemos testemunhar em diversas regiões do Curimatá paraibano, como na Comunidade Almas, em Barra de Santa Rosa, onde Daniela e José voltaram a ter esperança em dias melhores, e na Comunidade Pai Manoel, em Pedra Lavrada, onde Joel e sua família conquistam dignidade e perspectivas.

O casal Daniela e José, assim como Joel e sua família, vivem histórias de superação, aprendizado e evolução no convívio

em meio ao clima semiárido da caatinga. O ponto positivo de virada se deu, para eles, com a chegada dos recursos do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (Fida) – executados através do Programa Semeiar Internacional – e o acompanhamento técnico da Empresa Paraibana de Assistência Técnica, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

Hoje, eles afirmam que é possível viver e prosperar nessas regiões sem que, para isso, seja preciso abandonar as atividades agrícolas e pecuárias. Das suas lavouras e criações, melhoradas e ampliadas a partir da aplicação correta dos recursos internacionais – graças ao acesso à formação e assistência técnica que

promoveram inovações em suas rotinas de trabalho –, eles passaram a exercer um convívio produtivo e sustentável com a natureza que agora, inclusive, serve de modelo para ser replicado em outros arranjos produtivos da agricultura familiar na região.

Mesmo quando a ideia de combate foi substituída pela ideia de convivência com a seca, muita coisa mudou, mas, para uma mudança efetiva, dois fatores são fundamentais: investimento e conhecimento

Água, palmas e a volta do sorriso: uma vida diferente

As imagens, o sofrimento e a percepção da impotência diante da morte de mais de 80 animais e da perda de 10 hectares de plantações de palma forrageira, em meio à seca que persiste desde 2012, são lembranças recentes, que dificilmente sairão da memória de Daniela Ribeiro (29) e José Melo (44), o Doda, agricultores familiares do assentamento Comunidade Almas na zona rural de Barra de Santa Rosa, município a 200 quilômetros de João Pessoa. De acordo com o Monitor de Secas da Agência Nacional de Águas (ANA) – a seca permanece na região e a ela, para acabar com as plantações de palma, somou-se a infestação de cochonilha-do-carmim – inseto de origem mexicana que foi trazido de maneira ilegal ao Brasil no fim da década de 1990 e que se espalhou no Curimatá paraibano, na década passada, através do vizinho estado de Pernambuco.

No entanto, essa não é mais uma história de “dor e lamento do povo sofrido do Semiárido”. Ao contrário, esse é um relato de como Daniela, Doda e a sua família reconquistaram a alegria de viver a partir da assistência técnica prestada pela Empaer e do investimento feito através do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimatá (Procase) – resultado de uma pactuação entre o Governo da Paraíba e o Fida.

O Procace
Programa que, aliado ao fomento financeiro, promove cursos e capacitações para as famílias, atendendo em áreas que vão desde

o ensino de técnicas inovadoras para os manejos agrícolas até formações sobre gênero e protagonismo juvenil, foi responsável pela instalação de um dessalinizador comunitário que garante água potável para 19 famílias na Comunidade Almas. A propriedade de Daniela e Doda, além de ser uma das beneficiadas com esse equipamento, também recebeu com um kit de irrigação e plantio de palmas “orelha de elefante” – espécie resistente à cochonilha-do-carmim. Como contrapartida, eles terão que produzir sementes dessa palma para doar a outras sete propriedades de agricultores da região, fortalecendo assim uma rede coletiva de plantio dessas forragens.

O kit de irrigação, recebido por Daniela e Doda, é composto por um poço artesiano, cuja água é captada através de um motor alimentado pela energia produzida por um catavento. O líquido retirado da perfuração é armazenado em uma caixa d’água que fica no ponto mais elevado do terreno. De lá, por gravidade, a lavoura é regada por um sistema de gotejamento que garante o melhor aproveitamento pelas palmas. As plantas crescem em ritmo acelerado, de acordo com Hermes Gonçalves, técnico da Empaer que acompanha os agricultores rurais da região.

“O projeto que foi aprovado e implementado nessa propriedade é uma referência para a região, pois ele é inteiramente sustentável e agroecológico. O resultado disso está sendo a renovação da lavoura e do rebanho em tempo recorde, mesmo depois de todas

as perdas que tiveram nesse período de seca. Agora, o compromisso deles é continuar trabalhando dessa forma e também ajudar as famílias do entorno a prosperar, como continuidade da formação e dos objetivos de desenvolvimento comunitários que o Procace busca estimular”, explicou Hermes.

Vitórias

A partir das mudanças que têm experimentado na propriedade rural em que vive com seus três filhos, Daniela comemora a melhoria de vida. Com olhos apertados pelo sorriso que voltou ao seu rosto – nítido, mesmo por trás da máscara que usava – e sob o olhar orgulhoso e atento do seu marido que participou, ao lado dela, das formações do Procace, ela sabe que juntos estão conquistando vitórias importantes na convivência com a seca. O casal tornou-se um dos articuladores das famílias vizinhas atendidas pelo programa e que compõe o conselho de gestão do dessalinizador da comunidade.

“Agora está bom demais, pois antes não tínhamos essa palma resistente que está sendo uma grande melhoria para nós. Com o kit, a gente passou a ter água para os bichos e para a própria plantação das palmas, que está crescendo muito bem. Depois de tudo que a gente passou nesses anos, com a seca e depois a praga da cochonilha, hoje é uma grande satisfação poder perceber as coisas melhorando, inclusive, em relação ao que era antes, pois agora a gente sabe como utilizar da melhor forma essas ferramentas que recebemos através do Procace”, explicou Daniela.

Projeto devolveu esperança às famílias

Entre 2018 e 2019, Joel Dantas, 34 anos, teve muita dificuldade para conseguir trabalho por conta da paralisação da construção de cisternas de placa na região do município de Pedra Lavrada, a 240 quilômetros de João Pessoa. A paralisação foi consequência dos cortes orçamentários sofridos pelo Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e outras Tecnologias Sociais (Programa Cisternas), criado em 2003. O programa teve o menor índice de execução de sua história no ano passado, com apenas 30 mil construções realizadas no país, segundo dados do Ministério da Cidadania. Nesse cenário e em meio à seca, foi através de Anaelson Costa, técnico da Empaer, que Joel conheceu o Projeto Dom Helder Câmara (PDHC) e mudou sua vida. Ele passou a trabalhar e viver de sua propriedade rural, ao lado da sua esposa, Isabel Dantas, 32 anos, e seus dois filhos.

O PDHC é financiado com recursos do FIDA, e executado, na Paraíba, em uma articulação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater) com a Empaer. Na zona rural de Pedra Lavrada, além da família de Joel, que vive no Sítio Pai Noel, outros 19 agricultores familiares foram beneficiados com os R\$ 2,4 mil destinados pelo projeto para cada família, recursos a serem empregados no melhoramento das atividades agrícolas executadas nesses arranjos produtivos.

No caso de Joel, o benefício recebido foi utilizado para comprar seis ovelhas que, através da reprodução e manejo adequado, já procriaram elevando o rebanho para 18 animais que são, de forma rotativa, comercializados pelo agricultor. Dessa forma, ele tem conseguido gerar novos recursos para manter a família e prosperar com a compra de outros animais como porcos e vacas, mesmo durante a pandemia. Segundo ele, em todo esse processo, o papel do técnico da Empaer tem sido fundamental desde a discussão e elaboração dos projetos até a implementação de técnicas como a silagem, que facilitam a alimentação do rebanho.

“Quando Anaelson chegou aqui para falar do projeto, quase ninguém acreditou, pois a gente já vinha sem esperança, mas eu fiquei e fui até o final nas formações, pois sabia que, mesmo se o dinheiro não saísse, o conhecimento ajudaria a gente de alguma forma. Quando o recurso saiu, ele ainda nos ajudou na compra dos animais para que tivéssemos ovelhas de boa qualidade e com características da região. Também nos ajudou na vacinação e manejo dos animais e, por fim, nos ensinou a técnica da silagem que resolveu de vez o nosso problema com a ração para os bichos, pois no nosso sítio, a palma, mesmo a mais resistente, não se adequa bem ao solo, que aqui é muito arenoso, ela até cresce, mas não é da maneira ideal”, relembrou Joel.

Técnica milenar ajuda a manter rebanho

Técnica utilizada desde o antigo Egito, a silagem consiste na mistura, a partir da trituração e fermentação de forragens como o capim, com alimentos ricos em nutrientes, a exemplo do milho, que são armazenados e vedados, geralmente em lonas plásticas, para virarem, após cerca de 60 dias, uma ração com longa durabilidade e capaz de manter os animais por longos períodos de estiagem. Desse modo, com mais de três mil anos de existência, esse conhecimento foi acessado por Joel que, não só aplicou no seu rebanho, mas também produziu alimento para os animais de outras famílias do Sítio Pai Noel, que foram atendidas pelo PDHC.

“Com a chegada do recurso do Dom Helder, a grande questão que passamos a ter na propriedade de Joel e nas demais foi justamente a alimentação dos rebanhos que foram adquiridos, pois lá, as forragens como a palma não crescem adequadamente e não se pode confiar na chuva. Desse modo, orientamos que ele fizesse o cultivo do capim elefante, que é uma modalidade natural da região, além do uso do milho como complemento. Também repassamos as orientações sobre o período de colheita, pois, por exemplo, a umidade dos componentes para a silagem precisa ser controlada para que a fermentação ocorra de maneira adequada. Desse modo,

ele montou o silo que deu muito certo e além de garantir o seu rebanho, ainda salvou muitos animais das famílias do entorno”, explicou Anaelson.

Combater a seca e, portanto, a natureza, é erro que as comunidades do Curimatá, aos poucos, vão se conscientizando e passando a entender que o caminho ideal é o do convívio harmonioso e sustentável com o Semiárido. Nesse processo de mudança de visão e maneiras de plantar, semente e colher, o apoio de programas e projetos como o Procace e o PDHC, como nos casos de Daniela, Doda e Joel, vai se mostrando decisivo e necessário para que essas famílias possam descobrir e ampliar as suas potencialidades.

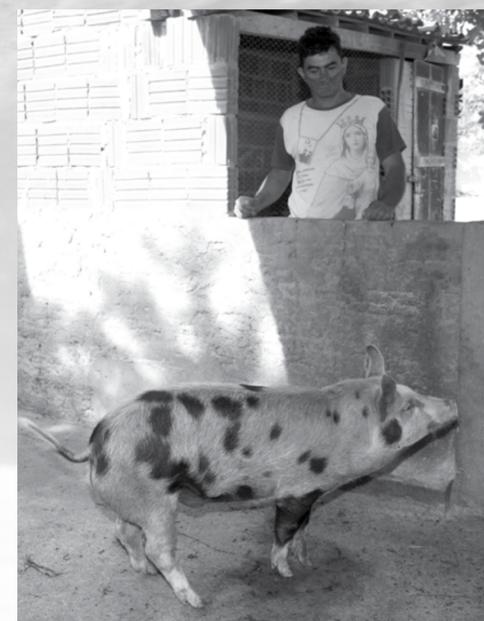
“Vontade a gente tem e muita. A dificuldade toda era como começar e com esses benefícios a gente conseguiu, por isso, espero que não parem e que possam ajudar mais pessoas, pois ainda tem muita gente precisando dessa oportunidade que veio para nós e soubemos agarrar. Hoje eu tenho qualidade de vida a partir do meu trabalho e tenho esperança que, com o tempo, nossa comunidade prospere e nossos filhos tenham um futuro melhor, inclusive podendo fazer suas vidas aqui mesmo nos seus territórios, esse é meu sonho e agora acredito que verei isso acontecer”, afirmou o confiante Joel.



Anaelson ajudou as famílias da comunidade com informação e orientações técnicas



Através dos cursos, Joel aprendeu a técnica da silagem, que garantiu ração para o rebanho caprino. Com o dinheiro que conseguiu, ele já comprou outros animais, que aumentam a renda familiar



Na Comunidade Pai Manoel, em Pedra Lavrada, Joel toca a vida no campo cuidando da criação de caprinos, que conseguiu graças aos recursos do Programa Semeiar: “Tenho esperança que, com o tempo, nossa comunidade prospere e nossos filhos tenham um futuro melhor”.

Aos domingos com
**Messina
Palmeira**



1. O Ministro da Educação, Milton Ribeiro, proferiu aula magna no auditório Milton Paiva, da UFPB, na última segunda-feira. O ministro que, na foto de Angélica Gouveia, está entre o reitor da UFC, José Cândido; a reitora da UFERSA, Ludimilla Carvalho; o reitor da UFPB, Valdíney Gouveia e o deputado Cabo Gilberto, falou sobre avanços e desafios da educação.
2. Com o pomposo título de "Vereador em ação com eficiência e ética – Temas de Direito Administrativo Municipal", já está em fase conclusiva de revisão e editoração pelo prof. Francelino o novo livro do jurista Vanildo Caetano (foto). O autor tem bastante experiência no universo da administração pública. O objetivo da obra é conduzir o leitor nos meandros da dúvida caso pretenda enveredar pelos caminhos da administração municipal.
3. Fábio Rocha, Rossana Medeiros Nóbrega (na foto com o marido, o secretário de Comunicação de João Pessoa, Marcos Vinicius), Cleantho Braga, Herbert Viana, Rogério Almeida, Roberto Cavalcanti, Chola Henriques, Fátima Catão, Roberta Aquino, Karla Isabella Bezerra, Valério Lima, Augusto Magalhães, Lis Albuquerque, Fátima Chianca, Bebeta Freiras, Fernando Milanês, Angela Abrantes, Auxiliadora Borba são os aniversariantes da semana.
4. Durante reunião entre a gestora do Programa de Artesanato da Paraíba, Marielza Rodrigues e a primeira-dama de João Pessoa, Lauremília Lucena (foto), foram acertados novos projetos que visam a ações que promovam o crescimento, visibilidade e avanço de nosso artesanato.
5. Os jornalistas abrajefianos Andréia Barros e Ricardo Castro (foto), firmaram parceria e lançaram o Troféu Presença Digital 2020, que tem como objetivo premiar empresas e profissionais liberais que se destacam por meio de ações na Internet.
6. O Canal Mais 50, liderado pelo engenheiro eletrônico, Dimas Moura, fez uma enquete em seu canal sobre a melhor cidade, com praias, para se morar. Resultado: João Pessoa ganhou, entre as quinze escolhidas, o primeiro lugar.
7. Areia (foto), a quarta cidade em número de empresas que produzem cachaça do Brasil e a primeira do Nordeste, recebeu o título de Capital Paraibana da Cachaça, através da Lei 11.873/21, de autoria do deputado Eduardo Carneiro.
8. O paraibano Hulk (na foto, ao lado da esposa Camila) jogador do Atlético Mineiro, marcou os dois gols que deram a vitória ao time, contra o América de Cali-Col, na Copa Libertadores.
9. A Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), conglomerado de comunicação que compreende a Rádio Tabajara, o Jornal e a Editora A União, presidida pela jornalista Naná Garcez (foto), vai participar da Feira Internacional de Negócios Criativos e Colaborativos – FINCC, que acontecerá de forma 100% on-line entre os dias 5 e 8 de maio próximos.
10. A empresa Cavalinho Combustíveis fez sua instalação formal durante evento que aconteceu na aérea industrial do município de Conde, Litoral Sul paraibano. A prefeita Karla Pimentel (na foto, entre grande parte de seu secretariado), em seu discurso, falou que aquele momento era o início de grandes empreendimentos nos diversos segmentos da economia condense.



Turismo e covid

Viagem adiada pela pandemia

Consulados dos EUA no Brasil, que continuam de portas fechadas, têm fila para renovação de vistos

Anelise Zanoni
Especial para o Estadão

Em fevereiro de 2020, organizei uma viagem para a Flórida, nos Estados Unidos, que parecia um sonho. Seriam 20 dias do mês de junho percorrendo o leste e o oeste de uma das regiões mais animadas do Estado americano. A pandemia chegou em março, e aí você já sabe o desfecho da história: nada de viagem.

Agora, no momento em que os Estados Unidos estão em uma grande corrida pela vacinação, surge a esperança de viajar novamente. Porém, não posso reativar os planos: além de o Brasil estar num momento delicado, estou sem visto para os Estados Unidos. Meu documento venceu em agosto passado e precisa ser renovado. Pesquisando sobre o tema, descobri que eu e possivelmente mais de 1 milhão de brasileiros estamos com o visto vencido e, conseqüentemente, sem autorização para entrar no país. E não temos a mínima previsão de quando conseguiremos novamente o documento.

Atualmente, há disponibilidade de vagas para agendamentos para o fim de outubro e início de novembro no consulado de Porto Alegre. Quem busca cidades mais concorridas, como São Paulo e Rio de Janeiro, talvez consiga vaga apenas no fim do ano ou apenas em 2022.

O que explica essa quantidade de gente com o visto vencido é um benefício que os Estados Unidos concederam aos brasileiros a partir de 2010. Desde maio daquele ano, os viajantes daqui que solicitavam um visto para turismo e negócios (B1/B2) tinham a chance de receber o documento com validade de dez anos, que expiraria a partir de 2020.

Em 2010, os Estados Unidos emitiram um total de 505.717 vistos das categorias B1, B2 e B1/B2. Em 2011, a quantidade foi maior e chegou a 746.341 vistos das mesmas categorias, de acordo com dados do U.S. Department of State.

Com a chegada do fatídico 2020, ficamos com os vistos vencidos e sem a possibilidade de renová-los, pois os consulados no Brasil fecharam com a pandemia. Conforme declaração do porta-voz da



A partir de 2010, muitos brasileiros conseguiram visto com validade de dez anos, que se venceram agora em 2020, aumentando a fila nos consulados

Embaixada dos Estados Unidos, Tobias Bradford, ainda não há previsão para o retorno das atividades. Porém, é possível que o cenário mude, conforme os funcionários forem vacinados.

Tire suas dúvidas

- Quem se qualifica para a renovação do visto?
 - Cidadãos brasileiros e argentinos cujo último visto tenha sido emitido no Brasil;
 - Solicitantes cujo visto de não imigrante ainda esteja válido ou vencido dentro do período de 12 meses e que desejam renovar a mesma categoria de visto;
 - Solicitações anteriores as quais foram capturadas as dez digitais;
 - Solicitantes que não tenham reportado perda ou roubo do passaporte com o visto americano mais recente;
 - Solicitações de vistos recentes que não foram recusadas.

■ Quem pode renovar sem entrevista?

- Brasileiros que vivem no Brasil e que tenham visto válido ou expirado em até 12 meses. Porém, é preciso agendar a entrega de documentos no Centro de Atendimento ao Solicitante de Visto (CASV). Em Porto Alegre, o agendamento é feito no Centro de Entrega de Documentos (CED).

- Essa regra é válida para as seguintes categorias de visto americano: B1/B2 (Negócios, turismo e/ou tratamento médico), C1/D (Trânsito/Tripulante), F/J (Estudante) e M (Estudante de curso vocacional).

■ O que fazer

- Preencher em inglês o formulário DS-160, disponível no site da Embaixada dos Estados Unidos, e efetuar pagamento da taxa do visto (que varia entre US\$ 160 e US\$ 240). Depois, agendar a entrega dos documentos. Por causa da pandemia, por enquanto não há previsão de atendimento nos consulados, mas é possível entrar na fila.

- Caso você consiga agendar e os escritórios estejam funcionando, compareça pessoalmente ou envie representante para entregar a documentação: passaporte válido, passaporte anterior com o visto atual, a página de confirmação do formulário DS-160 com código de barras e a página de confirmação de agendamento, foto 5x5 ou 5x7.

- Se aprovado, o novo visto possivelmente é emitido no prazo de até dez dias úteis.

- Em alguns casos, os solicitantes podem ter de enviar informações adicionais ou de comparecer para uma entrevista com o oficial consular.

- Informações: bit.ly/vejaovisto

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Cabral da Silva, 221
ALTIPLEX José Olympio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

Produtos 'made in Paraíba'

Com exportação de calçados, álcool e açúcar, estado alcança US\$ 33,4 milhões em negociações no primeiro trimestre

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Calçados, álcool e açúcar. Esses são os três produtos que se destacam nas exportações da Paraíba. No primeiro trimestre deste ano, o volume de todos os produtos comercializados para outros países alcançou a marca de US\$ 33,4 milhões. Somente o segmento de calçados foi responsável por 44% desse montante; álcool, fenóis e seus derivados 14%; açúcares 11%.

Os dados são do Ministério da Economia (veja quadro mensal das exportações e importações). De janeiro a março deste ano, o total exportado pelo segmento calçadista foi de US\$ 14,8 milhões. Já o de álcool e seus derivados chegou a US\$ 4,81 milhões; e o de açúcares foi de US\$ 3,57 milhões.

Segundo Márcia Paixão, professora do Departamen-

to de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenadora do Probex/Comex, projeto de extensão acadêmica em Comércio Exterior, coincidentemente, esses três principais produtos destacados na pauta no primeiro trimestre deste ano responderam também pelas três primeiras posições no período compreendido entre 2010 e 2020, com as seguintes participações em valores médios: calçados de borracha ou plásticos (44%), álcool etílico não desnaturado (4%) e outros açúcares de cana (6%).

A professora acrescentou que o álcool etílico não desnaturado, por sua vez, tem sido exportado desde 2012 para um leque expressivo de países. Considerando-se o volume exportado de 2012 a 2020, e com participação em 2020, podem-se destacar Gana (17%), Turquia (13%),

Estados Unidos (10%), Holanda (10%) e Filipinas (5%).

Quanto ao item calçados de borracha ou plásticos, a professora declarou que a Paraíba iniciou suas exportações em 2007 e, desde então, seus principais importadores têm sido Austrália, Filipinas, França, Estados Unidos, Argentina e Angola. Juntos, esses países responderam por quase 60% das exportações estaduais desse produto de 2010 a 2020.

"A empresa paraibana que responde por esse comércio é a Alpargatas S.A. e seu carro-chefe no exterior são as sandálias havaianas. Não se deve perder de vista que, por trás desse desempenho, tem-se estratégias da empresa em termos de comunicação e exposição da marca no exterior, priorização de mercados potenciais ou habituais, e a presença física ou virtual nesses mercados".

De acordo com a professora, convém também destacar oportunidades decorrentes da pandemia de covid-19. "As havaianas, por exemplo, segundo declaração de seu presidente, em agosto de 2020, tiveram suas vendas internacionais aumentadas via expansão do comércio eletrônico, com vendas diretas ao consumidor e para empresas", completou.



Estado é destaque na oferta de açúcar

Como se pode observar, a Paraíba tem produtos competitivos no mercado. A professora Márcia Paixão destacou que o açúcar de cana e o álcool etílico não desnaturado são fortes, tanto no mercado interno quanto no externo. Pelo lado da oferta, ela explica que as unidades de produção mistas (usinas com destilaria) podem priorizar a produção de açúcar ou de etanol, a depender das condições de mercado. "Pelo lado da demanda, a regularidade das importações de países desenvolvidos revela que a Paraíba acompanha o Brasil na sua condição de um dos maiores produtores e ofertantes mundiais de açúcar", frisou.

"Os maiores importadores do açúcar paraibano são os Estados Unidos. No período de 1997-2020 responderam por nada menos que 33% das exportações, especificamente de açúcar em bruto (24%) e outros açúcares de cana (9%), com importações habituais anuais. Apenas em 2013 esse país não importou o produto", afirmou Márcia. A professora salientou que a demanda global do produto aumentou porque as pessoas têm consumido uma quantidade maior de alimentos doces na condição de isolamento social.

Outros produtos

Os óleos brutos de petróleo ou

de minerais betuminosos crus corresponderam a 21% das importações da Paraíba no primeiro trimestre do ano; os produtos residuais de petróleo e materiais relacionados corresponderam a 12%; trigo e centeio não moído (9,3%); preparações e cereais, de farinha ou amido de frutas ou vegetais 7,5%; borrachas sintéticas 5,9%; pneus de borracha, bandas de rodagem intercambiáveis, flaps e câmaras de ar para rodas 4,5%; demais produtos industriais de transformação 3,4%, calçados 3%, entre outros. Os dados são do Ministério da Economia.

Balança comercial

Desempenho mensal das exportações e importações na Paraíba referentes ao primeiro trimestre deste ano:

- Em janeiro, a Paraíba exportou US\$ 12,5 milhões e importou US\$ 41,8 milhões.

- Em fevereiro, o montante exportado foi de US\$ 9,91 milhões e o importado de US\$ 35,1 milhões.

- Em março deste ano, o volume exportado foi de US\$ 11 milhões e o importado foi de US\$ 65,8 milhões.

Fonte: Ministério da Economia

SAIBA MAIS

A Alpargatas está presente na Paraíba desde 1985. Atualmente tem fábricas em Campina Grande e em Santa Rita e gera 9.900 empregos diretos e 1000 indiretos. O empreendimento também tem atuação em Pernambuco, São Paulo (sede) e em Minas Gerais. Detentora de marcas como Havaianas, Dupé e Mizuno, a indústria possui escritório nos Estados Unidos, Hong Kong, Colômbia, Espanha, Itália, Inglaterra, França, Portugal e Alemanha.

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes

francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Sequelas e mudanças ocasionadas pela covid-19 no Brasil

Estamos completando 14 meses no enfrentamento de problemas ocasionados pelo covid-19 no Brasil. Ocupamos uma posição de destaque no ranking dos países mais afetados no mundo, com sequelas humanas, econômica e sociais de proporções preocupantes. Infelizmente somos hoje o segundo país no mundo em número de mortes e o terceiro em número de casos confirmados, analisando em termos absolutos.

Trazendo esta análise para o campo relativo, a realidade brasileira oficialmente é a seguinte: temos uma população de 213.826.561 habitantes (fonte - worldometers.info/world-population/brazil) e 14.592.886 pessoas contaminadas (fontetradingview.com/covid19), o que corresponde a 6,8% da população. Na mesma fonte constatamos que 90,1% destes contaminados já estão recuperados. O número de mortes (401.417 óbitos) representa 0,19% da população total e 2,75% das pessoas infectadas. Vistos com esta lente da relatividade, o problema pode parecer menor, mas sem dúvidas os impactos sociais e econômicos são imensos.

No campo da ocupação e renda temos hoje, no Brasil, um número superior a 14 milhões de pessoas desempregadas, com aumento da ordem de 20% em um ano (fonte-brasildefato). Os desalentados (trabalhadores desempregados que desistiram de procurar emprego) cresceram 25% neste período e chegam a 6 milhões de brasileiros. Os excluídos e subutilizados (população fora da força de trabalho) somam aproximadamente 76 milhões de pessoas, tendo crescido cerca de 16% em função desta crise. Estamos ainda vivendo um momento em que a fase da

sobrevivência voltou a cena. Os esforços empreendidos no sentido de preservação da vida humana e dos negócios continuam extremamente necessários. Precisamos criar fortes antídotos que proporcionem às pessoas e aos entes produtivos uma proteção contra os efeitos da crise. Comparando este momento ao início da pandemia nos traz certa esperança saber que agora temos uma solução em curso, falo da vacina. Uma luz já clareando parte do túnel.

É preciso ter a necessária compreensão de que estamos combatendo o vírus, mas a crise continuará. Vencida a batalha contra o covid 19, o que tanto almejamos, poderemos celebrar a segurança para preservação da vida, no entanto, o desafio de recuperar as perdas econômicas e sociais ainda permanecerão por um longo tempo. Os empregos perdidos, os prejuízos ocasionados em muitos segmentos produtivos, os déficits em diversas esferas do poder públicos são parte dos problemas que teremos pela frente.

Vencida esta etapa da recuperação, precisamos nos dedicar a fase da superação, ou seja, a retomada dos níveis de crescimento e desenvolvimento, em um cenário extremamente competitivo onde não haverá muitas chances para os que não se ajustarem ao novo normal. E aí falo não só de empresas, mas também de pessoas, profissionais liberais e integrantes da força de trabalho em todos os campos do conhecimento.

É conhecida a tão repetida abordagem de que crise gera oportunidades e este é o lado positivo a se considerar; porém, serão exigidos mais empenhos na busca do novo jeito de pensar, identificar, sentir e agir. A modernização se fará sentir de uma maneira em tanto

compulsória. O pensamento de Heráclito de Éfeso, 500 anos antes de Cristo, nunca foi tão atual, quando disse: "Nada existe de permanente a não ser a mudança".

Neste aspecto da consciência sobre a importância de lidar com a mudança, a crise está nos proporcionando certos ganhos. Estamos antecipando coisas que estavam projetadas para acontecer em alguns anos à frente. Soluções que surgiram, muitas vezes por questões de sobrevivência, deram tão certo no campo da modernidade que, agora, viraram estratégias e ferramentas de alto valor competitivo.

Frequentemente ouvimos citações de que sairemos desta crise mais fortalecidos. Neste sentido, penso que muitos valores foram revistos e ganharam novas dimensões na vida de muitas pessoas. No mundo empreendedor e produtivo, surgiram e surgem oportunidades decorrentes de percepções extraídas das necessidades impostas pelas mudanças no jeito de ser, querer e sentir, moldando novos estilos de consumo. No campo da gestão pública, as instituições necessitam rever seus portfólios de produtos e serviços, priorizando a inovação, a tecnologia da informação, a humanização no atendimento, a otimização na aplicação de recursos, para colherem resultados efetivos no cumprimento de suas funções básicas. Entre sequelas e mudanças, haveremos de vencer esta crise, embora os desafios sejam imensos.

Falando em desafios, cito aqui o que disse certa vez em um dos seus discursos o genial Charlie Chaplin: "Que os nossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrai-vos que as grandes proezas da história, nasceram do que parecia impossível."

Importações superaram as exportações

Venda de álcool e seus derivados movimentou US\$ 4,81 milhões no primeiro trimestre deste ano

Em vinte anos de avaliação, a Paraíba só registrou superávit na balança comercial entre 2001 e 2006

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Apesar de ter produtos competitivos no mercado internacional, a Paraíba apresentou déficit de US\$ 109,3 milhões na balança comercial no acumulado de janeiro a março deste ano. Neste período, o estado exportou US\$ 33,4 milhões e importou US\$ 142,7 milhões.

Tomando como fonte a base de dados ComexSat do Governo Fed-

eral, a professora do Departamento de Economia da UFPB e coordenadora do Probex/Comex, Márcia Paixão, contou que entre os anos de 1997 e 2020, a Paraíba só apresentou superávit em sua balança comercial durante um período de apenas seis anos, especificamente entre 2001 e 2006. Isso porque houve queda relevante nas importações, cujo valor médio foi de US\$ 159.398.538 no período 1997-2000, e caiu para o valor médio de

US\$ 97.807.375 de 2001 a 2006.

“Desde então, o menor valor importado pela Paraíba ficou na casa dos US\$ 300 milhões, chegando a alcançar cerca de US\$ 1 bilhão em 2011, enquanto o maior valor alcançado nas exportações ficou em torno de US\$ 243 milhões. Em outras palavras, pode-se afirmar que a balança comercial paraibana é, historicamente, deficitária”, destacou.

Segundo ela, o déficit comercial não é necessariamente “ruim”,

uma vez que há que se avaliar o aspecto qualitativo das importações. “Qual o tipo de bens que estamos importando?”, questionou a professora.

Márcia Paixão afirmou que o Centro Internacional de Negócios da Paraíba (CIN) da Federação das Indústrias do Estado (Fiep), divulgou recentemente dados das importações paraibanas pela chamada “Classificação por Grandes Categorias Econômicas (CGCE)” e

revelou que, em 2020, nada menos que 80% dessas importações corresponderam a insumos ou bens de capital (máquinas e equipamentos) para a indústria, a saber: insumos industriais elaborados (US\$206,8 milhões), combustíveis e lubrificantes básico (US\$ 60,2 milhões), alimentos e bebidas básicos ou elaborados, destinados principalmente à indústria (US\$ 97,8 milhões), bens de capital, exceto equipamentos de transporte (US\$37,4 milhões).

Mercado pode ser melhor explorado

A professora Márcia Paixão ressaltou que para equilibrar sua balança comercial e se beneficiar dos ganhos potenciais das exportações, entre os quais tem-se ganhos de produtividade e aumento da participação no próprio mercado interno, a Paraíba precisa, antes de tudo, “realizar o próprio potencial já existente”.

Esse assunto foi pauta, inclusive, de um evento realizado no final do ano passado pelo Probex/Comex da UFPB. Durante o encontro, os participantes destacaram as potencialidades paraibanas e a necessidade de capacitação das empresas para convertê-las em exportações. “O que também implica realizar investimentos, mas numa proporção bem inferior à da implantação de novas indústrias”, acrescentou a professora.

Outra forma de harmonizar a balança comercial seria atrair novos investimentos industriais, aumentar a estrutura produtiva e, conseqüentemente, a capacidade de atender o mercado interno. “A Paraíba pode, e deve, contar também com a consultoria da Apex-Brasil. Ela tem uma área específica para atração de investimento estrangeiro produtivo, o chamado investimento estrangeiro direto”, sugeriu Márcia.

Ela ressaltou que há que se ter em vista, no entanto, o aspecto qualitativo desses investimentos. Os recursos não

devem ser atraídos apenas pelo número de postos de trabalho a serem gerados, e a contribuição esperada ao Produto Interno Bruto (PIB) paraibano, mas de forma estratégica, com objetivos socioeconômicos, ambientais e tecnológicos.

No caso específico do estado, a professora sugeriu mais investimentos nos segmentos fabricantes de peças para equipamentos de transporte e de peças e acessórios para bens de capital. Esses itens constam na pauta de importação estadual. “Em 2010-2020, por exemplo, o estado importou, em média, cerca de US\$ 58 milhões desses bens, valor esse correspondente a quase um terço do valor médio das exportações realizadas no mesmo período - US\$ 165.636.407”, enfocou.

Saiba Mais

No evento realizado no final do ano passado pelo Probex/Comex da UFPB e que tratou das potencialidades da Paraíba para exportação, foi divulgada a próxima edição do Programa de Qualificação para Exportação (Peix) na Paraíba, uma iniciativa da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), que será desenvolvida no estado entre 2021 e 2023. A realização ocorre em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB).

Quatro mil indústrias atuam na PB

Na Paraíba, existem cerca de 4 mil indústrias registradas, conforme informou a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep-PB). Ao falar sobre o desequilíbrio do volume de exportações e importações no estado, o presidente da federação, Buega Gadelha, afirmou que mais importante do que isso é analisar qualitativamente as relações comerciais com o exterior. Segundo ele, é indicativo de uma economia dinâmica priorizar a produção daquilo que o estado possui de melhor, e importar quando não há viabilidade de produzir localmente.

“A Paraíba possui uma série de produtos fundamentais compondo suas importações, a exemplo do coque e óleos brutos de petróleo, malte e trigo, produtos que compõem nosso quadro de comércio com o exterior e que são essenciais para a atividade industrial doméstica”, afirmou.

Sobre os três principais produtos exportados no estado (calçado, álcool e açúcar), Gadelha frisou que há uma constância na exportação de calçado, “pois temos indústrias instaladas no estado que trabalham com produtos fabricados para exportação, e que têm grande recepção e presença de mercado no Brasil e no mundo”.

Quanto ao álcool, o presidente da Fiep-PB declarou que ocorreu uma pausa no comércio para o exterior

durante alguns anos, mas o produto voltou a ser exportado no ano passado, devido a uma nova abertura de mercado nos Estados Unidos. “Houve também uma preocupação das usinas em obter certificações que fazem com que elas possam ser melhores qualificadas para concorrer no mercado internacional”, acrescentou. Com relação ao açúcar de cana, Buega contou que a exportação caiu em 2017, mas tem se mantido estável.

De acordo com Gadelha, a indústria tem um importante papel impulsionador na economia brasileira, e o Sistema Fiep contribui para o fortalecimento do setor atuando em várias frentes como na gestão e promoção da segurança e saúde no trabalho, por meio do Sesi; na educação profissional do Senai, e no desenvolvimento de competências em gestão de empresas e liderança empresarial, por meio do IEL.

Dentro deste sistema, Buega destacou que há a área de apoio ao comércio exterior - Centro Internacional de Negócios (CIN), que promove a internacionalização das empresas paraibanas, a partir da oferta de serviços e soluções como certificações, capacitação e apoio documental, “contribuindo para a sustentabilidade da indústria e atuando como agente transformador da sociedade”.

Usinas instaladas no estado buscam obter certificações para alcançar as qualificações necessárias ao nível exigido no mercado internacional

Aldeia indígena: compostagem ajuda no combate a doenças

Técnica estimula decomposição segura do lixo evitando moscas e produzindo material orgânico de qualidade para plantações

Renato Félix
Especial para A União

Sem coleta de lixo, os indígenas moradores da Aldeia Silva, em Baía da Traição, enterravam seus resíduos no quintal de casa. Era um banquete para o mosquito-palha, vetor de doenças como a leishmaniose e o calazar, que se alimenta do lixo úmido e também o usa para depositar seus ovos. Resolver esse problema foi o objetivo de um projeto que usou como estratégia a compostagem. Foi o trabalho de conclusão de curso técnico em Meio Ambiente de Alex Nazario da Silva, no Instituto Federal da Paraíba, com parceria do Governo do Estado através da Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (Empasa).

Compostagem é um conjunto de técnicas que tem por objetivo estimular o processo de decomposição dos resíduos e, no fim, obter um material rico em substância húmicas e nutrientes minerais para uso no solo. O trabalho envolveu palestras e oficinas para os moradores aprenderem a técnica e sua aplicação prática. Com o tratamento adequado desse lixo, por tabela, os mosquitos deixaram de ter acesso aos resíduos, reduzindo sua proliferação e, consequentemente, as doenças que vinham com eles.

“Considerando-se que na comunidade não existia coleta de lixo, estes eram descartados inadequadamente nos quintais das

residências. O que, consequentemente, convidava os vetores a se proliferarem fora do habitat natural. E assim, toda a população ficava vulnerável a doença”, explica Silva, que também é agente de endemias e já trabalhava na comunidade. “A compostagem passou a ser entendida como uma forma de tratar os resíduos de forma pertinente, e assim, evitar a atração de vetores”.

“Quando falamos em compostagem, a gente pensa na educação ambiental, na destinação correta de resíduos, a contribuição com o meio ambiente. Incluindo políticas públicas para municípios”, afirma Silvana Alves dos Santos, da Empasa, que está à frente do programa de compostagem desde 2011. Ela explica que a técnica ajuda a reduzir o desperdício de comida, resíduos orgânicos jogados inadequadamente em terrenos baldios, nos lixões e nos quintais. “A nossa linha de pensamento é utilizar esse resíduo de forma adequada para dar um destino correto”.

O convite para participar desse projeto foi um pouco diferente do trabalho que o programa já vinha realizando, muito mais voltado à transferência de tecnologia, contribuindo com os assentamentos, com ONGs, associações e cooperativas. “Foi a primeira vez que eu trabalhei nessa linha de políticas públicas para a comunidade”, conta ela. “Entre como parceira social para desenvolver esse trabalho. Eles tinham



Foto: Divulgação

Compostagem é um conjunto de técnicas que tem por objetivo estimular o processo de decomposição dos resíduos e obter um material rico em nutrientes para uso no solo

a necessidade de saber se a compostagem tinha como neutralizar esse problema do calazar – do mosquito-palha que deposita os ovos na matéria orgânica”.

Alex e Silvana assinam o projeto junto com as professoras Alexandra Rafaela de Silva Freire e Glória Cristina Cornelio do Nascimento.

Técnica exige paciência

“Leira” é o canteiro onde o material da compostagem é depositado. O processo é detalhista e exige cuidado, método e paciência. “Numa leira de compostagem entra a química, a física e a biologia”, explica Silvana. “A compostagem é feita com a relação do carbono e o nitrogênio e a relação entre matéria seca e matéria úmida”.

Para explicar aos moradores, Silvana não vai tratar de carbono e nitrogênio: ela prefere usar para a prática a imagem de um sanduíche. Isso porque a compostagem é montada em camadas. “A primeira camada é de capim e palha seca; a segunda, de casca de frutas, verduras, esterco de gado, poda de árvores; na terceira, é preciso cobrir com mais capim, palha seca, folhas secas”. A matéria seca tem que ser sempre a mais que a úmida por conta da produção do chorume. “A folha seca absorve a umidade, mas o chorume não deixa ela ficar tão molhada, para não permitir a liberação da amônia e gerar aquele mau cheiro”.

São três ou quatro camadas montadas nessa sequência. “Muito bem cobertas para não dar mosca”, ressalta. “Depois que a leira está pronta, deixamos ela descansar por 15 dias”. Nesse prazo, é feito um revolvimento: a leira é aberta e a matéria orgânica é revirada. “Para que ela possa passar por uma oxigenação, liberação do calor e ver a umidade dela, porque ela não pode estar muito úmida. Tudo tem que estar muito bem equilibrado”.

Produção de flores deve ser beneficiada

O programa de compostagem do Governo do Estado tem parcerias com instituições como o IFPB, a UFPB, a UEPB, entre outras. “Nas universidades e no instituto fazemos parte dos projetos de extensão com parceiro social”, explica Silvana. Uma das ações em que esse programa tende a crescer é na produção de flores no estado.

“A Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia está fazendo um convênio para desenvolver um projeto de compostagem. Como há um projeto de arranjo produtivo de flores, então vai agregar com ações nos municípios para fortalecer a cadeia produtiva e trabalhar com sustentabilidade”, conta ela.

+ Conscientização ambiental

O trabalho envolveu, a princípio, uma conscientização ambiental da comunidade. Um processo que sempre pode ter alguma resistência, pois envolve a mudança de hábitos há muito cultivados pelos moradores. No caso, o de enterrar o lixo, que deveria ser mudado para um processo muito mais demorado e que exige mais cuidado e atenção – mesmo que os resultados sejam muito mais positivos lá na frente, em termos de saúde e sustentabilidade.

“O trabalho teve que ser feito do zero”, conta Silva. “As crianças, assim como a comunidade em geral, são carentes de educação ambiental. Além de desconhecer compostagem, não tinham noção do perigo que era descartar resíduos orgânicos de forma inadequada”.

Ela lembra que o fato de também ser indígena, embora de outra aldeia, facilitou esse processo. “Eu sou indígena, e trabalhava na comunidade – uma razão a mais para a população aderir ao projeto”, afirma. “Inicialmente pedi anuência do cacique para que eu pudesse reunir o povo e apresentar o projeto. Ele atendeu o meu pedido, apresentei o projeto à população e eles tomaram conhecimento de que os resíduos descartados de forma inadequada eram o que estava contribuindo para o alastramento da doença”.

Ele calcula que 80% da população aderiu ao projeto, enquanto os restantes ficaram mais resistentes. “Os que aderiram relataram ter medo de uma criança ser vítima do vetor. Consideraram, por outro lado, os relatos de pessoas da própria comunidade que foram vítimas do vetor e alegaram que o tratamento da doença é dolorido”.

Silvana Santos ministrou oficinas e palestras para professores e crianças de 8 a 10 anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Ferreira Padilha, de Baía da Traição. “Naquele momento não era só para alunos, mas também para os indígenas, tinha jovens, adolescentes, idosos, crianças... Foi muito prazeroso porque foi uma novidade pra eles”, lembra. Ela conta, também, que a demonstração prática do processo ajudou. “Quando você leva uma proposta dessas, durante a teoria as pessoas ainda ficam um pouco em dúvida. Mas quando você chega para fazer uma aula prática, que eles começam a ver a montagem daquelas leiras, foi prazeroso. Todo mundo pôde contribuir, trazendo o material de suas próprias casas para montarmos ali aquela primeira leira”.

“Foram distribuídos diversos baldes para a população juntar os resíduos nas residências”, acrescenta Alex. “Após a junção dos resíduos, estes são encaminhados para o local de compostagem”.

EDITAL DE PUBLICAÇÃO DE RETIFICAÇÃO DE ÁREA

A OFICIAL DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE SANTA LUZIA, ESTADO DA PARAIBA, em virtude da Lei, etc.

FAZ PÚBLICO, para o conhecimento de interessados, cumprindo ao que determina o art. 212 da Lei nº 10.931/2004, que o Sr. ARIMATEIA CLEMENTINO DE SALES – CPF: 236.292.824-15; solicitou a notificação de confrontantes para georreferenciamento do imóvel denominado SÍTIO SANTANA, situado na zona rural do município de Junco do Seridó/PB, limitando-se ao norte com terras do imóvel Riacho do Retiro, pertencente a JOSÉ OLIVEIRA FILHO; ao sul, com terras do imóvel Muquém, pertencente a FRANCISCO CABRAL DE OLIVEIRA; ao leste com terras do imóvel Recanto, pertencente ao ESPÓLIO DE JOSÉ CUNHA DE ARAÚJO e ao oeste com terras do imóvel Bela Vista, pertencente a JOSÉ REIS DE MELO E OUTROS, cuja área total está sendo retificada para 30,8749 hectares, em um perímetro de 2.943,53m. E para que ninguém possa alegar ignorância, o presente Edital será publicado por duas (02) vezes consecutivas nos jornais de circulação deste Estado. Decorrido o prazo de quinze (15) dias da última publicação, não havendo nenhuma impugnação por parte de seus CONFRONTANTES, em especial do Sr. FRANCISCO CABRAL DE OLIVEIRA, será a **ÁREA DA PARTE DO IMÓVEL SANTANA, LOCALIZADO NA ZONA RURAL DESTA MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA/PB**, legalmente georreferenciada e retificada para 30,8749 hectares no Cartório do Registro de Imóveis competente, não cabendo qualquer recurso. Dado e passado nesta cidade de Santa Luzia, aos vinte e nove (29) dias do mês de abril de 2021. Eu, JOSELMA MARIA DANTAS DIAS OLIVEIRA, Oficial do Registro de Imóveis Substituta o digitei e assino.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Resgate de bichos em área urbana cresce 140% em JP

Polícia Ambiental orienta população a proceder em caso de "visitas" surpresas, que têm se tornado cada vez mais comuns

Alexandra Tavares
Lekajp@hotmail.com

João Pessoa, assim como muitas cidades do mundo, vive rodeada de verde. Na capital paraibana, os moradores já se acostumaram com os resquícios de Mata Atlântica, um bioma de floresta tropical que resguarda vários tipos de animais e plantas. O que vem chamando a atenção é que espécies da fauna silvestre têm aparecido frequentemente nos centros urbanos. Segundo o Batalhão de Polícia Ambiental, 1.186 resgates de animais silvestres foram feitos no primeiro trimestre de 2021 na Paraíba. No mesmo período do ano passado, esse número foi bem menor, chegou a 493.

Ou seja, esse ano, houve uma alta de 140% nessas ações. "Vários fatores influenciam no aumento. Pontuamos que o mais importante seria o aumento populacional urbano, que por sua vez invade as áreas de matas e rios, reduzindo o habitat dos animais", afirmou o 1º tenente Wellington Honorato de Aragão Júnior, do Batalhão de Polícia Ambiental do Estado.

Apesar de o verde já fazer parte da paisagem da cidade, não há como não se surpreender com o aparecimento repentino de alguns desses "visitantes" da fauna silvestre. Eles aparecem em residências, praças, e em movimentadas avenidas da capital. E a diversificação é grande: são jacarés, cobras, capivaras, iguanas, entre outros.

A orientação da equipe do Batalhão de Polícia Ambiental é para que, ao se deparar com um animal silvestre, a pessoa não mantenha nenhum contato físico. Antes de tudo, deve-se ligar para o número 190, solicitando a ajuda do Batalhão. "Mesmo que pareça um animal calmo e dócil, não se deve tocar, porque animais silvestres tendem a ficar quietos antes de atacar", frisou o tenente Wellington.

É importante ainda tentar não perder o animal de vista, para que, com a chegada do Batalhão, o resgate seja feito.



Fotos: Divulgação



Cobras, lagartos e jacarés, além de saguis, capivaras e bichos-preguiças, são os animais que mais aparecem em centros urbanos. Como João Pessoa tem áreas florestadas "ilhadas" pela cidade, os bichos acabam se locomovendo também em direção às zonas residenciais. A redução da área verde devido à expansão imobiliária também contribui para que animais silvestres invadam áreas urbanas



Susto e confusão

Os moradores da Praia da Penha, em João Pessoa, se surpreenderam, no dia 15 de abril, com o aparecimento de um jacaré-de-papo-amarelo com mais de 1,5 metro. O animal estava morto, com sinais de maus-tratos e foi recolhido pelo Batalhão de Polícia Ambiental.

Um jacaré-de-papo-amarelo foi resgatado pela equipe do Batalhão de Polícia Ambiental no dia 3 de abril. O animal tinha 1,7 metro e estava no quintal de uma residência, no bairro de Jaguaribe.

Uma capivara foi vista na Rua Aderbal Piragibe, uma das vias mais movimentadas de Jaguaribe, na capital. Os moradores acionaram o Batalhão de Polícia Ambiental, que resgatou o animal no dia 15 de abril.

Um macaco entrou na casa de uma família na cidade de Sousa, Sertão paraibano, e provocou uma confusão. O animal entrou na cozinha, roubou comida, e subiu no telhado com uma faca. O fato ocorreu no dia 3 de março e a família chamou a PM.

Uma cobra jiboia, com cerca de 3,15 metros, assustou moradores da zona rural de Monteiro, Sertão paraibano, no dia 26 de fevereiro. O réptil, que se escondeu num poço artesiano, foi resgatado por um integrante do Corpo de Bombeiros.

Uma jiboia, de 1,5 metro, estava no telhado de uma casa no bairro de Jaguaribe. Assustados, os moradores chamaram o Batalhão de Polícia Ambiental para fazer o resgate.

Redução de área verde

Quando um animal silvestre se afasta de seu habitat natural para se arriscar em movimentados centros urbanos, surge a pergunta: por que isso acontece? De acordo com a bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas, vários fatores podem contribuir para esta realidade. Uma das explicações está na redução drástica das áreas verdes, devido à expansão imobiliária, ou a busca por parceiros.

A bióloga declarou que, muitas vezes, as áreas florestadas estão em formato de ilhas, inseridas nas cidades. "Dessa forma, os animais silvestres que ali habitam, ao se locomoverem, podem ultrapassar os limites das áreas verdes e adentrar às zonas urbanas. Essa locomoção pode ser acidental ou pelo fato de o animal estar em busca de um novo habitat, alimento e até parceiros sexuais. Nesse trajeto, eles podem eventualmente ser atropelados, maltratados e mortos por populares que não desejam a presença do animal. Ou até mesmo capturados para serem criados como animais domésticos", alertou a Anne.

Ela afirmou que os animais silvestres que mais aparecem nos centros urbanos são jacarés, cobras, capivaras, saguis e bichos-preguiça.

+ Contato pode causar acidentes ou acarretar doenças

Quando a fauna silvestre entra em contato com a população humana, há riscos para ambos. A interferência do homem pode prejudicar o habitat de várias espécies, a alimentação, o ciclo reprodutivo e a saúde dos bichos. Por outro lado, a bióloga Anne Freitas ressalta que os animais podem ser vetores de doenças.

Outro fato preocupante é que, até mesmo por defesa, eles podem apresentar agressividade por meio de mordidas e arranhaduras. Ainda há

a possibilidade de algumas espécies infectar ou inocular veneno no ser humano.

A bióloga acrescentou que, em João Pessoa, há fragmentos de Mata Atlântica no Jardim Botânico Benjamim Maranhão, se estendendo pelo espaço intraurbano e entorno da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ainda no Parque Zoo Arruda Câmara, a Bica. "Com isso, percebe-se que os fragmentos de mata estão cercados pela cidade, sendo vizinhos de vários bairros, havendo

assim um contato direto e inevitável".

Mas, essa relação, pelo jeito irreversível, pode ser harmônica pois, assim como os humanos, a bióloga frisa que os animais possuem a capacidade de se adaptarem ao meio. Mas é preciso que o homem esteja consciente de sua responsabilidade em preservar a fauna silvestre. Para isso, deve agir de forma correta, acionando os órgãos competentes, como a Polícia Ambiental, para que faça o resgate adequado das espécies.



Foto: Acervo pessoal

A bióloga Anne Freitas ressalta que relação entre homens e bichos deve ser harmônica



Foto: Instagram/Nacional

Foto: João Batista/CTP



CENTRO TENÍSTICO PARAIBANO

Projeto social transforma vidas

Mayke Silva, de 22 anos, que hoje é auxiliar nas aulas, viveu toda essa experiência a partir dos 10 anos; agora, é professor de Educação Física

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Se não fosse através do Projeto Social Centro Tenístico Paraibano, talvez Mayke Silva jamais tivesse a oportunidade de conhecer e praticar o tênis, esporte que escolheu para a vida. Aos 22 anos, o estudante de Educação Física, que hoje é auxiliar nas aulas do projeto, lembra quando chegou ao centro, ainda criança. “Tinha por volta dos 10, 11 anos quando comecei a praticar, graças a essa oportunidade, porque meu pai vendia coco na praia e não conseguiria comprar os equipamentos e pagar por aulas particulares que são muito caras”. Verdade, a raquete mais simples custa cerca de R\$ 350 e um par de tênis, específico para o esporte, em torno de R\$ 400.

Mas no Centro Tenístico Paraibano, Mayke não tinha nenhum custo e adora-

va as aulas. Apesar do desempenho, que rendeu participação em torneios, ainda como iniciante, ele lembra do momento em que precisou parar. “Precisei me afastar para ajudar o meu pai e passei alguns anos sem ter aulas”. Mas o tênis nunca saiu da cabeça, nem do coração do estudante que hoje é voluntário no projeto onde começou e onde descobriu o caminho que vai seguir trilhando. “Foi nas aulas do centro que tive a certeza que estudaria Educação Física e onde eu pude ver que tenho capacidade de dar aulas de tênis, influenciando assim a prática do esporte”.

Bastou a aula inicial, ainda na infância, para a vida de Mayke mudar e ele quer ajudar a transformar a realidade de outras crianças também. “Já vimos aqui vários casos de alunos que mudaram o comportamento, melhoraram o temperamento, porque é isso que o esporte faz”.

Inclusão social

O Projeto Social desenvolvido no CTP atende cerca de 60 crianças e adolescentes entre 5 e 18 anos, a grande maioria da comunidade Altiplano, na zona leste da cidade. Estudantes, muitos em situação de vulnerabilidade social, que são assistidos pelo projeto iniciado ainda em 1989. “Mas nos últimos cinco anos tomou força com a nova gestão do centro”. Além das aulas semanais, que sempre encerram com um lanche, são oferecidas cestas básicas, apoio psicológico, entre outros suportes. “Ajudamos com alguma questão médica também, na verdade aqui fazemos o que podemos para ver alunos e familiares bem”, afirma João Batista de Pontes, chamado carinhosamente pela turma de professor Joca. Responsável pelas aulas do projeto, ele disse ainda que datas importantes como dia das crianças, páscoa e natal são sempre comemoradas. “Não pas-

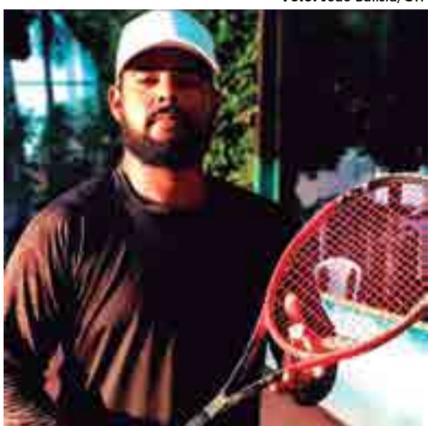
▲ Projeto contempla crianças e adolescentes entre 5 e 18 anos, em situação de vulnerabilidade social desde 1989

samos em branco, fazemos questão de partilhar esses momentos com muita alegria”.

No Centro Tenístico Paraibano as turmas se dividem em manhã e tarde, de acordo com o contraturno da escola. Sim, e é essencial que os alunos estejam com boas notas. “São alunos da rede municipal de ensino que precisam estar bem na escola. Essa é mais uma maneira de incentivá-los”, explica professor Joca, que conhece bem a importância do trabalho desenvolvido pelo centro e fala não só do lugar de professor, mas também do lugar de aluno. Foram anos tendo aula no clube, empenho que rendeu destaque como atleta. “Fui campeão Norte-Nordeste de tênis e considerado por anos seguidos o melhor jogador do estado”. Mas no início, ainda em 96, Joca lembra o motivo pelo qual não perdia um treino sequer. “Eu já ia pensando no sanduíche de queijo e no refrigerante que não tinha em casa, era tudo muito difícil, por isso hoje sei o quanto o projeto é importante”.

Dedicação que é retribuída com carinho e esforço por parte dos alunos. Joca conta que muitos, assim como Mayke, estão na universidade, outros tantos no mercado de trabalho e há ainda os que sonham em seguir com o tênis. Jadelson Araújo é um deles, o atual campeão paraibano do esporte é fruto do projeto. “O esporte educa e eu sempre digo, e repito, que se não forem atletas de ponta que sejam grandes cidadãos de bem”.

Foto: João Batista/CTP



Mayke Silva teve a sua vida transformada na escolinha de tênis no CTP que, além das aulas, oferece lanche, cestas básicas e ainda um suporte psicológico



Foto: João Batista/CTP

Botafogo já trabalha com o planejamento para a Série C

Diretoria recebeu relatório do técnico Gerson Gusmão sobre as necessidades para o Campeonato Brasileiro

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Falta cerca de um mês para o início das disputas do Campeonato Brasileiro da Série C e a diretoria do Botafogo já deu início ao planejamento para a competição, tomando conhecimento das carências do elenco e já iniciando um mapeamento no mercado para fazer contratações pontuais.

“Com o final do Campeonato Paraibano, é claro que teremos uma transição e aí vamos fazer algumas contratações para reforçar a equipe. De início, ficou já claro que o Botafogo precisa, pelo menos, de um primeiro volante, mais um zagueiro, porque vendemos Joaquim, e dois atacantes, um de área e um de beirada. Porém, não vamos fazer bobagens, vamos contratar dentro de nossos limites financeiros”, afirmou o presidente do clube, Alexandre Cavalcanti.

Alexandre garante que, assim como está sendo no Paraibano, o Botafogo terá uma equipe para competir e não apenas para participar, mesmo com a delicada situação financeira que atravessa o clube, por causa da pandemia do coronavírus.

“O torcedor do Botafogo pode ficar tranquilo que nós vamos entrar na Série C para competir. Com relação ao acesso à Série B, ou não, vai depender do desenrolar dos jogos, da campanha que o clube conseguir fazer. Não podemos prometer nada, apenas trabalho e dedicação para que as coisas aconteçam, como todos nós



Jogadores do Botafogo seguem treinando para o quarto jogo pelo Campeonato Paraibano, agora diante do São Paulo Crystal

queremos. Será um passo mais na frente que vamos tentar dar”, acrescentou. Sem a receita das rendas dos jogos, o presidente não nega que a saúde financeira do clube não é das melhores, mas espera uma outra realidade no segundo semestre, com o avanço da vacinação no estado e a possibilidade do retorno do torcedor aos estádios.

“A situação do Botafogo não é diferente da maioria dos clubes no país. Com a pandemia, perdemos a receita das rendas dos jogos, perdemos também alguns parceiros, como restaurantes e supermercados, e também perdemos muitos sócios-torcedores. A crise atingiu todo mundo. Porém, especificamente sobre o apoio da torcida, a gente espera que com a

conquista do título paraibano, o torcedor vai se motivar e vai voltar a contribuir de forma mais efetiva, para o soerguimento do clube”, argumentou.

Paraibano

O técnico Gerson Gusmão não soube explicar o porquê do baixo rendimento do time no jogo contra a Desportiva Perilima. Segundo ele, houve muitos erros

de passe na saída de bola, a transição para o ataque estava muito lenta e a marcação estava frouxa, facilitando as investidas do adversário.

“Não sei o que houve com o time, que vinha em ascensão, e mostrou um futebol tão abaixo do que podemos fazer. Vamos conversar com os jogadores, ver o vídeo do jogo e avaliarmos o que foi que erramos e onde podemos

melhorar, o mais rápido possível, porque não podemos repetir nos próximos jogos os erros que cometemos na quinta-feira”, concluiu.

O próximo adversário do Botafogo será o São Paulo Crystal, na quarta-feira, dia 5 de maio, no Estádio Almeida, em João Pessoa. A partida será válida pela quarta rodada da fase de classificação do Campeonato Paraibano.

Treze segue no mercado em busca de reforços ainda para disputas do Paraibano e Campeonato Brasileiro da Série D

Iago Sarinho

iagosarinho@gmail.com

O Treze, atual campeão paraibano, depois de um começo de temporada que parecia promissor sob o comando do técnico Marcelinho Paraíba, acabou sendo eliminado ainda na primeira fase da Copa do Nordeste, embora tenha lutado pela classificação até a última rodada, assim também como da Copa do Brasil quando foi eliminado em casa pelo América Mineiro por 1 a 0 e, agora, dentro do Campeonato Paraibano de 2021, o time também vem enfrentando dificuldades, pois em três jogos, só somou 4 pontos, desempenho abaixo do esperado, com uma vitória, um empate e uma derrota. Com o Certame Estadual ainda em curso - faltam quatro jogos para encerrar a fase de classificação - e faltando pouco mais de 30 dias para a estreia na Série D, a diretoria do Galo da Borborema já trabalha para trazer reforços que possam entrar em campo para ajudar na disputa local e, principalmente, reforçar o time na briga por um acesso à terceira de 2022.

A estreia do Treze na Série D está prevista para acontecer no dia 5 de junho em jogo contra o ABC-RN na cidade de Campina Grande - a CBF ainda não confirmou a data, nem o horário ou o local da partida. O jogo de abertura deve ser apenas um dos jogos duríssimos que o time paraibano enfrentará na primeira fase da quarta divisão, pois em seu grupo, a chave de número 3, estão ainda equipes tradicionais como o América de Natal e o Central de Caruaru, além do maior rival do Galo, o Campinense e o Sousa, que juntos ao alvinegro, são os três representantes da Paraíba nessa edição da última divisão nacional.

Agora, a diretoria planeja contratar reforços que já possam ser inseridos na equipe, especialmente, após a observação das dificuldades e limitações de seu elenco que, já no estadual tem sofrido para conquistar bons resultados - o Treze goleou por 4 a 0, na estreia, o Atlético de Cajazeiras, principal candidato ao rebaixamento, mas depois disso, perdeu para o Botafogo por 2 a 0 e empatou com o São

Paulo Crystal em 0 a 0. Nesse sentido, o presidente do clube, Walter Júnior, confirmou que o clube já trabalha em busca de novas contratações.

“Nós já estamos buscando no mercado por atletas que possam suprir nossas necessidades a partir de pedidos feitos pelo departamento de futebol. Temos alguns nomes já confirmados, mas estamos esperando a assinatura dos contratos para que possamos divulgar. Nossa ideia é que os atletas cheguem para jogar dentro do Campeonato Paraibano, para que já possam nos auxiliar no Estadual e para que cheguemos na Série D com a adaptação e o entrosamento deles concluída em relação ao restante do grupo”, explicou o mandatário do Galo.

No Campeonato Paraibano para chegar à classificação direta para as semifinais - se terminar em primeiro ou segundo nesta fase - o Galo ainda vai enfrentar o Nacional de Patos (dia 6), em casa; o Sousa, no dia 13, no Marizão; a Perilima, no dia 19, no PV, e o Campinense, dia 23, no Amigão.



Jogadores do atual elenco do Galo não vêm correspondendo às expectativas no Estadual

Foto: Instagram/Trezeoficial

Tiffany Abreu, Atleta trans

“Quem era contra, hoje está ao meu lado”

Tiffany Abreu, de 36 anos, primeira atleta trans a jogar na Superliga Feminina de Vôlei, estreou em dezembro de 2017 e foi alvo de muitas críticas dentro e fora da quadra. Aos poucos, foi conquistando seu espaço e bloqueando preconceitos. O debate ainda é quente no meio esportivo, mas a jogadora deu mais um passo importante em sua carreira: ela se tornou estrela global em uma campanha internacional de sua patrocinadora sobre inclusão e diversidade no esporte. Nesta entrevista ao Estadão, ela contou como tem sido essa fase em sua carreira e espera abrir as portas para outras atletas trans no futuro.

A entrevista

Paulo Favero
Agência Estado

Você terminou a temporada nacional no vôlei jogando bem e agora está de férias. Está podendo relaxar um pouco?

Agora é a hora de recuperar o corpo e a mente porque a próxima temporada promete. Tomara que a pandemia já tenha passado para podermos ter o torcedor mais perto da gente. Adoro tirar foto, abraçar torcedor. Recebo tanta pedrada, e quando recebo carinho, quero retribuir.

Quando você se tornou a primeira atleta trans no vôlei nacional, você sofreu muito com a polêmica que se criou. Como está isso agora?

No início foi uma tempestade em copo d'água. Muitas pessoas pensam que era só ser trans e que poderia jogar. Mas precisa ter laudos, fazer a hormonização corporal, e sofreu bastante. Depois de quatro anos, as pessoas começaram a estudar e viram que

as mulheres trans não têm vantagem em cima das mulheres cis (pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu). Quem era contra hoje está a favor e do meu lado. A história do esporte mostra isso, pois teve a primeira vez de um atleta negro, a primeira mulher, a primeira trans...

Algumas jogadoras brasileiras se posicionaram contra a sua presença naquele momento. Como está isso agora?

Eu nunca tive problema com nenhuma, sempre tive um bom relacionamento. E a cada dia isso tudo melhora. A cada temporada, novas atletas aparecem no clube, me conhecem de perto e tiram dúvidas. Graças a Deus eu tenho uma aceitação maravilhosa por todas.

Muito se falava que sua presença no vôlei brasileiro atrairia dezenas de atletas trans, mas isso não ocorreu. Nem virou tendência no mundo. Como acolher pessoas trans no esporte?

Estamos trabalhando mui-

to na inclusão social das crianças trans, precisamos amá-las. Precisa ser feliz com você mesma. O importante é estar sempre bem consigo mesma e seguir as regras. Muitos campeonatos não aceitam atletas trans por preconceito. A gente tem um crescimento de aceitação, porém para chegar ao alto nível precisa de talento que poucas vão ter. As pessoas precisam entender também que não é só ser trans, precisa ter talento.

Como tem sido para você ter se tornado uma estrela global de uma campanha da Adidas?

Costumo dizer que toda borboletinha nasce como lagarta. Quando vira borboleta, fica linda. Eu lutei, sofri muito preconceito e agora estou colhendo os frutos do trabalho. Estrelar uma campanha global é o sonho de muitas garotas. E para mim, para minha família, para o esporte e para as pessoas LGBTQs é motivo de orgulho. Estampar a cara de uma mulher transexual mostra que nada é impossível, que é o

mote da campanha. Muitos acharam que eu não iria conseguir, mas já estou há cinco anos nisso e consegui.

Você imaginava que depois de enfrentar todo tipo de preconceito alcançaria isso?

Sempre lutei para conseguir meus objetivos. Essa campanha mostra a realidade nossa de cada dia, a luta diária, sem medo de errar e não alcançar. O importante é que eu continue crescendo sempre.

Você que sempre lutou contra a discriminação no esporte. Como enxerga a postura de algumas marcas a favor da diversidade e da inclusão?

É um trabalho que comecei muito tempo atrás e agora estamos colhendo os frutos deste trabalho. Eu lembro da época que não tinha tênis apropriado para fazer as coisas. O mesmo era usado para jogar, sair e andar por aí. Uma vez eu fui assaltada e o ladrão devolveu o tênis porque ele estava furado. Hoje

essa situação mudou e eu queria agradecer muito a todas as mulheres trans que buscaram este espaço para nós hoje. E eu preciso continuar o trabalho para que outras mulheres trans cheguem também.

Quais são seus projetos para o futuro?

Toda atleta sonha em disputar uma Olimpíada. Eu estou chegando a uma certa idade, mas pretendo cuidar do meu corpo, dos meus joelhos, e nada impede que um dia eu possa representar o Brasil. Mas meu legado maior é abrir as portas para que outras meninas possam representar.

Acredita que sua imagem continuará ajudando a derrubar mais barreiras no esporte?

Acredito e luto bastante por isso. Se eu desistir, muitas outras vão acreditar que minha desistência foi por pressão e pode fazer com que outras meninas não vejam futuro nisso. Estou lutando para que todas tenham sua chance.



Tiffany sonha em disputar uma Olimpíada, mas diz que o mais importante é abrir as portas para que outras meninas possam se destacar

Foto: Divulgação



Jogadores do Nacional de Patos durante treinamento coletivo no Estádio José Cavalcante visando jogo pelo Campeonato Paraibano

Clássico sertanejo fecha hoje a 3ª rodada do Paraibano

Nacional de Patos e Atlético de Cajazeiras entram em campo em busca da primeira vitória no Estádio José Cavalcanti

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Nacional de Patos recebe, hoje, no Estádio José Cavalcanti, a equipe do Atlético de Cajazeiras para um confronto entre dois times que, até o momento, somam apenas um ponto na tabela de classificação do Campeonato Paraibano e, por isso, se tornam sérios candidatos ao rebaixamento para a segunda divisão estadual em 2022. O jogo que está marcado para as 16h, põe frente a frente duas tradicionais equipes do Sertão da Paraíba

que precisam vencer, desesperadamente, nesse confronto direto para fugir da zona da degola.

Donos da casa, o time do Nacional é comandado pelo técnico Warley Santos, que faz seu primeiro trabalho como técnico principal de uma equipe, já que antes havia apenas atuado de forma interina no Botafogo. Com a função de comandar a equipe cujo departamento de futebol está sendo gerido pela FDA Sports - que no ano passado geriu a fracassada campanha do Campinense no Estadual e

na Série D -, Warley já teve sua demissão cogitada após a equipe ser derrotada, na última rodada pelo rubro-negro de Campina Grande.

No entanto, tendo somado apenas um ponto no empate, dentro de casa, contra a Perilima pela primeira rodada, Warley foi mantido no cargo. Em contrapartida, seis atletas do elenco foram desligados, entre eles os meias Enercino e o colombiano Sergio Villareal, duas das principais contratações para o Estadual. Com essa sobrevivência, agora o time vai pegar o Atlético precisando vencer

para melhorar sua situação na tabela e para garantir a continuidade do trabalho da sua atual comissão técnica.

Do lado dos visitantes, o Atlético de Cajazeiras inicia o Estadual comprovando a expectativa que se desenhava para a equipe após a atribulada pré-temporada da equipe que também buscou o modelo de terceirização do seu departamento de futebol e acabou assistindo a empresa H9 Soccer abandonar o contrato firmado e ainda deixar salários atrasados para a diretoria do clube acertar com o atual elenco que já passou

por duas reformulações entre saídas e chegadas de atletas e treinadores.

Nesse ambiente conturbado, só o comando técnico da equipe já teve cinco nomes diferentes anunciados, começando por Dudu Sales que nem chegou a se apresentar no clube, ficando em seu lugar o auxiliar Luciano Peres, que rapidamente foi substituído por Alexandre Lima que, após a derrota por 4 a 0 para o Treze, na primeira rodada do Estadual, acabou sendo demitido. Depois do clube ainda anunciou o acerto com Pedro Caçapa,

que acabou optando pela proposta de outro clube.

Depois dessa maratona, enfim a equipe acertou a contratação de Edson Neguinho que agora irá para sua segunda partida no comando da equipe após o time empatar, dentro de casa, contra o São Paulo Crystal, resultado que garantiu ao Atlético seu primeiro e único ponto até o momento. No jogo de hoje, o "Trovão Azul" vai para campo precisando vencer para mostrar ao seu torcedor que pode, com alguma dignidade, brigar contra o rebaixamento.

Semifinais do Carioca

Flu deve poupar titulares contra a Portuguesa

Apesar da excelente fase do atacante Fred, o técnico Roger Machado não deve expor o jogador na partida hoje, às 16 horas, no Estádio Luso-Brasileiro, diante da Portuguesa, pelas semifinais do Campeonato Carioca. Outros jogadores deverão ser poupados porque o clube está mais focado na Copa Libertadores, onde tem obtido um bom desempenho e lidera o Grupo D, depois do empate de 1 a 1 contra o River Plate, no Maracanã, e na vitória de 2 a 0 sobre o Santa Fé, fora de seus domínios. Este jogo marcou o gol de número 185 de Fred pelo tricolor.

Devido a melhor campanha em toda a Taça Guanabara em relação ao seu adversário, o Fluminense tem a

vantagem de dois empates nos confrontos - o jogo de volta será no dia 9, no Maracanã. O último confronto entre Fluminense e Portuguesa não traz boas lembranças para o time de Roger Machado. É que a Lusa atuando no Maracanã venceu por 3 a 0, com gols de Romarinho, Emerson

Carioca e Chay. É bem verdade que o Flu atuou com um time alternativo e sob o comando de Ailton Ferraz. O jogo foi no dia 7 de março.

Clássico paulista

Mesmo tendo de jogar na Arena Neo Química, neste domingo, às 20h, o São Paulo entra em campo como grande favorito diante do Corinthians. Os dois times tiveram uma semana bem diferente dentro das quatro linhas pelas competições sul-americanas. Enquanto o Tricolor conquistou a sua oitava vitória seguida ao derrotar o Rentistas por 2 a 0 pela Libertadores, o alvinegro amargou uma derrota de 2 a 0 para o Peñarol, em casa, pela Copa Sul-Americana. No Campeonato Paulista, as campanhas são bem parecidas. O São Paulo lidera o Grupo B com 25 pontos, oito vitórias, um empate e uma derrota; o Corinthians está na frente do Grupo A, mas com 21 pontos, sendo seis vitórias, três empates e uma derrota.

No Paulistão, o domingo é de clássico, quando se enfrentam Corinthians e São Paulo, jogo válido pela décima rodada



Foto: Lucas Merçon/Fluminense

O Fluminense faz boa campanha na Copa Libertadores e só pretende usar a força máxima contra a Portuguesa no jogo de volta



A Epiitácio que projetou João Pessoa

Construída para ligar o Centro, onde a cidade começou, à região da praia, a principal avenida deu novos ares à “capital de todos os paraibanos”, utilizando o nome do político que gozava de prestígio nacional

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O político e jurista paraibano Epiitácio Pessoa foi responsável por transferir prestígio e respaldo de presidente do país ao seu sobrinho João Pessoa, feito governador (presidente) do Estado da Paraíba. Tal contribuição tem similaridade na projeção que a Avenida Epiitácio Pessoa conferiu à capital paraibana, rebatizada João Pessoa.

“A Epiitácio Pessoa marca não só o processo de expansão urbana de João Pessoa no século XX, como também essa mudança das elites, das famílias, das classes de alta renda dentro da cidade. Isto é, a modificação da localização de suas residências”, afirma arquiteta e professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Paula Dieb Martins que tem a história e infraestrutura da avenida como um dos seus objetos de pesquisa.

A abertura da Epiitácio Pessoa foi iniciada no final da década de 1910, como uma estrada. Desde então, atravessou várias mudanças, não apenas estéticas, mas em relação ao perfil da população pessoense.

João Pessoa é uma das poucas cidades brasileiras que começou a ser construída inicialmente no “Centro” e depois seguiu seu desenvolvimento para a praia. “No que se refere ao desenvolvimento urbano de João Pessoa, a Epiitácio conformou-se não apenas como um elemento de articulação do Centro com a orla, mas como um eixo estruturante no processo de expansão da cidade e ocupação dos bairros litorâneos no século XX”, ressaltou a pesquisadora.

“Antes, era só uma estrada que ligava a praia à cidade e não tinha muita importância. A cidade não tinha relação com a praia. Com a abertura, a praia passou a ter importância, se tornou um lugar de lazer e turismo”, destacou a arquiteta. Com a abertura da Epiitácio, surgiram grandes casarões na Epiitácio e depois seguiram para os bairros mais próximos da praia, em especial os edifícios à beira-mar.

No governo de Camillo de Holanda (1916-1920) teve início a abertura da avenida e durante a gestão de Gratuliano de Brito (1932-1934) ela foi retomada, utilizando os recursos das ações contra a seca, quando o presidente da época era Epiitácio Pessoa. A via foi concluída em 1940 e pavimentada na década de 1950, mesmo período em que foi instalada a rede de abastecimento de água, e inaugurado o calçamento (1952).

Em 1954, foi finalizada. Já a obra do viaduto sobre a BR 230 ocorreu após essa conclusão. A pavimentação asfáltica foi executada na década de 1970. “Em menos de cem anos, a Epiitácio Pessoa foi planejada, aberta, urbanizada, recebeu infraestrutura, teve suas margens loteadas e comercializadas, foi ocupada por residências, transformada em uma via principal que ligava o centro tradicional à orla marítima e caracterizada como um “subcentro diversificado, devido à instalação de atividades terciárias em novas e antigas edificações”, observa a pesquisadora.

Um estudo do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGHUFCG), aponta que, após a conclusão da via, a orla passou a ser mais frequentada, não restringindo-se apenas aos veranistas com residências, embora a Praia de Tambaú ainda não tivesse infraestrutura. Se, antes, o banho de mar era visto apenas como tratamento de saúde, isto foi modificado diante do interesse pelo lazer e esporte nas praias. Inclusive, a fonte do Tambaú (onde hoje é o Parque Arruda Câmara) também foi substituída pela praia como ponto de encontro.

A urbanização e o crescimento populacional da capital continuava nos anos 1970 e 1980 e a Epiitácio tinha uma importante função neste processo, pois eram criados novos bairros, que tinham como base o percurso por esta avenida: Torre (1937), Bairro dos Estados (1950), Expedicionários (anos 1950), os conjuntos Pedro Gondim (1968) e Brisamar (1977) além de loteamentos, como Jardim Miramar e Tambaúzinho (anos 1950) com moradias de alto padrão.



Foto: Tibor Jablonsky/Biblioteca IBGE

Acima, uma foto da época da construção da avenida e, abaixo, como está hoje, na mesma perspectiva, a principal via de João Pessoa, com prédios comerciais e residenciais que mudaram a paisagem em menos de 100 anos



Foto: Marcus Antonius

Projeto incluía um porto em Tambaú

Entre 1916 e 1920 a Paraíba ganhou destaque econômico e o preço do algodão - principal produto do estado na época - estava em alta durante a Primeira Guerra Mundial. Também chegavam recursos do Governo Federal que movimentavam muitas obras. Neste período, a abertura da Epiitácio Pessoa foi iniciada e a cidade caminhava rumo à orla marítima.

“A abertura da avenida foi iniciada no governo de Camillo de Holanda com o intuito de conectar a cidade com um porto que

seria construído na enseada de Tambaú. As duas obras tinham como um de seus objetivos melhorar o transporte do algodão produzido no estado”, relatou a arquiteta e pesquisadora Paula Dieb Martins.

Antes de ser a reconhecida via, o local era uma estrada de terra em direção a entrada de Tambaú onde havia comunidades de pescadores e a Igreja de Santo Antônio, hoje Paróquia Santo Antônio de Lisboa. Algumas pessoas já veraneavam naquela praia no século 19, só

que a estrada que viria a ser a Epiitácio era muito alagada, insalubre sem infraestrutura.

“Diante das especificidades naturais da Praia de Tambaú, a construção do porto não foi realizada. Contudo, a abertura foi mantida com o novo propósito de conformar um grande eixo de circulação e expansão da cidade. Em função da escassez de recursos públicos, que provocou a paralisação da obra na década de 1920, a obra foi finalizada apenas na década de 1940”, pontuou a professora.

Ponto de encontro

A Avenida Epiitácio Pessoa recebeu esse nome em homenagem ao paraibano Epiitácio Lindolfo da Silva Pessoa, presidente entre 1919 e 1922, além de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), juiz da Corte Internacional de Haia, senador e deputado federal.

Dois estátuas marcam seu início e fim: de um lado a estátua de Epiitácio Pessoa (no início, sentido centro-praia) e do outro a do Almirante Tamandaré (Busto de Tamandaré). Este último divide a orla dos bairros Cabo Branco e de Tambaú e hoje atrai estabelecimentos comerciais, serviços, lazer, alimentação, hotéis, residências dentre outros setores ligados ao turismo.

Segundo a Marinha do Brasil, Joaquim Marques Lisboa, conhecido como Marquês de Tamandaré, nasceu na cidade de Rio Grande (RS) no dia 13 de dezembro de 1807 e foi um militar da Armada Imperial Brasileira que atingiu o posto de almirante. Ao longo da vida dedicou-se à Marinha e, por isso, recebeu o título de Patrono da Marinha do Brasil. Ele morreu no Rio de Janeiro em 20 de março de 1897.

Um estudo do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) informa que a primeira avenida da praia foi a Almirante Tamandaré e sua estátua, inaugurada em 1953 foi instalada de forma estratégica no encontro das Avenidas Epiitácio Pessoa, Cabo Branco e Tamandaré. Hoje, o monumento divide a orla com o Largo de Tambaú, construído ao final da Epiitácio entre as Avenidas Antônio Lira, Cabo Branco, Marconila da Conceição e Almirante Tamandaré.

Este espaço atualmente é destinado às caminhadas, atividades culturais, leitura, patinação, skate, bicicleta, corrida ou simplesmente para quem deseja sentar e relaxar. Também é o local escolhido por moradores de diversos bairros para rever amigos. Muitos que passam pelo Busto e pelo Largo elogiam a tranquilidade. Um deles é Rockay Júnior, do Castelo Branco que levou Wellysson Ferreira de Maceió para um dos seus passeios à orla.

Foto: Tibor Jablonsky/Biblioteca IBGE

Uma linha não tão reta até a praia

Foto: Marcus Antonius



Estátua de Epiitácio Pessoa está no início, não planejado, da avenida

A avenida é fruto do planejamento de diversos gestores estaduais: Camillo de Holanda imaginou e iniciou a abertura; Solon de Lucena (1920-1924) a projetou e a concepção final teve a contribuição de João Pessoa (1928-1930). Era o desejo deste último que a avenida ligasse, em linha reta, o Palácio do Governo à orla da capital.

Mas tal ideia não foi viabilizada devido a erros nos levantamentos topográficos, levando a obra até a área da Praça da Independência.

Conforme a arquiteta, são muitas as histórias envolvendo a estruturação do espaço até a fase atual. “Considero que os principais desafios tenham

sido as obras de terraplanagem que possibilitaram a conexão viária do planalto com a planície costeira e da construção da ponte sobre o Rio Jaguaribe, que ainda corre ao pé do planalto”, observa.

Nos anos 1950, o Poder Público investiu na infraestrutura da área de expansão da cidade, com o objetivo de melhorar as condições dos novos bairros e atrair a população para estes espaços. “Nesse período, na Epiitácio Pessoa, foi concluída a pavimentação com paralelepípedos, instalada rede de abastecimento de água e construída nova ponte sobre o Rio Jaguaribe”, completou a arquiteta.



Colônias de pescadores

Antes da abertura e estruturação da Avenida Epiitácio Pessoa, a região da praia de João Pessoa era habitada apenas por colônias de pescadores. Famílias viviam do que a pesca oferecia, enquanto no Centro os bairros já contavam com infraestrutura urbana. O projeto de expansão da cidade contemplou, primeiramente, as pessoas que utilizavam a praia para veraneio, festas e opções de lazer afins.

José Souto

Jornalista “de tempos idos” foi procurador e gestor

Hilton Gouvêa
hiltongouvewaraju@gmail.com

José Morais de Souto nasceu em Itaporanga, no Vale do Piancó, área do alto sertão paraibano (a 427 Km da capital), em 13 de novembro de 1931. Morreu acometido de um acidente vascular cerebral, em João Pessoa, no dia 1 de julho de 2002, assim consta nos anais da Associação Paraibana de Imprensa, da qual foi presidente. Seu pai se chamava Manoel Paulino Junior e sua mãe, Anália de Moraes. De acordo com o historiador José Octávio de Arruda Mello, ele iniciou os estudos primários na Escola do Padre Vieira, em Patos, onde conheceu Deusedith Leitão, um dos renomados historiadores do Estado.

“Ele era um colunista de notícias políticas, muito bem informado, porém não detalhava os assuntos que publicava, a não ser em pequenas notas,” diz José Octávio. Luiz Ferreira, jornalista e diretor de A União na gestão do governador Ernani Sátiro, costumava fazer um enigmático trocadilho com este jornalista: “Zé Souto pensava muito e sabia mais do que pensava”. Souto sucedeu a Luiz Ferreira, como diretor de A União, no início do governo de Ivan Bichara.

Concluiu o Curso de Direito na Unipê, em João Pessoa. Nesta Faculdade lecionou na cadeira de “Problemas do Brasil”, que José Octávio define como “uma matéria criada pelo governo militar, para falar das obras do regime ditatorial que instalou-se no país a partir de 1964”. Souto atuava como jornalista muitos anos antes de formar-se. Foi debatedor e procurador da Assembleia Legislativa, a maior fonte de suas informações citadas na coluna “História de tempos idos”, que escrevia diariamente em O Norte.

Souto, que obteve apoio profissional irrestrito nos governos de Pedro Gondim (1958-60 e 1961-66), João Agripino (1966-1971), Wilson Braga (1983-1986) e Ivan Bichara (1975-1978) não era aceito pela esquerda, por causa de suas informações citadas na coluna “História de tempos idos”, que escrevia diariamente em O Norte.



Jornalista José Souto (assinando) contou com o apoio profissional dos governadores Pedro Gondim, João Agripino, Wilson Braga e Ivan Bichara

pela UFPB (2016), afirma que Souto deu apoio ao Ato Institucional nº 2 – AI-2 -, publicado no Diário Oficial da União em 25 de outubro de 1965, extinguindo todos os partidos políticos no Brasil e dando origem ao bipartidarismo, que incluía a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Na mesma dissertação, intitulada “Além do Sim Senhor – Aliança Renovadora Nacional e a Ditadura Militar (1964-1969)” – Dimitri relata que, em sua coluna diária de O Norte,

Souto observou o seguinte, em apoio ao AI-2: “Este ato se torna necessário porque os partidos não se atualizaram politicamente e só trabalhavam com o objetivo de ganhar as eleições, permanecerem no poder e criarem empregos, com a finalidade de beneficiar seus afiliados, além de controlar os líderes políticos municipais, para manter seus eleitores.” Souto ainda escreveu: “O AI-2 dará oportunidade para que as novas lideranças se atreiam melhor ao pensamento político “revolucionário” do Governo Federal.”

Foto: Arquivo

Trajetória profissional e a abertura da API para Therezinha Zerbini

A trajetória de Souto como jornalista começou em O Norte. Seu padrinho político, Ivan Bichara, era diretor deste jornal e chamou-o para trabalhar como editor. Com as mudanças sucessivas realizadas pela direção central dos Diários Associados, Souto deixou o cargo de editor e ocupou o de secretário de redação. Depois, foi colunista por muitos anos, até que o superintendente de O Norte na época, Marcene Góis, retirou esta coluna das publicações diárias.

Foi superintendente da Rádio Tabajara por duas vezes, uma delas no período 1967-71. Dirigiu A União pela última vez, no período de 14 de setembro de 1990 a 16 de março de 1991, como assinala

a sua ficha funcional. No órgão oficial da imprensa paraibana, ele se tornou amigo do jornalista e cineasta Antônio Barreto Neto - o afável Barretinho -, a quem consultava sobre assuntos de cinema e literatura. Servidores de A União e da Rádio Tabajara que trabalharam sob sua gestão, afirmam que ele se destacava como ótimo administrador.

“Minha filha adoeceu e eu tinha que passar mais de 30 dias sem comparecer ao expediente. Quando levei a questão a seu Souto, ele me liberou, sem descontar nada de meu ordenado, pois viu que se tratava de um caso grave,” relata o repórter fotográfico Ortilo Antônio, que ainda hoje trabalha em A União. “Ele era rígido,

mas sabia falar com o lado do coração quando o caso merecia”, complementa.

Deixou, como registro de sua passagem na imprensa, o livro “História de tempos idos”, que batizou com o nome de sua coluna. O livro reuniu as crônicas de autoria de José Souto. Por dois anos escreveu sobre política no Jornal de Agá, semanário de muita aceitação em João Pessoa.

“Apesar de ser adepto do regime, Zé Souto cometeu um ato elogável durante a ditadura, quando ocupava a presidência da Associação Paraibana de Imprensa,” lembra José Octávio. Em 1974, no governo de Emílio Garrastazu Médici, a advogada, feminista e ativista política Therezinha

Zerbini, iniciou a marcha pelo Brasil em prol da “anistia ampla e irrestrita”. Aqui, neste mesmo ano, ela foi barrada num baile de carnaval do Esporte Clube Cabo Branco. Outros órgãos que possuíam auditório se fecharam para ela, até a Organização das Voluntárias, que mantinha uma tradição em termos de democracia.

Zé Souto, então recentemente eleito presidente da API, permitiu que Therezinha falasse sobre a anistia, com o auditório lotado de gente da esquerda, da direita e de estudantes simpáticos a esta causa. Therezinha era esposa do general perseguido pelo governo militar, Euríales de Jesus Zerbin e cunhada do cirurgião plástico-torácico Erclydes de Jesus Zerbin.

Fotos: Arquivo



Jornalista reuniu parte de sua produção no livro “Ronda Política”, mesmo nome de sua coluna na imprensa. Na foto à direita, José Souto aparece sendo entrevistado pelos colegas Eudes Moacir Toscano e Biu Ramos



Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Observe: também há boas notícias por aí

Com tantas dores espalhadas por sites, rádios, jornais e TVs, com tantas lágrimas que estamos engolindo ou deixando escorrer pelo rosto há mais de um ano, às vezes é preciso lembrar o Jogo do Contente, que aprendi ainda criança com a personagem Pollyanna, de Eleanor H. Porter.

Sim, fazer o exercício de ver a flor e não só o espinho é necessário. Observe: também há boas notícias por aí.

Em algum portal, leio que uma senhorinha de 75 anos luta boxe para combater o Mal de Parkinson lá na distante Bélgica.

Na Inglaterra, um pescador de 25 anos devolveu ao mar uma lagosta azul raríssima e que só é vista uma vez a cada 2 milhões de aparições.

No Japão, uma idosa de 118 anos que já sobreviveu a duas pandemias (gripe espanhola e covid-19) foi escolhida para carregar a tocha olímpica nos jogos de Tóquio.

Aqui mais perto, em Guarulhos-SP, uma trupe de palhaços criou um espetáculo sobre rodas para levar risadas e máscaras às ruas.

Em Caetité-BA, um menino de 7

anos pediu que a mãe fizesse dindim. Ele queria vendê-los com o objetivo de comprar cestas básicas para famílias carentes.

Em Curitiba-PR, um grupo de ex-alunos comprou um fusca de um ex-professor endividado e devolveu o veículo ao mestre de 87 anos como presente.

Em Belo Horizonte-MG, um juiz interrompeu uma audiência virtual de conciliação para que o autor do processo pudesse acompanhar o parto da esposa.

Em Brasília-DF, um garoto de 9 anos que sofre com uma doença rara realizou o sonho de conhecer o Lago Paranoá.

No Recife, um estudante de 20 anos foi aprovado na Universidade Federal de Pernambuco após estudar em livros que achou no lixo.

Algumas dessas notícias que citei são mais novas, outras mais antigas, mas acredito que notícia que aquece o coração sempre merece ser lida e relida.



E a próxima notícia boa que eu quero ler/ouvir será sobre o meu amigo Eduardo Carneiro, que ainda está internado em decorrência da covid-19. Querido, vem logo, estamos morrendo de saudades!

(...)

Hoje, 2 de maio, faz um ano que Seu João Lúcio partiu. Quanta saudade, meu pai!

“Devagar também é pressa”.

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

O Fado

“Navegar é preciso, viver não é preciso” A emblemática frase do general romano Pompeu (*in Plutarco*) “*Navigare necesse; vivere non est necesse*” serviu de incentivo a marinheiros amedrontados, quando recusavam viajar durante uma guerra.

Fernando Pessoa (1888-1935), poeta, filósofo, dramaturgo, crítico literário, ensaísta português e outros adjetivos não menos nobres e importantes, foi quem bem nos trouxe, a fundo, a transparência do sentido deste aforismo, quando escreveu: “*Quero pra mim o espírito desta frase [...] Viver não é necessário / o que é necessário é criar...*”

Obviamente, nosso menestrel Caetano Veloso era/é leitor assíduo e conhecedor profundo da obra do vate lusitano quando nos trouxe, em seu LP homônimo, de 1969, a belíssima composição de sua lavra (letra e melodia) “Os Argonautas”. Quem não se há de lembrar dos versos “*O barco, meu coração não aguenta / tanta tormenta, alegria... / Navegar é preciso / Viver não é preciso...*” Apesar de não se tratar de fadista nato, Caetano nos conduziu a uma atmosfera autêntica de um fado mais puro, seja no que diz respeito à dolente linha melódica seja na escolha e fidelidade temática dos vocábulos que circundam sempre a pureza fadista: *tormenta, barco, madrugada, porto*, enfim das situações propícias à sua criação musical.

Se você, prezado leitor, não é um audiófilo contumaz do ritmo português, certamente, passará a ser depois de ouvir “Os

Argonautas”, seja com o autor seja com Chico Buarque, Bethânia, Elis, Ângela Maria, ou no belíssimo dueto de Marisa Monte com a atual e brilhante fadista lusa, Carminho, esta em uma gravação arrepiante.

Mas, voltemos ao fado... Para os lexicógrafos, o termo se origina do latim “*fatum*” que vem a significar “destino” o mesmo que nos deu o vocábulo “fada”. O ritmo nasceu em Lisboa, mas assumiu aspectos regionais e citadinos em Coimbra, Alfama, Mouraria, Madragoa, Tejo, Ribatejo... Enfim, trata-se de um estilo musical autenticamente português, cantado por um único cantante ou por uma única cantatriz, embora já nos tenha dado o excelente grupo MadreDeus, bastante conhecido em toda a Europa e em alguns países da América, como no Brasil, por exemplo. O acompanhamento sonoro dispensa maiores orquestras ou ritmistas, bastando-lhe apenas uma guitarra clássica e a tradicional guitarra portuguesa, mas o seu encantamento vem do contraste entre o seu tom melancólico e o seu compasso fascinante.

A UNESCO, em 2011, deu ao fado o pomposo título de “Patrimônio Cultural e Imortal da Humanidade”.

Quem vai a Portugal sempre coloca na agenda uma visita e uma “curtição” às famosas Casas de Fado, mais ou menos correspondentes aos *pubs* londrinos ou aos tradicionais *cafés* parisienses. O fado tradicional busca sua temática na saudade de tempos idos, no telerismo das cidades, no sofrimento e na dor, no destino, no amor não alcançado ou mesmo perdido, mas não esquece a alegria das interioranas danças típicas, que derivam para o alegre e contagiante ritmo do “vira”, originário da região do Minho e que nos deu, no sul do Brasil, a famosa chula

gaúcha, sua irmã gêmea sonora e dançante. No gênero, é lembrado Roberto Leal.

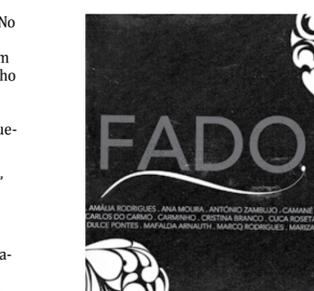
Antes que me esqueça, o fado também se modernizou, como nos mostra Carminho no seu “Pop Fado”.

Homenageemos, então, alguns dos grandes fadistas, com a anexação de pequenas *play-lists*:

- Amália Rodrigues – (Lisboa, 1920-1999), conhecida como a “voz de Portugal” ou a “Edith Piaf francesa”, cujas interpretações serviram/servem de lume a outros cantores: Lisboa Antiga, Coimbra (*Avril ou Portugal*), Uma Casa Portuguesa, Ai, Mouraria, Foi Deus, Nem às paredes confesso;
- Tristão da Silva – (Lisboa, 1927-1978): Lisboa é sempre Lisboa, Canção do Mar, Ai se os meus olhos fálassem, Nem às paredes confesso, Aquela janela virada pro mar;
- Carlos do Carmo – (Lisboa, 1939-2021), cognominado de a “voz de Lisboa”: Lisboa – Menina e Moça, Canoas do Tejo, Fado da Saudade;
- Francisco José – (Évora, 1924-Lisboa, 1988), responsável direto pela popularização e “consumismo” do fado no Brasil: Olhos Castanhos, Só nós dois, Foi Deus, Nem às paredes confesso, Tudo isto é fado.

Na turma mais recente, merecem destaque:

- Mariza – (Maputo/Moçambique, 1973), considerada uma espécie de embaixadora do fado no Brasil: Feira de Castro, Fado português de nós, Barco Negro, Maria Lisboa, Recusa;
- Dulce Pontes – (Montijo, 1969), reconhecida intérprete pop internacional, não esqueceu suas raízes fadistas: Canção do Mar, Amor a Portugal, Lusitana Paixão, Meu



Alentejo, Laurindinha;

- Raquel Tavares – (Lisboa, 1985), apresentadora em TV, atriz, mas, sobretudo fadista: Lisboa, meu amor Lisboa, Lisboa Garrida, Rosa de Madragoa, A Nuzed do meu Fado. (Gravou um excelente álbum, interpretando Roberto Carlos, de cuja afeição é merecedora);
- Gisela João – (Barcelos/Portugal, 1983): Antigamente, Senhor Extraterrestre, Mariquinhas, Madrugada sem sono, Voltaste. (Há uma excelente gravação de “As rosas não falam” (Cartola));
- Carminho – (Lisboa, 1984), excelente compositora, já muito conhecida no Brasil, uma das mais consagradas fadistas da nova geração: Carta a Lisboa, A Bia da Mouraria, O Tejo corre no Tejo, Marcha da Alfama e a citada Pop Fado. (Emocionante é a sua interpretação, em dupla com Alceu Valença, de “Recife”, de Luís Bandeira: “*Voltei, Recife / Foi a saudade quem me trouxe pelo braço...*”)

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walthoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

O que é que a Paraíba é?

Esta semana foi bem interessante, pois recebi convite para conhecer o novo cardápio de almoço do Restaurante Dona Branca, a primeira e, hoje, a única casa de cachaça na Paraíba, e que conta com sabores inigualáveis.

A Paraíba é muito rica na sua área gastronômica, além de ter grandes nomes de cachaças premiadas no mundo todo, mesmo não estando hoje nos rankings de maiores produtores. Mesmo assim, sempre é lembrada e seus produtos estão em cada região e por que não falar no mundo todo.

Citando alguns, vamos falar do abacaxi, banana, laranja, inhame, macaxeira, a própria cana-de-açúcar da fabricação da cachaça... e por aí vai. O que me chamou mais atenção foi querer saber que, além de muitos pratos típicos de nosso estado, o Dona Branca trabalha com linha de pratos da culinária internacional, como tem todos os dias no almoço o sirva-se a vontade do parmegiana e alguns tipos de carnes no espeto deliciosas, mas isso vou falar no final.

Nós temos uma vertente sempre muito forte na gastronomia, partindo da capital João Pessoa até a última cidade da Paraíba - que se chama Cachoeira dos Índios -, já fazendo

divisa com o estado do Ceará.

Então, existe procura por muitos pratos típicos da nossa região. Porém, essa gastronomia tem uma mistificação cultural dos indígenas e africanos que no passado colocaram seus dotes de chefs de cozinha e criaram pratos fantásticos, que muitos vão salivar agora: mungunzá doce e salgado, tapioca doce e salgada ou o beju, cuscuz de várias formas e comidas de milho, buchada, rubação ou baião - também chamado de baião de 2, variando em cada região -, arroz da terra no leite, carne de sol na macaxeira cozida com manteiga da terra, galinha de cabidela, bode cozido, carneiro na brasa... mas esses pratos não estão firmados na história da gastronomia tipicamente falada, não existem relatos que alguns desses pratos sejam verdadeiramente típicos paraibanos.

Mas um sim, este tem uma base de 99% de ser típico paraibano, e na minha posição de chef de cozinha vejo que ele é pouco divulgado e até pouco consumido pelos paraibanos. E o mais engraçado é que por se tratar de um prato completo, nos cardápios ele é colocado como um petisco ou seja um

tira gosto, como se fala nas mesas dos bares, botecos. Será que você sabe qual é?

Bom, é um prato feito basicamente de feijão verde, farofa refogada, vinagrete com cebola roxa, e carne de charque. Se você falou arrumadinho, então você acertou, só que este arrumadinho é o arrumadinho mesmo, não aquele que se mistura tudo, ele vem separado em cada linha do prato o que é servido.

Em alguns lugares houve adaptações para agradar a clientela, mudando o feijão para outro tipo, a mudança da carne como carne de sol ou linguiça calabresa, a mudança da cebola para a branca e da farofa refogada, para o cuscuz refogado e ovo picadinho.

Essa é a nossa gastronomia rica em valores, cultura, sabores, que hoje eu como chef de cozinha amo criar e adaptar sem fugir da origem com toque de cachaças, molhos de frutas locais. Amor à nossa terra e o que temos de melhor.

E lá no Dona Branca você também vai encontrar o arrumadinho delicioso, além de saborear cachaças variadas e de um bom gosto fenomenal.

Viva a gastronomia de nossa região!



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Arrumadinho paraibano

Ingredientes

- 700g de carne de charque ou sol
- 300g de feijão verde
- 150g de farinha de mandioca refogada na cebola
- 4 dentes de alho picadinhos
- 2 tomates grandes picados
- 1 pimentão verde picado
- 2 cebolas roxas ou brancas médias picadas
- 1/2 maço de coentro picado
- Sal a gosto
- Azeite e vinagre suficientes para regar o vinagrete que acompanha o prato

Modo de preparo:

- Cozinhe o feijão em um litro de água com sal a gosto, e um pouco de coentro.
- Leve a charque para ferver em dois litros de água.
- Depois de levantar fervura, deixe ferver por mais dez minutos.
- Depois de cozida, corte-a em cubinhos.
- Refogue a charque na manteiga da terra no ponto que você queira.
- Para fazer a farofa, refogue na manteiga da terra os quatro dentes de alho bem picadinhos.
- Quando estiverem dourados, acrescente a farinha.
- Misture tudo e está pronta a sua farofa.
- O prato é servido com vinagrete: pique o tomate, o coentro e a cebola e tempere com sal, azeite e vinagre de seu sabor.
- O arrumadinho fica pronto ao decorar o prato: arrume conforme a fotografia, na sequência de fileiras. Se você tiver Instagram me marca no seu prato que vou repostar no meu story @walthoulysses

QUENTINHAS

A marca de gastronomia do Pão de Açúcar, Cheftime, já preparou opções de menu completo e encomendas abertas para tornar este Dia das Mães ainda mais delicioso e especial. São quatro opções de menu completo, entradas, aperitivos, acompanhamentos, pratos principais, sobremesas para fazer da data um momento presente, mesmo que à distância. As opções são: Kit Pernil Suíno Acebolado para até 6 pessoas (R\$ 169,90); Kit Sobrecoxa para até 4 pessoas (R\$129,00); Kit de Feijoada para até 4 pessoas (R\$38,90) e a opção vegetariana, Kit Lasanha Plant-based para até 3 pessoas (R\$52,90). O serviço pode ser solicitado até em 48h pelo WhatsApp do App no número (11) 4899-1060, a retirada terá o horário agendado.

Vou deixar uma dica bem importante: se algum deputado estadual tivesse a ideia de colocar em pauta um projeto de lei colocaria um projeto em que todos os bares e restaurantes da Paraíba deveriam ter, em seu estoque de bebida alcoólica, o valor de 10% de cerveja zero álcool. Pois, além de evitar que as pessoas que vão ao local não tenham a desculpa de ter bebido álcool por falta da opção de ter a sem álcool. Essa é uma dica bem importante.

Vamos aproveitar que já está chegando perto do Dia das Mães, que será no próximo domingo, e vamos fazer nossos pedidos e com isso gerar emprego e renda, para nossa classe que vem tão em baixa que é a da gastronomia, faça sua parte fazendo um pedido em um delivery de um restaurante e não fazendo com que a mamãe vá para a cozinha. Fica a dica!

PITADAS A GOSTO



A primeira cachaça teria sido destilada entre 1516 e 1532, em algum engenho do litoral; dentre elas, destacamos três: em Pernambuco, nas feitorias de Itamaracá, Igarassu e Santa Cruz, entre 1516 e 1526; há registros de importação de açúcar pernambucano para Lisboa em 1526, o que fortalece essa versão; em Porto Seguro, Bahia, em 1520, onde há indícios da existência de engenho de açúcar; no litoral de São Paulo, entre 1532 e 1534, no Engenho São Jorge dos Erasmos, também conhecido como Engenho do Governador, um empreendimento de quatro portugueses, entre eles Martim Afonso de Souza, e do holandês Johan van Hielst.

E, hoje, a Paraíba é dona dos principais prêmios de cachaças no mundo todo.